ANNO XXXI. N. 2.

QUARTA FEIRA 3 DE JANEIRO DE 1855.

Por 3 mezes adiantados 4,000.
Por 3 mezes vencidos 4,500.

Por anno adiantado 15,000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇÃO.
Recife, o proprietario M. F. de Faria; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins; Bahia, o Sr. D. Duprad; Maceió, o Sr. Joaquim Bernardo de Mendonça; Parahiba, o Sr. Gervazio Victor da Natividade; Natal, o Sr. Joaquim Ignacio Pereira Junior; Aracaty, o Sr. Antonio de Lemos Braga; Ceará, o Sr. Victoriano Augusto Borges; Maranhão, o Sr. Joaquim Marques Rodrigues; Pará, o Sr. Justino José Ramos; Amazonas, o Sr. Jeronymo da Costa.

CAMBIOS.
Sobre Londres, a 28 d. por 1$000.
« Paris, 342 rs. por 1 f.
« Lisboa, 105 por 100.
« Rio de Janeiro, 2 por 0/0 de rebate.
Acções do banco 40 0/0 de premio.
» da companhia de Beberibe ao par.
» da companhia de seguros ao par.
Disconto de lettras de 8 a 10 por 0/0.

METAES.

Ouro.—Onças hespanholas . . .	29$000
Moédas de 6$400 velhas. .	16$000
» de 6$400 novas. .	16$000
» de 4$000. . . .	9$000
Prata.—Patacões brasileiros. . . .	1$940
Pesos columnarios, . . .	1$940
» mexicanos.	1$860

PARTIDA DOS CORREIOS.
Olinda, todos os dias.
Caruarú, Bonito e Garanhuns nos dias 1 e 15.
Villa-Bella, Boa-Vista, Exú e Ouricury, a 13 e 28.
Goianna e Parahiba, segundas e sextas-feiras.
Victoria e Natal, nas quintas-feiras.

PREAMAR DE HOJE.
Primeira ás 4 horas e 30 minutos da tarde.
Segunda ás 4 horas e 54 minutos da manhãa.

AUDIENCIAS.
Tribunal do Commercio, segundas e quintas-feiras.
Relação, terças-feiras e sabbados.
Fazenda, terças e sextas-feiras ás 10 horas.
Juizo de orphãos, segundas e quintas ás 10 horas.
1ª vara do civel, segundas e sextas ao meio dia.
2ª vara do civel, quartas e sabbados ao meio dia.

EPHEMERIDES.
Janeiro. 2 Lua cheia as 5 horas, 48 minutos e 33 segundos da manhãa.
» 11 Quarto minguante ás 2 horas, 7 minutos e 38 segundos da tarde.
» 18 Lua nova as 6 horas, 17 minutos e 36 segundos da manhãa.
» 24 Quarto crescente a 1 hora, 48 minutos e 32 segundos da manhãa.

DIAS DA SEMANA.
1 Segunda. ✠ Circumcisão do Senhor.
2 Terça. S. Isidoro b.; S. Argeo m.
3 Quarta. S. Aprigio b., S. Antero p. m.
4 Quinta. S Tito b.; S. Prisco presb. m.
5 Sexta. (Vigilia da Epiphania) S. Simeão E.
6 Sabbado. ✠ Epiphania (Manifestação do Sr.)
7 Domingo. 1.º depois de Reis; regresso do Menino Jesus ao Egypto; S. Luciano presb.

PARTE OFFICIAL.

MINISTERIO DA FAZENDA.

Decreto n. 1489 de 20 de dezembro de 1854.

Approva duas das modificações propostas aos estatutos do Banco do Brasil pela assembléa geral de seus accionistas.

Sendo-me presentes as modificações propostas aos estatutos do Banco do Brasil pela assembléa geral de seus accionistas em sessão de 20 de setembro ultimo, e tendo ouvido sobre ellas a secção dos negocios da fazenda do conselho de estado: Hei por bem de conformidade com a minha imperial resolução de 16 do corrente mez, approvar das modificações propostas, sómente as seguintes:

1.º Que o Banco possa adiantar dinheiro em conta corrente sobre cautelas da casa da moeda (de ouro nella recolhido para ser cunhado), até ao seu valor liquido legal, uma vez que sejam previamente transferidas do Banco.

2.º Que o abatimento na importancia das lettras que forem recebidas como penhor seja pelo menos de 10 por cento do seu valor liquido, ficando livre ao governo o direito de revogar esta concessão, se della resultarem inconvenientes.

O marquez de Paraná, conselheiro de estado, senador do imperio, presidente do conselho de ministros, ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda e presidente do tribunal do thesouro nacional assim o tenha entendido e faça executar.

Palacio do Rio de Janeiro em 20 de dezembro de 1854, trigesimo terceiro da independencia e do imperio.—Com a rubrica de S. M. o Imperador.—*Marquez de Paraná.*

MINISTERIO DA MARINHA.

Aviso n. 84 de 29 de novembro de 1854.

Manda observar o regulamento relativo ao córte de madeiras de construcção naval na provincia do Pará.

Illm. e Exm. Sr.—Sua Magestade o Imperador houve por bem ordenar que se abrisse nessa provincia, sobre as margens do rio Acará, ou onde mais convier, o corte de madeiras de construcção naval, para abastecimento do respectivo arsenal de marinha, observando-se nesse serviço o regulamento annexo ao presente aviso: o que communico a V. Ex. para sua intelligencia e execução. Deos guarde a V. Ex.—*José Maria da Silva Paranhos.*—Sr. presidente do Pará.

REGULAMENTO PARA O CORTE DE MADEIRAS DE CONSTRUCÇÃO NAVAL ABERTO NA PROVINCIA DO PARA'.

Da administração e pessoal do estabelecimento.

Art. 1.º O corte de madeiras de construcção naval aberto na provincia do Pará ficará sujeito á inspecção do arsenal de marinha da mesma provincia, e terá uma administração especial, composta dos seguintes empregados:

Um director (official da armada).
Um ajudante.
Um escrivão.
Um encarregado.

Art. 2.º O serviço do corte, preparo das madeiras etc., será feito por dous carpinteiros, dous ferreiros e trinta trabalhadores.

Art. 3.º Haverá mais no estabelecimento um destacamento de dez praças do exercito, da força policial da provincia ou dos corpos de marinha, commandado por um inferior.

Do director.

Art. 4.º O director he o chefe e o principal responsavel pelo estabelecimento, sendo-lhe subordinados todos os outros empregados da administração, operarios, trabalhadores e o destacamento.

Compete ao director:

§ 1.º A direcção, fiscalisação, economia e disciplina geral do estabelecimento.

§ 2.º Informar todos os mezes á inspecção do arsenal de marinha sobre as novidades que tenham occorrido no estabelecimento, e sobre o estado e trabalhos deste, dar conta do cumprimento das ordens que tiver recebido, e propôr quaesquer medidas que a pratica for indicando como convenientes.

§ 3.º Regular a divisão do trabalho do modo mais proficuo e economico, e ordenar os cortes, que não deverão effectuar-se na época do brote das arvores e sim proximamente antes.

§ 4.º Fiscalisar a boa qualidade dos comestiveis e mais objectos que se fornecerem ao estabelecimento, bem como a sua arrecadação e consumo, afim de evitar toda a fraude, deterioração ou disperdicios.

§ 5.º Attender a que o expediente é a escripturação andem sempre em dia.

§ 6.º Castigar correccionalmente com a suspensão do exercicio, prisão que não exceda de oito dias, e perdimento da ração, aquelles dos seus subordinados que o merecerem por máo comportamento ou falta de cumprimento de deveres; salvos os casos graves, em que deverá dar logo parte á autoridade competente, conservando no entretanto o delinquente preso com as cautelas necessarias.

Do ajudante.

Art. 5.º Incumbe ao ajudante:

§ 1.º Substituir o director nos seus impedimentos e coadjuva-lo em tudo quanto por elle for ordenado e seja concernente ao serviço do estabelecimento.

§ 2.º Vigiar e activar o serviço, não só dos operarios e trabalhadores, como do destacamento.

§ 3.º Participar ao director qualquer occurrencia, providenciando de prompto se o caso o exigir.

§ 4.º Informar ao director sobre o pessoal do estabelecimento, indicando aquelles que mais se distinguirem por sua aptidão, actividade e moralidade.

§ 5.º Fazer numerar, marcar e medir as madeiras preparadas, e depois avalia-las e conduzi-las para os depositos.

Do escrivão.

Art. 6.º Incumbe ao escrivão:

§ 1.º O comprimento das ordens que receber do director, ou do ajudante no impedimento daquelle.

§ 2.º Trazer todo o expediente e escripturação sempre em dia, como adiante se prescreve.

§ 3.º Organisar as relações das madeiras preparadas, todas as vezes que for necessario, assim como as folhas de pagamento dos empregados, ferias dos operarios e trabalhadores, e o pret do destacamento,

§ 4.º Fazer o ponto diario dos operarios e trabalhadores em occasião de irem para o serviço, e conferi-lo depois com o ponto particular do mestre.

§ 5.º Apresentar ao director mensalmente, ou por trimestres, a conta da receita e despeza do estabelecimento, bem como a demonstração do que existir em deposito.

§ 6.º Encerrar as contas e fazer a remessa dos livros e documentos, no tempo competente, para serem liquidadas e revistas pelas repartições respectivas.

Do encarregado.

Art. 7.º Incumbe ao encarregado:

§ 1.º Cuidar da arrecadação e guarda das madeiras, e de tudo que for recebido no estabelecimento, ou seja em dinheiro, ou em generos, ficando responsavel por qualquer extravio ou damno que resulte de negligencia ou abuso de sua parte.

§ 2.º Satisfazer mensalmente aos empregados, operarios, trabalhadores e praças do destacamento os seus vencimentos e rações, á vista de folhas, prets ou outros documentos legaes.

§ 3.º Receber das repartições competentes as quantias que forem necessarias para pagamento dos vencimentos do pessoal do estabelecimento ou qualquer outra despeza, na forma determinada neste regulamento.

§ 4.º Entregar ao mestre as ferramentas e mais apprestos para o serviço, recebendo delle as cautelas precisas.

Dos operarios e trabalhadores.

Art. 8.º Um dos carpinteiros será o mestre do serviço do córte e preparo das madeiras, e como tal compete-lhe:

§ 1.º Acompanhar os operarios e trabalhadores para o lugar do corte, e dirigir este serviço.

§ 2.º Alinhar os páos derrubados, segundo as peças que delles se possam tirar, e vigiar que sejam falquejados com intelligencia e cuidado.

§ 3.º Medir, contar e relacionar as peças de madeira que produzirem os paos derrubados, dando depois conhecimento de tudo ao ajudante.

§ 4.º Receber do encarregado a ferramenta e mais objectos necessarios para o córte, arrasto e falquejamento das madeiras, passando-lhe as cautelas precisas, e ficando responsavel pela sua guarda e conservação.

§ 5.º Designar os operarios que devam nas occasiões proprias, marcar e numerar ás madeiras cortadas ou preparadas.

Art. 9.º O 2.º carpinteiro substituirá o que serve de mestre nos seus impedimentos, e sob a sua direcção e vigilancia será especialmente empregado no falquejamento e preparo das madeiras.

Os ferreiros farão todos os trabalhos do seu officio que se tornarem necessarios ao serviço da fabrica.

Os trabalhadores farão, como os operarios, todo o serviço que lhes for ordenado pelo mestre, e serão especialmente empregados no córte e arrasto das madeiras e no asseio das casas e quartel.

Art. 10.º Um dos trabalhadores que for da confiança do encarregado será nomeado pelo director para coadjuvar aquelle empregado na arrecadação e conservação dos objectos á seu cargo, ficando para esse fim dispensado do mais serviço.

Do destacamento.

Art. 11. O destacamento será empregado na guarda e policia do estabelecimento, conforme as ordens do director ou do ajudante.

Delle se tirarão, sempre que for preciso, algumas praças para acompanharem ao serviço os operarios e trabalhadores.

Será rendido pelo menos de tres em tres mezes, podendo á requisição do director ser conservado por mais tempo.

Da escripturação do estabelecimento.

Art. 12. A escripturação do estabelecimento constará dos livros seguintes:

§ 1.º Um escripturado classificadamente e em fórma de mappa, modello n. 1, para o lançamento da receita e despeza, tanto em dinheiro como em generos, a cargo do encarregado.

§ 2.º Um de talão, modelo n. 2, para as guias de conducção que devem acompanhar as madeiras que sahirem para os diversos destinos, conforme as ordens que receber o director.

Neste livro se averbará á margem as entregas nos differentes lugares, á medida que ellas se forem effectuando.

§ 3.º Um, tambem classificado, modelo n. 3. para registro das ordens recebidas e expedidas pelo director, bem como a correspondencia official.

§ 4.º Um para o assentamento de todo o pessoal do estabelecimento, modelo n. 4.

Neste livro devem averbar todas as alterações e pagamentos que se fizerem.

Art. 13. De todas as folhas, ferias e prets ou outros quaesquer documentos que se organisarem para o pagamento do pessoal, se extrahirão segundas vias que serão numeradas e convenientemente archivadas para solução de quaesquer duvidas futuras.

Art. 14. No fim de cada anno financeiro se fecharão as contas do livro de receita e despeza, se fará o inventario do que existir, o qual devera ser carregado na conta nova, por despacho do director, extrahindo-se depois o competente conhecimento em forma para o encerramento da conta anterior.

Se houver saldo em dinheiro será elle entregue na thesouraria de fazenda ou recebedoria proxima ao lugar do estabelecimento, obtendo o encarregado o competente documento para a sua descarga.

O livro de receita e despeza assim encerrado será enviado, com o livro de talão e os documentos, para a contadoria da marinha, afim de proceder-se a necessaria liquidação e revisão pelo thesouro.

Da medição, numeração, marcação e remessa das madeiras.

Art. 15. As madeiras serão medidas, numeradas e marcadas pouco antes ou na occasião do embarque, conforme as regras seguintes:

§ 1.º A medição será feita pelo mestre, a numeração e a marcação pelos outros operarios sob a inspecção daquelle.

§ 2.º As marcas serão feitas a fogo na cabeceira ou topo de cada páo ou taboa, e constarão: 1.º da lettra indicativa do lugar do córte; 2., da lettra que corresponder a denominação do páo ou taboa, conforme a tabella n. 5: e 3., dos dous ultimos algarismos do anno em que se fizer a remessa.

§ 3.º A numeração será escripta na cabeceira ou topo de cada pao ou taboa, com tinta encarnada a oleo, formando-as tantas series quantas forem as especies e formas distinctas.

Art. 16. A remessa das madeiras nunca se fará sem ir acompanhada de uma guia extrahida do livro de talão respectivo.

As guias deverão declarar o seguinte: 1., o porto onde se embarcarem as madeiras e o lugar da córte; 2., o numero, qualidade e dimensões de cada pao ou taboa; 3., o seu preço, segundo a avaliação feita no estabelecimento.

Art. 17. O inspector do arsenal mandará examinar e avaliar pelos mestres respectivos, no acto do desembarque, as madeiras que forem remettidas, para fixar o seu valor, e verificar a sua quantidade e qualidade, conforme as marcas e guias de conducção, separando-se as que tenham racha, podridão ou broco. Feito o exame, avaliação e escolha, as fara arrecadar em telheiros proprios, arranjando-as em lotes de iguaes dimensões.

E no livro proprio se fará o competente lançamento das madeiras assim recebidas, e delle se extrahirá conhecimento em forma para a conta do encarregado.

Art. 18. O director requisitará ao inspector do arsenal os fornecimentos de que carecer, e sempre com antecedencia, afim de não haver a menor falta.

Art. 19. Os pedidos, quer sejam de dinheiro, quer de generos, deverão ser feitos pelo escrivão, e assignados tanto por elle, como pelo encarregado, tendo a rubrica do director, ou do ajudante no caso de impedimento daquelle.

Os pedidos de dinheiro, que serão satisfeitos pela thesouraria, levarão tambem o visto do inspector do arsenal.

Art. 20. Haverá no estabelecimento um livro intitulado de presença a cargo do escrivão, no qual todos os empregados, á excepção do director, assignarão diariamente os seus nomes por extenso, por assim provarem o seu exercicio effectivo.

Desse livro extrahirá o escrivão mensalmente o ponto dos mesmos empregados para ser remettido ao inspector do arsenal, fazendo o competente desconto na folha respectiva, todas as vezes que a falta não for justificada a juizo do director.

Art. 21. Os empregados, operarios, trabalhadores e praças do destacamento terão os vencimentos constantes da tabella n. 6, annexa a este regulamento.

Art. 22. Tantos os individuos pertencentes á administração, como os operarios e trabalhadores, residirão no estabelecimento, do quel se não poderão ausentar sem prévia licença do presidente da provincia, ou do director, que sómente a podera conceder até tres dias, sem prejuizo do serviço e da fiscalisação.

Art. 23. O director, o ajudante, o escrivão e o encarregado serão da nomeação da secretaria de estado.

Os operarios e trabalhadores serão nomeados ou contratados pela inspector do arsenal.

Palacio de Rio de Janeiro, em 29 de novembro de 1854.—*José Maria da Silva Paranhos.*

Rio de Janeiro. — Ministro dos negocios da marinha, 11 de dezembro de 1854.—Illm. e Exm. Sr.—Vencendo soldo e antiguidade os officiaes do corpo da armada que se acham com licença do governo empregados nos vapores da companhia de paquetes, e nos de outras companhias de navegação nacionaes por ser esse serviço, conforme as disposições vigentes, equiparado ao dos navios de guerra, estão os ditos officiaes sujeitos á disciplina militar, e assim devem comportar-se para com os seus superiores, e observar no desempenho das referidas commissões os preceitos do serviço naval militar, em tudo que forem compativeis: Ordena portanto Sua Magestade o Imperador que V. Exc. assim o faça sentir aos sobreditos officiaes, e designadamente lhes advirta que devem remetter copia de suas derrotas a esse quartel-general para terem o conveniente destino, e ahi apresentar-se sempre que entrarem ou sahirem deste porto, e nas provincias aos respectivos presidentes, e que nessas occasiões, bem como a bordo dos navios que commandarem ou em que servirem, deverão usar dos uniformes e trajos militares como se estivessem em serviço a bordo de navios de guerra. Deos guarde a V. Exc.—*José Maria da Silva Paranhos.*—Sr. Miguel de Souza Mello e Alvim.

COMMANDO DAS ARMAS.

Quartel do commando das armas de Pernambuco, na cidade do Recife, em 2 de janeiro de 1855.

ORDEM DO DIA N. 196.

O coronel commandante das armas interino faz publico para sciencia da guarnição, e devido effeito, que o governo de S. M. o Imperador houve por bem, por aviso do ministerio dos negocios da guerra, de 15 de julho do anno findo, nomear delegado de cirurgião-mór do exercito nesta provincia ao Sr. 1.º cirurgião tenente do corpo de saude do mesmo exercito, Dr. Praxedes Gomes de Souza Pitanga.

Manoel Muniz Tavares.

Conforme.— *Candido Leal Ferreira*, ajudante de ordens encarregado do detalhe.

INTERIOR.

Rio de Janeiro.

17 de dezembro de 1854.

Por decreto de 11 do corrente mez:

Foi reconduzido o bacharel Manoel Clementino Carneiro da Cunha, no lugar de juiz municipal da 1.ª vara do termo do Recife.

Foram apresentados nas freguezias:

Do Divino Espirito Santo, de Vai-vem, do bispado de Goyaz, o padre Joaquim Ignacio Rodrigues.

De Nossa Senhora da Madre de Deos, do Catalão do mesmo bispado, o padre Luiz Antonio da Costa.

Foi concedida ao bacharel João Carlos da Silva Telles a demissão que pedio do lugar de juiz municipal e de orphãos dos termos reunidos de Atibaia e Bragança, da provincia de S. Paulo.

Por decreto de 12 do mesmo mez:

Foi perdoada:

A Policarpo José Barbosa a pena de dous mezes de prisão e multa a que foi condemnado por sentença do juiz municipal da segunda vara da côrte.

A Joaquim Marques dos Santos a pena de um mez de prisão e multa, a que foi condemnado por sentença do juiz municipal da 2.ª vara da côrte.

Foi commutada em galés perpetuas a pena de morte imposta ao réo Manoel, escravo, por sentença do jury da cidade de Santos, da provincia de S. Paulo.

Foram nomeados:

Juiz municipal e de orphãos dos termos reunidos de Atibaia e Bragança, da provincia de S. Paulo, o bacharel Joaquim Pedro Villaça.

Major commandante da segunda secção do batalhão de reserva da guarda nacional do municipio de Itaparica, da provincia da Bahia, o capitão Manoel de Lima Pacheco Pitta e Argolo.

Majores ajudantes d'ordens do commando superior da guarda nacional do municipio do Páo d'Alho da provincia de Pernambuco, Sebastião José de Barros Barreto e Caetano Corrêa de Amorim.

Capitão secretario geral do mesmo commando, Francisco Brasileiro de Albuquerque.

Capitão quartel-mestre dito dito, Antonio Joaquim Camello.

Majores ajudantes de ordens do commando superior da guarda nacional dos municipios de Bonito e Camarú da mesma provincia, João Bezerra de Vasconcellos Franco e José Francisco Coelho da Silva Vieira.

Capitão secretario geral do dito commando, Francisco Quintino da Silva Vieira.

Capitão quartel-mestre dito dito, Jozino Bezerra de Vasconcellos Torres.

Majores ajudantes de ordens do commando superior da guarda nacional do municipio de Goianna da mesma provincia, Arminio Americo Tavares da Cunha Mello e Honorato Olimpio da Cunha Rego Barros.

Capitão secretario geral do dito commando, o Dr. João Floripes Dias Barreto.

Capitão quartel mestre dito dito, Felismino Francisco Fernandes.

Capitão cirurgião-mór dito dito, o Dr. José Joaquim Firmino:

Por decretos de 15 do mesmo mez foram removidos:

O desembargador Antonio Baptista Gitirana, da relação do Maranhão, para a de Pernambuco.

O juiz municipal e de orphãos, Antonio de Souza Mendes Junior, dos termos reunidos do Principe Imperial e Marvão, para os da Barra e Valença, da provincia do Piauhy, por o haver pedido.

Foram nomeados:

Desembargador da relação do Maranhão, o juiz de direito Antonio Manoel Fernandes Junior.

Juiz municipal e de orphãos do termo da Barra Mansa na provincia do Rio de Janeiro, o bacharel Carlos Augusto da Silveira Lobo.

Idem, idem dos termos reunidos da Victoria e Espirito Santo, da provincia deste nome, o bacharel João Cavalcanti de Albuquerque.

Idem, idem, aos dos Parahybuna e Rio Preto, na provincia de Minas Geraes, o bacharel José Feliciano Dias de Goua, ficando sem effeito o decreto que o nomeava para o termo do Serro.

Idem, idem, dos de Vigia e Cintra, na provincia do Pará, o bacharel Gratuliano da Silva Porto.

Idem, idem do de Maués, na provincia do Amazonas, o bacharel Claudino José dos Santos Leal.

Idem, idem do da Barra do Rio Negro e Barcellos, da mesma provincia, o bacharel Gaspar de Menezes Vasconcellos de Drummond.

Idem, idem do de Catalão da provincia de Goyaz, o bacharel Manoel de Oliveira Cavalcanti.

Idem, idem do de Cavalcanti, da mesma provincia, o bacharel Belarmino Peregrino da Gama Mello.

Idem, idem do de Oliveira, na provincia de Minas Geraes, o bacharel Francisco Antonio de Borba.

Idem, idem do do Serro na mesma provincia, o bacharel José Joaquim dos Santos Junior.

Idem, idem do do Principe na provincia do Paraná, o bacharel Manoel de Barros Wanderley Lins.

Idem, idem do de Alegrete, na provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, o bacharel Francisco Garcia do Amaral.

Idem, idem do de Santo Antonio da mesma provincia, o bacharel Manoel Filippe da Fonseca.

Idem, idem do da Cruz Alta, da mesma provincia, o bacharel Abrahão dos Santos Sá.

O bacharel Abrahão dos Santos Sá, director dos telegraphos da côrte e o 1.º tenente do corpo de engenheiros, Sebastião de Mello e Souza e Menezes, tabellião do registro geral das hypothecas da comarca de S. João do Principe, o escrivão de orphãos Justiniano Maria dos Santos.

Foi apresentado na freguezia de S. João Baptista da cidade de Camotá do bispado do Pará, o padre Seraphim dos Anjos Sacramento.

Tiveram mercê da serventia vitalicia dos officios de

Segundo tabellião do publico judicial e notas, e escrivão privativo do jury e execuções criminaes da cidade de Guaratinguetá da provincia de S. Paulo, Antonio Casimiro de Macedo e Sampaio.

Escrivão do civel e crime e tabellião do judicial e notas da comarca de Goianna, da provincia de Pernambuco, Joaquim José da Costa Leite.

(*Diario do Rio de Janeiro.*)

Lê-se na *Revista Maritima* de 15 do corrente:

« O VAPOR MARACANAN.

« A quilha deste vaso, pertencente á armada brasileira, foi posta no estaleiro em o dia 17 de agosto; em o dia 18 de outubro se tinha terminado a construcção, e no dia 26 do mesmo mez, he provavel que estivessem concluidos os arranjos que se costuma posteriormente fazer.

« O carvalho, a téca e o ferro, dão ao casco a desejada solidez. O systema de construcção he identicamente o mesmo dos *gun-boats* inglezes destinados ao serviço de guerra no Baltico. Ha comtudo uma differença notavel no armamento do *Maracanan* em comparação aos dos vapores que lhe serviram de modelo. Estes montam peças de 56 de *Lancaster*, emquanto aquelle apenas tem no convez rodizios de 32, que prohibiram abrir uma escotilha indispensavel para a praça de armas.

« O apparelho he semelhante aos dos *gun-boats* citados.

« A experiencia do *Maracanan* custou ao primeiro tenente Leitão, incumbido de inspeccionar a construcção e arranjos internos, o indefectivel *luncheon*, ao qual compareceram pessoas distinctas, entre ellas o nosso ministro em Londres e sua familia.

« Consta-nos que o digno official da armada brasileira desempenhou a commissão que lhe foi incumbida com zelo, actividade e pericia, e que o Sr. Macedo praticou a justiça de recommenda-lo ao governo imperial.

« O *Maracanan* deve em breve entrar neste porto, procedente de Falmouth. »

(*Jornal do Commercio do Rio.*)

—24—

Por decreto de 15 do corrente:

Teve mercê da serventia vitalicia do officio de escrivão da segunda vara municipal da côrte, Antonio Joaquim Xavier de Mello.

Por decreto de 18 do mesmo mez:

Foi apresentado na dignadade de mestre escola da Sé Metropolitana, o conego de prebenda inteira Manoel Moreira dos Santos.

Por decretos da 19 do mesmo mez foram nomeados:

Chefe de estado-maior do commando superior da guarda nacional da capital da provincia da Bahia, o major de primeira linha do exercito, Antonio Joaquim de Magalhães Castro.

Majores ajudantes de ordens do commando superior da guarda nacional do municipio de S. João e Cabaceira na provincia da Parahiba, Euzebio Joaquim da Silva e Luiz Gomes da Silveira.

Capitão secretario geral, dito, dito, Deodato Villar de Carvalho.

Capitão quartel-mestre, dito dito, Agostinho Severiano Gomes Brasileiro.

Capitão cirurgião-mór, dito dito, Clemente Alves Bezerra.

Por carta imperial de 21 do dito mez, foi nomeado conego da Imperial Capella, o conego prebendado da Sé de San Paulo, José Carlos da Cruz Paula.

Por decretos da mesma data:

Tiveram mercê da serventia vitalicia dos officios de escrivão de orphãos da villa de Carinhanha da provincia da Bahia, José Marques Pinto.

Segundo tabellião e escrivão de orphãos e ausentes da cidade de Maroim, na provincia de Sergipe, Belmiro Satyro de Carvalho.

Escrivão do geral e tabellião de notas da villa de Campina Grande, na provincia da Parahiba, Pedro Americo de Almeida.

Foi aceita a desistencia que fez Manoel Joaquim da Fonseca, dos officios de escrivão de orphãos e annexos da villa de Itapecumerim, da provincia do Maranhão.

Por decretos de 22 do dito mez, foram nomeados:

Major commandante do setimo esquadrão de cavallaria da guarda nacional da provincia de Minas, José Francisco de Oliveira.

Major commandante da oitava secção de batalhão da reserva da guarda nacional da mesma provincia, Manoel Rodrigues da Costa.

Cirurgião-mór do commando superior da guarda nacional dos municipios da Parnahiba e Piracuruca da provincia do Piauhy, o Dr. João Ignacio Botelho de Magalhães.

Foram reformados nos mesmos postos:

O coronel chefe da extincta primeira legião da guarda nacional do municipio de Garanhuns, da provincia de Pernambuco, Antonio Teixeira de Macedo.

O major ajudante de ordens do commando superior da guarda nacional do municipio do Brejo, da provincia do Maranhão, Honorato Alves de Souza.

O major do extincto segundo batalhão da guarda nacional do mesmo municipio, Manoel Francisco da Silveira Mendonça.

O major do extincto terceiro batalhão da guarda nacional do municipio de Vianna da mesma provincia, Antonio Fabricio Serejo.

Foi concedida a José Thomaz de Aquino Cabral, a demissão que pedio do posto de tenente coronel chefe de estado-maior do commando superior da guarda nacional do municipio do Mar de Hespanha, da provincia de Minas.

(*Diario do Rio de Janeiro.*)

Reuniram-se hoje na casa da sociedade bancaria Mauá, Mc. Gregor e C., 99 socios representando 4.635:000$. O Sr. barão de Mauá, como presidente, abrio a sessão e leu o seguinte discurso apresentado como relatorio em nome dos gerentes:

« Senhores.—O poder executivo promulgou o decreto n. 1487 de 13 do corrente, de que tendes conhecimento, e que por suas notaveis disposições motiva a vossa actual reunião para resolverdes o que entenderdes conveniente a bem de vossos interesses.

« O mesmo decreto não só declara que as sociedades em commandita não podem dividir o seu capital em acções, porem annulla os registros dos contratos das sociedades assim organisadas. Não entraremos na questão de *direito* com que se fulminou esta e outras muitas associações commanditarias que operavam na confiança da lei, nem tão pouco na analyse do modo por que se realisou semelhante acto, e nas graves consequencias que poderia ou poderá ter sobre capitaes e interesses importantes que auxiliam o bem estar de um paiz nascente.

« Homens do commercio, da industria, de capital e do trabalho, cumpre-nos tudo confiar nos poderes do Estado: a constituição politica da monarchia fornece meios de serem devidamente apreciados e julgados os actos do poder executivo, e não he de esperar que os direitos individuaes e grandes interesses da sociedade brasileira deixem de ser attendidos.

« Assim pois temos unicamente de propor-vos que autoriseis: ou a liquidação da sociedade, ou a sua reorganisação em obediencia ao decreto, segundo julgardes mais conveniente aos vossos interesses. Este he o fim para que a gerencia tem a honra de convocar-vos. »

Como este relatorio propunha que como questão preliminar se decidisse se se deveria tratar desde já da liquidação da sociedade, entrou esta questão em discussão, e unanimemente foi deliberado que se não liquidasse a sociedade.

Então o Sr. presidente apresentou as tres seguintes propostas:

« 1.º Que a gerencia da sociedade fique autorisada a modificar o contrato social como julgar conveniente para po-lo de accordo com o decreto do governo, afim de que possa ser de novo registrado no tribunal do commercio, e não fique o capital da sociedade fora da protecção official;

« 2.º Que fique tambem autorisada a gerencia a entregar aos socios commanditarios que por ventura queiram retirar-se em consequencia das alterações que se fizerem, o seu respectivo capital, e o pro rata dos lucros realisados até 31 do corrente, podendo, caso alguns socios commanditarios se retirem, admittir outros para preencher o fundo effectivo de 6,000:000$;

« 3.º Que a mesma gerencia represente ás camaras legislativas logo que ellas se reunirem contra o acto do poder executivo que annullou o registro da sociedade, como attentatorio de direitos firmados na protecção da lei. »

As duas primeiras propostas foram approvadas sem debate e unanimemente. Moveu-se pequena discussão a respeito da terceira, que tambem foi approvada contra os votos unicamente de sete socios.

Então o Sr. Drummond propoz que se inserisse na acta um voto de agradecimento aos illustres gerentes, pelos esforços que tem empregado a bem do desenvolvimento da sociedade. Foi esta proposta unanimecamente approvada.

O Sr. presidente agradeceu nos seguintes termos:

« Se como Brasileiro mil vezes mais do que como interessado nesta sociedade, não tivesse de deplorar no acto do governo que motivou esta reunião uma medida fatal aos grandes interesses commerciaes e industriaes do paiz, eu só teria de felicitar-me por ter tido lugar esta reunião, e ter assim mais uma occasião de apreciar a sympathia, benevolencia e confiança com que me honrais. Agradeço-vos de coração em meu nome e de meus collegas da gerencia tanta benevolencia, e asseguro-vos que continuaremos a trabalhar com dedicação para merecermos sempre a confiança com que nos honrais. »

Depois de pronunciado este agradecimento, o Sr. presidente levantou a sessão.

—25—

O paquete inglez *La Plata* traz datas de Montevidéo até 15 e de Buenos-Ayres até 13 do corrente.

O estado oriental continuava em perfeita paz, e a confiança publica restabelecia-se gradualmente.

Em Buenos-Ayres havia fundadas esperanças de evitar a guerra com a Confederação. O general Urquiza iniciára negociações diplomaticas que promettem o arranjo pacifico das questões pendentes.

Abaixo publicamos o officio por elle dirigido ao governo de Buenos-Ayres e o projecto de convenção que o acompanhou. O ministerio deste ultimo estado exigio que na convenção se inserisse a clausula de que o presidente da Confederação faria sahir de Santa Fé, por um tempo determinado, a todos os autores da invasão de 4 de novembro. Os commissarios do general Urquiza declararam não estar autorisados a aceeder áquella exigencia, mas que nenhuma duvida tinham de que a ella annuiria o general, a quem iam consultar. Esperava-se a resposta até o dia 20, e cria-se geralmente que seria affirmativa.

Eis os documentos a que acima nos referimos:

O presidente da Confederação Argentina ao Exm. Sr. governador da provincia de Buenos-Ayres.

« Paraná, novembro de 1854.

« Instruido dos aprestos militares que se fazem nessa provincia, das ameaças de uma invasão sobre a de Santa Fé, e da autorisação que tem V. Exc. para assegurar a paz, levando as armas além dos limites do seu territorio, considero-me no imperioso dever de declarar a V. Exc. que a paz he a primeira das minhas aspirações, como tambem de todo o paiz, exhausto pelas lutas civis que tenho procurado extirpar, fundando o governo na lei e aconselhando e praticando os principios de fusão e de olvido.

« Não descorei a justificar o meu governo da sua não participação nos successos recentes em que tomaram parte alguns filhos dessa provincia asylados como emigrados politicos no departamento do Rosario. Sobre este desgraçado acontecimento já dei as informações que deria a representação nacional e aos povos da Confederação com documentos irrecusaveis. Presume igualmente que V. Exc. deve estar completa e competentemente habilitado para formar o mesmo juizo que forma o paiz inteiro sobre este successo, pois que V. Exc. deve ter as informações precisas e conhecimento pleno dos papeis e correspondencias dos invasores.

« Não podem por conseguinte fundar-se sobre este facto, os motivos que autorisam a violação do territorio das provincias confederadas pelas armas desse governo.

Para que não fique duvida nenhuma, pondo de parte todas as considerações que não sejam as de evitar uma nova effusão premeditada do sangue argentino, derramado com insensatez nas dissensões domesticas, adiantei-me a fazer á V. Exc. a declaração com que começa esta nota; declarando ao mesmo tempo, que aceitaria a guerra como uma fatalidade ultima, porém com a firme persuação de que a guerra não daria resultado algum apreciavel, nem resolveria os problemas sociaes que nos dividem, ao passo que poderiam consumar a ruina dos belligerantes.

« A representação das provincias confederadas, attendendo á attitude ameaçadora que assumio a pro-

FOLHETIM.

O PARAIZO DAS MULHERES. (*)

Por Paulo Feval.

PROLOGO.

O PHAROL.

CAPITULO QUARTO.

A MORGATTE.

João Touril era um homem de trinta e oito annos, baixo e membrudo. Seu rosto era bem talhado, e comquanto ameaçado de obesidade, as linhas de suas faces permaneciam vivas e firmes. A' primeira vista tinha o ar de um bom camponez. Cabellos annellados cahiam-lhe honestamente como orelhas de cão aos lados do rosto. Os aldeões admiravam muito sua sciencia; porque elle curava todos aquelles que não enviava ao outro mundo. Tinha uma vestia de fustão preto para ir á missa no domingo. Sangrava, como já dissemos, os cavallos, e os senhores por doze soldos cada um; mas só recebia metade dos criados de lavoura, e seis dinheiros dos mendigos. Certamente mostrava-se caritativo. No tempo em que elle a batia, a Morgatte era melhor do que presentemente.

A noite estava fechada; a faxa luminosa, que fica no horisonte para fazer o crepusculo, ia-se perdendo cada vez mais nas trevas. O mar estava então duzentos passos longe do rochedo, e o quarto crescente da lua descia lentamente ao horisonte.

Repentinamente uma claridade tingio de purpura as rochas molhadas, e vio-se a torre negra resahir no cume do penhasco: o pharol acendia-se. Os reflexos de purpura mudaram de lugar, os rubis dansaram, as sombras correram: o pharol gyrava. Depois tudo extinguio-se para tornar a acender-se brevemente e extinguir-se ainda.

João Touril e Astrea conversavam tranquillamente. O curandeiro assentado em uma sacada do rochedo tinha Astrea sobre os joelhos, e passava-lhe a mão rude pelos anneis dos cabellos.

— Seremos uma familia, dizia elle com o tom que se toma para edificar castellos no ar. Casarás com quem quizeres, teu marido me chamará *tio*, e eu administrarei a caixa... Para onde iremos?

— Para Paris, respondeu a Morgatte pensativa.

— Tão longe!... A vida he deliciosa em Paris.

Astrea sorria. Seus labios entreabriram-se para repetir como a seu pezar:

— Para Paris!

— Em Paris, como aqui, velhaquinha, serás a bella! murmurou o curandeiro contemplando-a com admiração á claridade movediça do pharol.

— Assim o espero, respondeu a Morgatte.

Astrea despertou repentinamente da meditação, e disse franzindo as sobrancelhas:

— He mister que os guardas do cabo deem alguns tiros esta noite.

— Para que? perguntou João Touril.

— Setecentos mil francos custam caro, murmurou ella passando os dedos pela fronte; pela minha parte sei que não terei remorsos.

O curandeiro procurava comprehender.

— Escute! tornou a Morgatte, ella chora lá dentro!

Com effeito o vento trazia as lamentações, que sahiam da Gruta das Gaivotas.

— Que te havia ella feito? disse João Touril.

— Amo-a mais do que a sua irmãa Magdalena, respondeu Astrea. Ellas eram felizes, quando eu padecia... Todas as vezes que vossê me batia, eu as aborrecia.

E pondo-se em pé, a moça applicou a mão sobre os olhos para alongar a vista. A luz do pharol projectava-se sobre o mar. Um navio pequeno de mastros inclinados e carregados de velas corria com vento em pôpa, e passou como uma frecha. Não era a rude quilha dos barcos costeiros; parecia um brigue de guerra visto pela pequena ponta do telescopio.

— Donde veem elles! exclamou João Touril enganando-se, e julgando ser o *Flambart*.

Astrea apertou-lhe fortemente o braço, e murmurou:

— Vem de Saim Malo; he o patacho da alfandega.

O navio mudava de amuras para dobrar o cabo Trehel.

— Faça o que vou dizer-lhe! ordenou a Morgatte, que estava pallida. Não quero que o matem!..... Chame o patacho á falla, e não receie ser ouvido do pharol: o vento amortece a voz.

— Oh! do patacho, oh! gritou João Touril com voz estentorea.

— Oh! oh! responderam-lhe em uma busina.

Depois veio esta pergunta:

— Quem falla?

João Touril olhou para a Morgatte, a qual disse-lhe:

— O tenente do posto de Trehel.

— O tenente do posto de Trehel! gritou o curandeiro com toda a força de seus pulmões.

O patacho manobrava para pôr-se á capa, apezar da ressaca e do vento.

— Dize-lhes, tornou a Morgatte, que o *Flambart* está atrás de Saim Cast.

João Touril poz as mãos em torno da bocca, e gritou:

— Voltem! os senhores perderam de vista os passaros que estão atrás de Saim Cast.

O vento trouxe um « Muito obrigado! »

— Não ha de que! resmungou o curandeiro.

Ouvio-se o official dar a bordo do patacho a ordem de metter de ló.

O navio approximou-se mais da praia, e correu como bom veleiro que era em uma direcção obliqua voltando para Saim Cast.

A Morgatte estendeu a mão para o mar, e mostrando um objecto que apparecia ao longe, disse:

— Eis-ahi o *Flambart*; o patrão Sulpicio sabe o seu officio.

— Se os guardas da alfandega nos tivessem livrado do marquez... começou o curandeiro.

A Morgatte ergueu os hombros, e disse:

— Magdalena e Victoria herdariam. Acaso o cura de Plouesnon nos diria onde estão os escudos?

Dizendo isso, ella tornou a assentar-se sobre os joelhos do curandeiro simplesmente para estar mais á vontade.

— Com tudo, eu desejava comprehender melhor esse negocio, resmungou João Touril.

— Temos tempo para isso, interrompeu Astrea; somos obrigados a ficar aqui.

— Porque?.

— Porque se o *Flambart* chegar antes de Victoria ter-se retirado, vossê o afastara, assim como afastou o patacho.

— Ah! tornou João Touril, explica-me tudo emquanto estás aqui.

Astrea voltou-se para elle rindo, e disse-lhe requebrando-se:

— Quero ser marqueza.

— Ah! exclamou João Touril, e acrescentou logo: — Concebo isso.

— O acaso tambem o quer, continuou a Morgatte; porque se Victoria se tivesse demorado mais cinco minutos na Casa, teria recebido a carta que lhe annunciava a volta de seu marquez. A carta lá está onde o correio a deixou..... Recebemos duas no castello, uma do marquez, outra do patrão Sulpicio. A do marquez annunciava-nos sua chegada esta noite, se não houvesse algum accidente, e dizia-nos que fizessemos cahir sagazmente a carta de Sulpicio nas mãos dos guardas do cabo Trehel.

— Para adormecer a vigilancia? disse João Touril ufano de ter comprehendido.

— Justamente... foi essa que mostrei a Victoria.

— Não me admiro mais de que ella parecesse um cadaver emquanto lhe fallavas.

— Baldado me teria sido dizer-lo, proseguio Astrea; sem a carta ella não me teria crido. Foi uma excellente idéa que o patrão Sulpicio teve.

— Então, concluio o curandeiro, necessitas do marquez Antonio para seres marqueza?

— Delle ou de outro... A herança lhe pertence legitimamente; he sempre melhor.

— E mais seguro... Porém com o marquez Antonio não irás á Paris...

— Por causa da condemnação? interrompeu a Morgatte com um sorriso orgulhoso. Cuidei em tudo isso. O casamento será feito em Jersey, e immediatamente depois partirei para Grandville. Lançar-me-hei aos pés do rei com um véo de tulo. Serei tão linda e tão pallida! O rei me concederá o perdão de meu marido, toda a cidade de Paris fallará da joven marqueza Rostan de Maurepar, e quando ella trouxer o esposo do desterro, os salões a disputarão entre si.

João Touril bocejou: isso lhe era indifferente.

— Se depois nos agastarmos, continuou a Morgatte, todos o accusarão de ingratidão, e as faltas lhe serão imputadas.

— Mas não he para ti que o marquez volta, objectou o curandeiro.

— Pois não achará mais sua Victoria, disse a Morgatte com terrivel tranquillidade.

— Se elle ama-a, ha de procura-la.

— Creio que elle a amava; mas já passaram nove mezes, e os homens esquecem-se brevemente. Elle será obrigado a tornar a embarcar-se de madrugada, e daqui até lá póde-se fazer muita cousa.

— Emfim se elle não te quizer? perguntou João Touril.

— Hei de saber isso no fim de uma hora, respondeu a Morgatte; tanto peior para elle.

A lua em seu primeiro quarto havia desapparecido atrás das costas longinquas da Baixa Bretanha, o mar estava na sombra, e sómente de minuto em minuto o pharol allumiava os primeiros planos. Não se via mais o *Flambart*, nem o patacho, e um silencio profundo reinava na praia.

— Não se ouve mais nada na Gruta das Gaivotas, disse João Touril.

— Nada, repetio a Morgatte distrahida.

— Se ella morreu lá dentro!

— Essa he boa!... tornou a Morgatte.

Depois continuou:

— Se Antonio não quizer, casarei com o grande Rostan.

— Muito bem! exclamou o curandeiro rindo.

A Morgatte franzio as sobrancelhas, e disse:

— He o que prefiro.

— Ebrio, caçador, mandrião, sem nada possuir...

— He o mais forte e o mais bello!

— Casado, proseguio João Touril, pai de familia.

— Pensei em tudo isso, tornou a Morgatte. Não he amanhãa que se ha de vender a casa delle?

— Sim. Instiguei o meirinho de Pleherel, porque me dissesle que assim o fizesse, e não sei para que.

Astrea apoiou a cabeça no hombro de João Touril, e murmurou:

— Quando eu for marqueza em Paris, se alguem me vier contar minha propria historia, não a crerei.

— Mas o grande Rostan não he marquez, disse o curandeiro.

— Ha de sê-lo.

— Ama sua mulher Magdalena...

— Ha de esquecê-la.

Astrea abotoava cuidadosamente de alto a baixo, sem saber o que fazia, a vestia de fustão do curandeiro, murmurando:

— Terei um bello marquez. Acaso elle sabe a que ponto me pertence? Tem enganado a todas; mas hei de comprar-lhe o que lhe resta de vontade, de futuro e de consciencia pelo preço de meu primeiro beijo.

— Oh! es a perola dos diabos! exclamou João Touril fazendo-a saltar sobre seus joelhos robustos como uma menina.

— Silencio! disse a Morgatte pondo o dedo sobre os labios.

Um leve rumor vinha do lado da gruta. Astrea levantou-se brandamente dizendo:

— Estamos muito longe, e não veriamos.

E descendo com precaução até á areia da praia, agachou-se entre os ultimos rochedos. Victoria sahia nesse momento da gruta tendo a filhinha nos braços; a cabra a seguia.

Depois atravessou a praia lenta e penivelmente. Podiam-se ouvir os soluços, que rasgavam-lhe o peito. A cabra ia de cabeça baixa berrando com longos intervallos. Astrea suspendia a respiração.

— Onde vai ella? murmurou o curandeiro que a tinha seguido, e cuja voz tremia.

A Morgatte guardou o silencio.

Victoria voltou o angulo do rochedo, e tomou o caminho por onde tinha descido á praia.

João Touril respirou, e disse enchugando o suor das fontes:

— Julguei que ella ia ao mar!

— Ainda não, respondeu a Morgatte em voz baixa.

— Ainda não! repetio o curandeiro.

Depois bateu na fronte e tornou:

— Ah! tinhas adevinhado isso?

— Adevinhado o que!

— E la vai ao carvalho de Saim Cast!

A Morgatte inclinou gravemente a cabeça, e o curandeiro estremeceu.

— Tem havido muitas outras! disse Astrea. Sua filha será como eu; terá felicidade.

— Agora, interrompeu ella a si mesma repentinamente, seu Antonio póde vir.

Como se tivesse sido uma evocação, ouvio-se o rumor particular que fazem as cordas de um navio roçando a madeira. A luz do pharol allumiou subitamente a sombria vela do barco, o qual approximava-se da costa com uma temeridade, que provava ao menos um perfeito conhecimento do fundo.

— Bombordo ao vento, estibordo amura! ordenou uma voz contida.

O *Flambart* moderou a carreira, e depois parou: estava á capa. As roldanas rangeram na pôpa, a quilha de um bote tocou no mar, e quasi immediatamente depois chegou á praia o rumor surdo dos remos rodeados de palha. O *Flambart* voltou, e continuou sua carreira fazendo-se ao largo.

O bote encalhou cincoenta passos distante de João Touril e da Morgatte.

— A noite está escura como dentro de um forno, disse uma voz de rapaz.

— He o marquez Antonio, observou Astrea baixinho.

Outra voz mais voronil respondeu:

— A gruta fica em nossa frente.

— He o patife desse patrão Sulpicio! resmungou o curandeiro.

Sulpicio lhe tinha dado outr'ora uma sova. João Touril era forte como um boi; mas guardava as pancadas que recebia para restitui-las aos que não se defendiam.

— Quando o pharol allumiar, tornou a segunda voz, o senhor reconhecerá a pequena praia.

A luz vinha esclarecendo nos dentes do rochedo os sargaços humidos, e os charcos scintillantes.

— Ventre em terra! ordenou a Morgatte dando logo o exemplo.

João Touril imitou-a precipitadamente. Então podiam distinguir o joven marquez e Sulpicio envoltos em seus capotes. Só ficou um marinheiro no bote.

— Pareceu-me ouvir mover-se alguma cousa nos rochedos, disse o patrão Sulpicio.

Antonio atravessava já a praia correndo para ganhar a Gruta das Gaivotas.

A carta que o correio tinha levado á Casa marcava a Victoria esse lugar para ponto de reunião. O coração de Antonio batia, elle julgava-se certo de encontrar Victoria nessa gruta.

Sulpicio disse ao marinheiro do bote:

— Roblot, meu filho, vai esperar-nos na pequena enseada do Gueulet. Tens teu relogio?

— Sim, patrão.

— Se não tivermos voltado á meia noite, logo que a maré encher vai cruzar do outro lado do cabo abaixo do Treguz.

— Sim, patrão.

— Canta o menos que poderes, e cobre teu cachimbo.

— Sim, patrão.

Sulpicio dirigio-se tembem para a Gruta das Gaivotas.

Roblot tirou fogo depois de ter lançado a fateixa, e entoou em fabordão uma canção de seu repertorio.

Terminada a copla, o cachimbo estava aceso. Roblot poz-lhe a cobertura de folha de Flandres, como rapaz bom e obediente que era, e envolveu-se no capote para esperar na pôpa do bote.

— Victoria! chamou o joven marquez á entrada da gruta.

— Elle vinha directamente! murmurou João Touril.

— A carta... disse a Morgatte adevinhando; mas interrompeu-se para acrescentar em voz mui baixa:

— O patrão Sulpicio olha para este lado.

Estavam agachados e immoveis como as perdizes sagazes que afrontam a vista do caçador entre dous torrões de terra.

— Victoria! Victoria! tornou a chamar o joven marquez Antonio.

Sulpicio parou vinte e cinco passos distante dos rochedos bem convencido de que ahi só havia pedras trigueiras cobertas de sargaço e de mexilhões, e entrou na gruta dizendo:

— Estamos adiantados, a rapariga ha de vir.

Astrea tornou a levantar-se.

— Eis o que acontece, disse o curandeiro apalpando os joelhos com mão humor; a gente lança-se de ventre no chão como doudo e rasga as calças!

— Eu as consertarei, prometteu Astrea seriamente.

— Será mister remenda-las, resmungou João Touril.

Astrea poz-lhe sobre a bocca sua mão que ardia, e disse:

— Hei de remenda-las, isso não apparecerá.

Ella tinha o accento que se toma para applacar um menino arrufado. Sua voz mudou quando acrescentou:

— Fico aqui: tenho que fazer. He tempo de vossê ir á torre.

— Ensina-me, se queres que eu vá directamente, tornou João Touril.

A Morgatte não reflectio, pois tinha tudo na cabeça claro e preciso; mas pronunciou resolutamente:

— Já lhe disse que tinhamos necessidade de alguns tiros esta noite, e agora que ouvi Antonio chamar Victoria, certifiquei-me a seu respeito. Reparou como a voz lhe tremia? Ainda ama-a. Não conto mais com elle; todavia tentarei para desencargo de minha consciencia. Quanto aos tiros, os mercadores de rendas hão de descarregar esta noite em Roche Guyotte. A barca delles foi vista ao pôr do sol, e o patacho cruza para acha-los. Basta prevenir brandamente o chefe do posto.

— Isso não me diz para que havemos mister de tiros.

— Porque morrerá um homem.

João Touril inchou as bochechas.

— Ao menos um homem antes que nasça o sol da manhãa, continuou a Morgatte.

— Que homem? perguntou o curandeiro.

— Convém que a gente do lugar possa dizer: Os guardas do cabo atiraram cegamente.

— Que homem? repetio João Touril.

— Talvez dous homens, tornou a Morgatte, conforme o geito que o negocio tomar.

E como João Touril continuava a atormentar seus joelhos, a Morgatte tirou tres alfinetes, e fez um curativo provisorio na ferida das velhas calças.

— Isso não durará, resmungava o curandeiro. Sempre pensei que tomarias o freio nos dentes, velhaquinha...A perna direita está boa...Se fôr necessario combater, bem sabes que darei minha demissão!

— Setecentos mil francos que hão de voar amanhãa, disse a Morgatte. Seremos ricos esta noite ou nunca!

(*Continu*[illegible])

(*) Vide o *Diario* n. 1.

MUTILADO

vincia de Buenos-Ayres, acaba de autorisar o governo da confederação para fazer a paz ou a guerra, segundo aconselharem as circumstancias. Esta autorisação impõe ao presidente a obrigação de dirigir-se ao governo de V. Exc., a quem depois desta abertura, cumprirá estabelecer a situação em que o governo argentino deva collocar-se.

« A opinião e os desejos mais ardentes do meu governo e do paiz são pela paz, e pela paz estavel e duradora. Mas se esta não se fundasse em bases de dignidade e justiça, seriamos forçados por sem duvida a aceitar a guerra com todas as suas consequencias e com todas as vantagens que tem aquelles que se defendem depois de esgotarem os meios de evitar o derramamento de sangue entre irmãos.

« Estando o governo da Confederação nestas disposições, resolvi acreditar junto do governo de V. Exc. aos senhores commissarios D. José Cullen e D. Daniel Gowland, para que apresentem em nome do governo da Confederação o projecto de tratado junto por copia.

« Estes commissarios poderão troca-lo por outro igual de V. Exc., se esse governo tiver por bem aceita-lo. Esta convenção poderá posteriormente ampliar-se ou explicar-se por meio de outras que V. Exc. ou o governo argentino julgarem convenientes.

« Deos guarde a V. Exc. muitos annos.

« *Justo José de Urquiza.*
« *Santiago Derqui.* »

« *Projecto de convenção.*

« 1.° O governo das provincias confederadas e o do Buenos-Ayres, convém em prescindir da questão politica, reconhecendo-se mutuamente o *statu quo*, e para este effeito empenham um ao outro a fé publica, e se comprometem a não fazer uso das armas nem a permittir que outros as tomem para decidir a questão da reunião de Buenos-Ayres com as demais provincias argentinas.

« 2.° Desde que se ratificar esta convenção cessarão de ambos os lados todos os preparativos militares, tomando as cousas ao estado em que se achavam antes da invasão de 4 de novembro.

« 3.° Esta convenção não obsta a que por meios pacificos e amigaveis se trate de apressar a reunião de Buenos-Ayres ás provincias suas irmãas naturaes, para que chegue o dia em que, olvidadas todas as prevenções, os patriotas de todas as partes possam saudar a nação argentina em sua verdadeira grandeza.

« *Justo José de Urquiza.*
« *Santiago Derqui.* »

S. PAULO.

12 de dezembro de 1854.

Vai nascer uma instituição de credito, levantada pelos capitalistas da capital, com o fim de animar e auxiliar a lavoura. Ora graças.

S. Paulo conta uma serie de homens de bôa fortuna que, conciliando seus interesses com os de seus concidadãos, não precisavam de auxilio estranho para fundar uma associação bancal. Todavia, o desanimo que sempre se notou nos homens de nossa terra, contribuia para deixar as fortunas paralysadas. Agora, intervindo algumas casas monetarias, acabou o somno da indolencia, e alguma cousa se vai fazer sem que os capitalistas de além-mar se armem de um aguilhão para fazer andar o commercio e agricultura. He força que se diga isto, já que assim he.

O senador Queiroz convidou os Srs. barões do Tieté e Iguape e alguns outros para a fundação de um banco paulistano, entre cujas operações figura o emprestimo sobre hypotheca de bens de raiz. Fez-se reunião preparatoria; os Srs. barão do Tieté, Ribeiro e senador Queiroz, foram commissionados para offerecer os estatutos.

Dizem-me que a protellação da instituição da caixa filial do Banco do Brasil, nesta provincia, estimulou aos provincianos, que vão mostrar que he possivel uma instituição bancal em S. Paulo sem ajuda dos capitalistas de alto colhurno.

Já estão tomadas muitas acções; as menores são de 200$, para abrir as vantagens ao maior numero. Deos os abençoe, e a mim tambem, que fico fazendo votos para que não dê tudo em pantana, como dizem os medrosos; aquelles que choram lagrimas de sangue á sahida do dinheiro, ainda que elle deixe a burra para multiplicar a fortuna de seu dono. Destes ha por aqui abundancia; são economistas de nova seita que entendem que o destino da moêda não he a circulação; he sim um espectaculo encantador, de que goza o avaro que adora e apalpa o thesouro.

— Não foi possivel capturar o assassino do moço da *Agua-choca*, que tanto alarma causou entre nós. Uma escolta bem commandada se dirigio ao lugar suspeito; mas o bom homem já tinha bom recato. Ficará mais este *homisiado* para engrossar o numero existente entre nós. Nem se diga que este mal procede da policia que nos rege; elle vem da falta de força nos quarteis; e mal chega a existente para a guarnição da capital.

O major Matheus Coutinho continúa na delegacia, mostrando a actividade compativel com as circumstancias; mas seus bons desejos quebram-se diante da ausencia de recursos. Como fazer diligencias importantes se a policia ás entrega forçosamente a dous ou tres *pés rapados*, que muito facilmente se poem no quartel de saude se ronca o perigo? Ainda rendemos graças á Providencia por não haver quem nos queira matar e roubar nas abas da cidade, onde não vaga a ronda publica, porque ronda publica não ha.

— O Sr. bispo agradeceu pela imprensa ás povoações do interior que lhe deram dinheiro. Venha esse encantado seminario, e regenere-se por uma vez o clero, para que os nossos bisnetos vivam na bemaventurança.

Mas preencham-se tambem as vigararias, que em alto numero ahi estão vagas. O Sr. bispo não o quer fazer; ahi estamos vendo os fieis fallecerem sem os soccorros sacramentaes, pois que não ha parocho; nenhum sacerdote quer tomar uma vigaria sem beneficio algum, sem collação. Santo Ignacio que nos guie nesta contigencia.

— Prosegue o governo da provincia nas medidas tendentes a firmar a segurança individual no interior, onde he tão precaria. Os destacamentos já tem conseguido fazer respeitar a lei; os capangas do mato só se arreceiam da *reuna*. Mas até certo tempo os destacamentos se inutilisavam nas povoações; começava a relaxação desde os commandantes que, *aclimatados* em um ponto, adquirindo relações, esposando mesmo os interesses de alguns desregrados, se collocavam em posição parcial, desprezando as ordens transmittidas. O Sr. Saraiva acaba de ordenar a transferencia de cada um destacamento: he bom que vão entoando *novos ares, novos climas*, em favor da lei.

— Nenhum acontecimento tem vindo de notavel pela ultima mala do interior. Hontem partio o juiz de direito interino, Dr. Segurado, e o promotor da comarca para abrir o jury em Jundiahy. Este juiz tem feito uma como excepção na regra das *interinidades* em que *muito* se faz. No pequeno espaço de tempo em que teve de funccionar, pois o Sr. T. Bastos he esperado em fins de dezembro, abrio o jury na capital, e agora o vai fazer no Jundiahy. Seja ao menos o fructo do magistrado uma honrosa menção na imprensa, já que melhor sorte não lhe dão as leis, e quando muito, lhe dão uma furibunda béca, que custa a ninharia de 250$, e um assobio do garoto.

Por esse preço muita gente *não quer o throno*.

— 19 —

Parece que estamos em uma grande praça de commercio; não se ouve fallar senão na associação bancal, em acções e nos avultados lucros que poderão dar.

Vai tudo em *borborinho*. Os capitalistas abrem a burra, onde dormiam tranquillos os potentes contos de rs, e se inscrevem afoutos na lista dos que tomam centenas de acções; os *remediados* seguem na retaguarda, e lá vão depositar os proveitos da economia, os fundos de reserva, na instituição de credito; os quasi pobres reduzem alguma cousa á moeda, pois que tambem querem ser banqueiros como Deos os ajuda; com dozentos bilhetes de mil réis se he banqueiro. No meio de tudo isto, o ente amaldiçoado da creação (ja se sabe que fallo do pobre) dá ao diabo a sua sorte que não lhe proporciona meio para ser accionista do banco, e sustenta com ardor que a *propriedade* foi uma invenção satanica.

Perdoemos a estes ultimos degradados filhos de Eva todos os paradoxos com que recebem a instituição nascente, e assignalemos o que ahi vai em materia de *Banco Paulistano*, que naturalmente assim será chrismado.

Já se reunio a commissão que lhe annunciei ultimamente; confeccionou e approvou os estatutos, que terão de subir á consideração do governo.

Muito boa cousa deve ser um banco, pois que tomam-se acções com uma velocidade espantosa. Não se ria de mim; olhe que he *espantosa* para a terra. Chovem os accionistas, e já lá se foram acções na importancia de mais de mil contos em muito pouco [illegible]. Pelo que já se póde affirmar que não morrer[illegible] flor a dividade dos ricos, e que o commercio e [illegible]ultura da provincia vão tomar a escala que lhe he devida.

Não lhe pareça admiravel o eu dizer-lhe que certa classe, talvez a mais desajudada pela sorte, espera com ancia a installação do banco; não fallo do logista de retalhos, do taberneiro que quer quebrar, nem, do padre que vive da missa; he de outra classe mais decahida, daquella que os politicões chamam pensionistas do Estado, dos empregados sem nome, dos que querem emprego, venha elle donde vier. Destes vai o mundo cheio; com especialidade o de S. Paulo, onde ha uma tendencia irresistivel para os empregos. Ora, o banco precisa de empregados, que a directoria ou cousa que o valha, achará em abundancia; pelo menos ver-se-ha em tratos com os pretendentes, que muitas vezes tomam uma penna em vez de uma boa enxada. E, pois, ahi vem o banco e seus empregos para accommodar meio mundo.

— A policia do Dr. Almeida acaba de fazer recolher á cadeia os dous criminosos de que lhe fallei ultimamente. Acha-se pois debaixo do poder da justiça o famigerado desertor *Manoel Leme*, o terror das gentes que o conhecem. Vai responder ao jury da capital pela cruenta morte dada no moço da *Agua-choca*. Veremos que faz o tribunal, sendo que o crime está provadissimo, pois que foi presenciado por mais de uma testemunha. O outro assassino tambem vai responder ao jury, e não menos merece o rigor da lei: ambos mataram a sangue-frio, ambos foram capturados quasi no mesmo dia, ambos deverão expiar seus crimes. Communicar-lhe-hei a decisão destas duas causas, em que tanto se interessa a moralidade dos juizes da capital.

— Vôa de bocca em bocca o nome dos Srs. marquez de Mont'Alegre e barão de Mauá, em quem se depositam as esperanças da realisação de estrada de ferro da capital a Santos; pois que as gazetas, com fundamento que ignoro, asseveram que estes senhores pretendem dotar a provincia deste melhoramento. Se assim for, deixo á sua consideração o progresso espantoso que reverterá para esta provincia. Mas, deixe que lhe diga que semelhante melhoramento o povo da provincia só julga verosimil sendo estes dous senhores os seus chefes, e sendo a linha unicamente entre S. Paulo e Santos. Nesta extensão, dizem os conhecedores do terreno, dentro em breve teremos linha ferrea, que talvez não possa, como que sem um milagre da arte, estender-se ao Rio Claro, como já se aventou.

As vantagens de semelhante empreza são incalculaveis; basta considerar que se fará de S. Paulo um *porto secco*, que os productos do interior virão já beneficiados, que descerão ao mercado todos os generos da agricultura, que até aqui se guardavam nas fazendas; pois as nossas estradas e meios de transporte não satisfazem as necessidades.

Dispensem-me de dissertar longamente as vantagens da idéa; estão ao alcance de todos, e eu só me limito a dizer que os nomes dos Srs. marquez de Mont'Alegre e barão de Mauá se *eternisarão* na provincia, pois que a gigantesca idéa, que por ventura vão realisar, elevará S. Paulo á posição brilhante que lhe compete pelos seus recursos.

— No mar das distracções vai a cidade em calmaria. A companhia do Sr. Quartim retirou-se após a retirada dos academicos, e o theatro fazia o principal divertimento da capital. Querem alguns argumentar com isto para se lhe negar o subsidio de 3:000$ que annualmente percebe, dizendo que, sendo o theatro só para os academicos, estes que lhe dêem o subsidio. Mas he injusta a opinião; em quadra de férias a receita theatral não he grande, e não póde manter-se a companhia. He razoavel que por 3 mezes folgue a companhia, indo a outro ponto. Se querem theatro permanente, augmentem-lhe a quota, que não dá para pagar o Sr. Joaquim Augusto e Henrique.

(*Carta particular.*)

PARANÁ.

CARTA I.

Coritiba 6 de dezembro de 1854.

Como o seu antigo correspondente parece ter arripiado carreira, guardando silencio sobre a provincia, eu me proponho a suppri-lo, sem comtudo ter a pretenção de o imitar.

Se me fosse permittido, começaria estranhando seu velho noticiador, que me obriga assim a abandonar o santo ocio a que me tinha votado, para correr em seu auxilio, nesta occasião, em que mais que nunca tem a provincia necessidade de quem active seus interesses na corte; nesta occasião de legitimo enthusiasmo, em que tantos e tão variados melhoramentos se projectam, já ensaiando o estabelecimento de colonias militares á imitação do que se passa nos confins da Austria e na Russia, que de um dia para outro como por encanto se transplantam populações e se elevam cidades, resolvendo assim o grande problema economico de applicação do exercito á cultura da terra, principal germen de riqueza de nossas provincias, ao mesmo tempo que se adia a crise que se approxima pela falta de substituição dos braços escravos.

Nesta occasião em que o governo geral affaga a nova provincia promovendo novas vias de communicação, unico meio que nos póde dar colonisação espontanea, fazendo rolar pela estrada geral da provincia, ainda mal conhecida, pesados canhões e outros trens bellicos, que este mesmo mez devem ser collocados no forte de Miranda, afim de fazer-nos respeitados de nossos vizinhos do Paraguay; nesta occasião em que a politica do governo vai abrindo espaço por entre as phalanges gregas e troyanas, distribuindo o poderoso narcotico da conciliação, que faz sacrificar no altar do egoismo as mais puras crenças que outr'ora defenderam com encarniçamento; nesta occasião finalmente he que o seu correspondente o abandona e se recolhe, levado talvez do scepticismo, á vista do que se passa na provincia.

O presidente recolheu-se ha dias da digressão que fez pelas villas do centro, tendo ido tambem á celebre villa de San José dos Pinhaes, onde demorou-se pouco e onde vio os signaes do tiroteio que a 7 de novembro alli teve lugar; pois ha um sacerdote que, sem embargo de sua pureza evangelica, conserva com cuidado esses signaes, onde vê a gloria dos resistentes. S. Exc. foi ás freguezias do Campo Largo, da Palmeira e á villa de Castro, onde encontrou ainda o tenente Valle com o trem que leva para Cuiabá; passou-se para a villa do Principe e voltou por Tindiquera. Estes passeios são sempre muito proveitosos, maxime quando feitos nos primeiros mezes da administração, e em uma provincia como esta, tão cheia de rivalidades locaes e preconceitos populares, que cumpre estirpar. Resta sómente a S. Exc. visitar a villa de Morretes, que he sem contradicção o lugar mais rico e industrioso da provincia.

Estou bem certo que o estado em que se acha a educação moral e religiosa na provincia terá mais de uma occasião occupado a attenção de S. Exc., pois que uma viagem offerece ensanchas que escapam sempre ao cortejo official dos inspectores de districto; e as ordens ultimamente dadas para construcção de um edificio para lyceu nesta capital induz a crer que o governo cuida seriamente deste objecto. E realmente de que servem melhoramentos materiaes quando a mais vital das necessidades publicas, aquella que tende a formar o cidadão, parece olvidada pelos poderes da provincia?

A instrucção popular, esse caminho do entendimento, existe como dantes envolvido em insuportavel apparato official que nos legou a provincia de San Paulo, e que não póde tirar-nos das trevas em que nos achamos, no que diz respeito á educação moral e religiosa. Um lycêu internato na capital, regido por lei pratica, racional e previdente, no qual se dê instrucção conjunctamente com educação; que a um tempo se forme da mocidade o coração e a intelligencia; parece que devia ter sido o primeiro cuidado da assembléa provincial e da administração. Não he do progresso physico que temos necessidade, não carecemos sómente de utilidade material, he-nos indispensavel primeiro que tudo o emprego de meios para que a instrucção geral se diffunda e popularise, que os costumes publicos se purifiquem e se reforcem pela cultura da intelligencia.

Entretanto, o facto da elevação desta comarca a provincia com todo o seu cortejo official produzio, por assim dizer, certo cataclisma nos habitantes. Em um lugar como este, que occupou sempre distincção na estatistica pela fertilidade de crimes, só houve depois dessa elevação um homicidio no mez de outubro nas vizinhanças desta cidade, perpetrado pelo escravo Ignacio, da viuva Miró, de Morretes. Este escravo trabalhava no engenho de socar herva mate de João Silveira de Miranda. O furto de uns couros motivou uma certa desavença entre o feitor, homem velho e o escravo, do que resultou ser aquelle assassinado nessa mesma noite, em sua casa e a facadas, evadindo-se immediatamente o escravo para Morretes. A policia fez esforços para o apanhar, e um delles, forçoso he referir-se, João Silveira de Miranda, foi tomado em refens e posto na cadeia para della não sahir emquanto não apparecesse o escravo, de cuja fuga, sem mais ambages, se lhe deu a paternidade. Felizmente, depois de muitos dias, conseguio-se prender o assassino em Morretes; entrou portanto este e sahio aquelle, coberto de ridiculo pela opinião publica: note-se que Miranda não era senhor do escravo.

Vieram cartas dando a noticia da chegada a Paranagua do vapor *Mensageiro*, que traz a seu bordo o novo inspector da alfandega Bernardino José Borges, o Dr. Carvalhaes, juiz de direito da comarca de Castro e Feliciano Prates, engenheiro civil, sobrinho do barão de Antonina.

Este ultimo vem exercer na provincia um duplo encargo; he o delegado das terras publicas, e tem de desempenhar dous contratos que fez com os senhores ministros da guerra e da marinha, para conducção e transportes pela estrada do Paraná, por espaço de tres annos, de trens bellicos e de 1,200 colonos para os estabelecimentos do Nioac e Brilhante. Somos o primeiro em reconhecer as habilitações do Sr. Prates, e não lhe fazemos a menor injuria lembrando as grandes difficuldades que terá de vencer para a resolução das difficeis questões a que dá lugar a execução pratica da lei de 18 de setembro e seus regulamentos; questões mais embaraçosas para elle por não ter conhecimento da nossa jurisprudencia.

O presidente da provincia recebeu participação de Antonina de terem-se perdido as malas vindas no vapor, no trajecto de Paranaguá para Antonina. Alagou-se a canoa por não poderem resistir os conductores á viração do leste que soprava, e que deu causa tambem ao naufragio de um hiate e de mais outra canoa e o afogamento de dous homens. Se a estrada de Paranaguá a Morretes não estivesse condemnada ao desapparecimento, bem se podia ter evitado taes transtornos proprios do mar e da bravia bahia de Antonina. Com 15 horas estariam as malas com toda a segurança na capital.

A rivalidade que se tem alimentado adrede entre as povoações do litoral com serra ácima, e aquellas entre si, deu origem a mil versões gaiatas, e até puerilidades, a respeito do transtorno das malas; uns estão promptos a jurar que taes malas foram de proposito lançadas ao mar, por desconfiar-se que ellas traziam nomeações importantes; outros dão por motivo trazerem ellas a demissão do velho inspector da alfandega; finalmente, até ha quem diga que foram *lançadas para entulhar o canal de Antonina*. Eu, porém, que não faço coro a taes preconceitos, estou firmemente convicto de que não passou de um sinistro muito natural, que causou igualmente o afogamento de dous infelizes.

O presidente fez seguir immediatamente para Antonina e Paranaguá o chefe de policia, os inspectores geral do correio e da thesouraria; e consta que *já começaram as indagações a respeito*. O lugar do naufragio foi rossegado com busca-vidas, mas não se sabe porém se encontraram as malas. Os canoeiros conductores *ainda se acham presos*; tem passado por varios interrogatorios para verificar-se realmente tem criterio as apprehensões populares; o certo he que nada ainda ha de positivo, e já no periodico official se lê a suspensão e demissão do agente do correio de Paranaguá e do collector das rendas provinciaes.

Seja-me permittido aproveitar o ensejo para dizer duas palavras de consolação a este empregado, cuja illustração e probidade estão muito ácima da suspeita. Fique o Sr. Raymundo bem certo de que a sua demissão não he devida a erros que tenha commettido; he effeito sómente do vandalismo que se tem desenvolvido ha algum tempo contra certas povoações da provincia.

Valha-nos o governo do Imperador.

P. S.—Acabo de receber cartas de Antonina, onde todos estão aterrorisados com a noticia de ter-se desenvolvido o cholera a bordo de um barco procedente de Hamburgo, com colonos para a colonia D. Francisca. Fazemos votos para que não seja certa tão luctuosa noticia.

(*Idem.*)

MINAS-GERAES.

Ouro-Preto 14 de dezembro de 1854.

A acção do governo vai difficilmente chegando aos pontos mais remotos da provincia, mas vai chegando sempre. O municipio de Paracatú era tido como ingovernavel; do que por lá ia ninguem tinha noticia, a não ser de algum homicidio horrivel, revestido de circumstancias atrocissimas; as autoridades superiores se queixavam da falta de communicações; parecia em summa não fazer parte desta provincia. Hoje tudo he pelo inverso, já impera a lei, e a autoridade he respeitada; já a administração está em dia com o que alli se passa, e cada noticia que chega não he a noticia de um homicidio. Tal foi o resultado das medidas muito efficazes que para alli tomou a administração quando se deram os attentados que eu lhe communiquei.

Hoje as scenas que tiveram lugar no Paracatú se reproduzem em outros municipios, nos do Rio Pardo e Serra do Grão-Mogor, mórmente naquelles districtos que confinam com a provincia da Bahia, como o Tremedal. Os criminosos acossados daquella provincia refugiam-se nesses lugares desertos e longinquos, desarmados de força publica e cadeias seguras, desherdados pela distancia de todos os beneficios da civilisação, e ahi se acastellam contando com a impotencia da autoridade. Uns orçam por sessenta e outros por cem o numero desses foragidos que por alli commettem attentados de toda a casta. Neste anno a audacia dos criminosos, que contam com a impunidade como um direito consuetudinario do crime, subio de ponto.

Este estado de cousas que aturou por muito tempo vai felizmente cessar. Catando uma praça aqui e outra alli, visto como a força existente na provincia he mais que insufficiente, pode o governo provincial mandar percorrer esses asylos do crime por um destacamento volante que deve estacionar temporariamente nos lugares em que fôr mais preciso, afim de os policiar. Oxalá o digno chefe de policia da provincia, sabendo desta medida, se prepare a receber no territorio de sua jurisdicção os que para lá voltarem, fazendo regressar para esta provincia os que por lá tambem se acoutam.

A distribuição da pequena força que forma a guarnição desta provincia he uma das operações mais difficeis que eu conheço, e por mais economico que se seja, por mais que se procure attender sempre aos lugares mais necessitados, o serviço publico padece. He assim que a mór parte das cadeias, além de fraquissimas, não tem guarda, que as evasões se multiplicam e os obstaculos ao recrutamento crescem incessantemente. Não quero dizer que todas as autoridades sejam exactissimas no cumprimento de seus deveres, mas que em grande parte a culpa de se não dar inteiro cumprimento ás ordens do governo em materia de recrutamento principalmente provém da falta de meios de acção. Se eu fosse fazer a somma dos recrutas que se evadiram das cadeias neste anno, o contingente designado a esta provincia de ha muito estaria preenchido. Só da cadeia do Patrocinio fugiram de uma vez dezeseis!

O corpo policial, que só se compõe de praças engajadas, ainda não foi possivel completar-se; a guarda das recebedorias derramadas por uma linha extensissima de fronteiras, e a arrecadação dos dinheiros publicos, lhe absorve grande numero de praças; o que resta para a policia he mais que insufficiente para as exigencias deste ramo do serviço publico.

O que nos vale he o bom senso dos nossos comprovincianos, a obediencia á lei e o respeito á autoridade que os distingue; o que nos vale he esse amor ao trabalho que principalmente agora vai apparecendo por toda a parte, que nos prognostica um futuro melhor. A actividade que sempre os distingue em tudo quanto emprehendem, parece que se desloca insensivelmente do terreno volcanico da politica, em que tanto primaram, para o terreno do trabalho productivo, para o terreno da industria tomado na sua accepção a mais generica. Oxalá a deslocação se opere radicalmente o mais breve possivel. Seremos na industria tão grandes quanto o fomos na politica.

—10—

A procura de braços para os novos trabalhos que se tem promovido na provincia, despertando a concurrencia das grandes emprezas, tem produzido o augmento do salario.

Até ao presente eram as companhias inglezas de mineração onde se dava maior demanda de trabalho e por mais alto preço; hoje a concurrencia está estabelecida, apparecendo em campo a companhia *União e Industria*, por um lado da provincia, e por outro, embora muito mais remoto, a companhia do Mucury, além do governo, que sempre tem necessidade de operarios em maior ou menor numero para a construcção de estradas.

Das condições de que temos noticia as offerecidas pelas companhias de mineração pareciam até ao presente as mais vantajosas. Ellas se comprometiam a pagar por cinco annos o jornal do escravo quando este viesse a morrer dentro desse prazo, o que equivalia a 1:000$ para os escravos da primeira classe á razão de 200$ por anno, em um tempo em que elles se compravam por muito menos do que hoje.

Esta condição chamava para os trabalhos da mineração muitos operarios, porque correspondia a um seguro de vida. O senhor do escravo contava em todo caso com o valor de 1:000$000 no prazo de 5 annos.

As vantagens dessa condição, porém, nos parecem mais apparentes do que reaes, uma vez que igual salario pode o operario perceber, empregado em serviços onde a vida não corre perigo algum.

O trabalho da mineração por sua propria natureza, e quanto mais se entranha pelo seio da terra, apezar de todas as precauções tomadas pela sciencia, he muito nocivo á saude. A vida se torna muito contingente. Necessita-se de uma constituição robustissima para ao cabo de limitado numero de annos não se ficar invalido. O seguro da vida pois, em vez de uma vantagem apreciavel não he mais do que fraca compensação, muito fraca sempre que iguaes vantagens se poderem perceber sem o menor risco.

A natureza do serviço que exige a companhia *União e Industria*, serviço de construcção de estrada, torna este seguro desnecessario, e por isso temos como muito favoraveis as condições que ella offerece, e são as seguintes:

1.ª Os operarios serão divididos em tres classes, e a companhia pagará annualmente por cada um escravo trabalhador de primeira classe 200$, aos de segunda classe até 100$, conforme as suas forças e idade, sem contar falhas.

2.ª A companhia, á sua propria custa, sustentará aos escravos engajados, e dar-lhe-ha vestuario logo que se forem deteriorando as duas mudas de roupa e coberta que devem trazer.

3.ª A companhia tratará aos engajados em caso de alguma enfermidade curavel e não chronica; ficando excluidos do contrato aquelles que, por qualquer causa, se inutilisarem para o serviço.

A companhia tambem contrata o engajamento de trabalhadores com as condições seguintes:

1.ª A companhia pagará por cada um escravo, trabalhador, robusto e de primeira classe, mediante contrato de engajamento pelo tempo que convier á *mesma companhia, o jornal de 800 rs. por dia* util em que se trabalhar, sustentando-os devidamente, sem mais onus ou encargo de qualidade alguma; ou *pagará* um mil *réis* sendo os escravos sustentados á custa do proprietario.

2.ª Se algumas escravas houverem de ser introduzidas *no contrato de engajamento*, vencerão 400 rs. por dia de trabalho. Aos menores de 10 annos para cima far-se-ha um preço que corresponda á sua idade e força.

3.ª Se algum dos escravos depois de engajado se *inutilisar para o serviço, devido a qualquer evento, ficará* excluido do contrato.

4.ª Os pagamentos do jornaes em ambos os casos serão feitos regular e pontualmente.

Os agentes, logo que tenham effectuado algum engajamento, deverão fazer seguir os escravos engajados para esta estação do Juiz de Fóra acompanhados do proprietario, ou pessoas de sua confiança, em cujo caso deve vir munida dos necessarios poderes para, verificada a robustez e força dos ditos escravos, ratificar-se o devido contrato.

O director da companhia tem nomeado agentes em varios pontos da provincia para se incumbirem de agenciar trabalhadores, offerecendo a gratificação de 5$ por cada escravo que fôr engajado.

(*Bom Senso.*)

(*Jornal do Commercio* do Rio.)

CORRESPONDENCIA DO DIARIO DE PERNAMBUCO.

BAHIA.

28 de dezembro.

A minha saude ainda não restabelecida tem sido a causa de ser interrompido o meu trabalho epistolar.

E decerto: não ha gosto para cousa alguma quando o physico soffre, mormente quem he ja pela natureza dotado de melancolia.

Vou encerrar os trabalhos deste anno, que para mim não foi dos mais infelizes, e retirar-me para a feira de Santa Anna, onde espero ver terminados os meus soffrimentos.

Por aqui nada ha de notavel, o que parece incrivel á vista da posição desta provincia em relação á muitas outras do imperio.

Os partidos estão cançados, as lutas da imprensa quasi que são ficticias, as *conciliações* são vistas todos os dias, e os mais *ardentes* com um emprego de 400$000 callam-se, e com uma *fitinha* tornam-se valentes e extrenuos defensores do Paraná. A vista disto, meu charo senhor, quem não fugirá hoje desse campo de *espertezas* chamado politica, onde não ha crenças?

Acabo de ser victima de mais uma remoção, e para o Alto Amazonas! Não me queixo do governo, e sim da infelicidade que a muito me persegue.

Encanecido no serviço do meu paiz, ja sem forças, rodeado de quatro filhinhos e de minha companheira, só tenho para deixar-lhes no dia do meu passamento um nome que lhes ha de despertar saudades. Consolo-me no entanto com isto, porque até hoje esta tem sido a partilha dos bons servidores do paiz.

Antes de fechar esta tenho que saldar tres contas.

A *primeira* he para com Vmc. que sem conhecer-me até hoje, me fez o favor de admittir minhas correspondencias no seu bem conceituado *Diario*, e he a elle a quem eu devo a honra de as ver lidas e procuradas.

A *segunda* he com o seu correspondente da Parahiba, que sem o conhecer, muito o respeito pelo talento, graça e fluidez com que escreve, em proza e verso. He um dos mais valentes soldados que conta o seu *Diario*, apezar de ser o mais velho ou o *decano* dos correspondentes. Além de tudo quanto delle tenho dito, acresce que he hoje necessario ás suas columnas, porque quem lê escriptos sem sabor esquece-se do perdido tempo, gastando e muito bem alguns instantes em conversa com o nosso velho amigo.

A *terceira* he com, o seu correspondente de Ipojuca, que com a sua reconhecida bondade e capacidade deu tão boa noticia de minha vinda aos seus prelos.

Em minha viagem para o meu desterro pretendo procura-lo, apenas saltar em Pernambuco, e então será esta a occasião propria de nos conhecermos depois de eu lhe dar alguns signaes sobre a nossa correspondencia.

Se puder ser, e se quizer o seu correspondente da Parahiba dar-se a conhecer para comigo, espero merecer lhe o favor de dar-me uma carta para elle, porque quero ter a honra de conhecer pessoalmente o homem a quem ha muito estimo, pelos seus talentos.

No segundo vapor do fim de dezembro, ou no 1.º de fevereiro lá me terá as suas ordens.

Desejo-lhe muito boas festas, e que o novo anno sorria-se para si com mais felicidade ainda do que o presente.

Junius.

PERNAMBUCO.

REPARTIÇAO DA POLICIA.

Parte do dia 2 de janeiro.

Illm. e Exm. Sr.—Participo a V. Exc. que, das differentes participações hoje recebidas nesta repartição, desde 31 de dezembro findo até hoje consta terem sido presos:

A minha ordem, Salustiano Francisco Severino, e Lourenço de tal, e Manoel Joaquim do Nascimento, todos por furto.

Pela delegacia do primeiro districto deste termo, Pedro Angelo Evangelista, por furto de cavallos.

Pela subdelegacia da freguezia do Recife, o marujo francez Pellegrin Martin, a requisição do respectivo consul, Marcolino Antonio Gonçalves, por desordem, os marujos inglezes Charles Vecon, Thomaz Bron, Alexandre Camuon, e Thomaz Honpons, todos sem declaração do motivo, Henrique Vieira, por desobediencia, a preta escrava Maria, sem declaração do motivo, e João Baptista da Rosa, por ser encontrado com uma faca de ponta.

Pela subdelegacia da freguezia de Santo Antonio, o preto escravo Manoel, por fugido.

Pela subdelegacia da freguezia de S. José, José Martinho Corrêa de Araujo, para recruta, Umbelina Maria da Hora, por furto, José Roque, Joaquim de Sant'Anna, Filippe Santiago, e Cosme Barbosa, este por tentativa de morte, e aquelles por ebrios, e João Dias, sem declaração do motivo.

Pela subdelegacia da freguezia da Boa-Vista, José Antonio Rodrigues, sem declaração do motivo, Maria Barbosa da Cruz, Marcellina Brazida Maria do Carmo, Maria Florinda de Sant'Anna, os pretos escravos Benedicto, Adão, e Paulo José Francisco, todos para correcção.

Pela subdelegacia da freguezia da Muribeca, uma preta que não declarou o nome, sem declaração do motivo.

Deos guarde a V. Ex. Secretaria da policia de Pernambuco 2 de janeiro de 1855.— Illm. e Exm. Sr. conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo presidente da provincia.—O chefe de policia, *Luiz Carlos de Paiva Teixeira.*

DIARIO DE PERNAMBUCO.

Chegou hontem dos portos do sul o vapor *Tocantins*, e por elle recebemos jornaes do Rio de Janeiro até 25 do passado, da Bahia até 29 e de Maceió até 20.

Permanecem em tranquillidade todas as provincias desse lado do imperio.

Além dos despachos que em outra parte vão transcriptos, temos de referir mais o seguinte:

Foi agraciado com o titulo de barão do Rio Preto, o Sr. commendador Domingos Custodio Guimarães.

Foram condecorados; com a commenda da ordem da Rosa, o Sr. Manoel Vieira de Aguiar, fazendeiro em Itacurussá; e com a de Christo, o Sr. Joaquim Mariano de Amorim Carrão, fazendeiro em San-Gonçalo.

O Sr. Dr. Augusto Teixeira de Freitas foi encarregado pelo governo imperial de colligir e regularisar toda a legislação civil e criminal brasileira para depois formular os competentes codigos.

Foi nomeado ajudante d'ordens do chefe de esquadra encarregado do quartel general da marinha, o Sr. capitão-tenente Antonio Affonso Lima.

Foi reformado no mesmo posto, com o soldo correspondente ao tempo de serviço, o Sr. 1º tenente da armada Salyro Gomes Cruz.

Installou-se no dia 17 do passado na corte, uma nova associação philantropica, denominada *Sociedade de beneficencia Italiana*, sendo uma commissão encarregada de confeccionar os respectivos estatutos.

Achava-se definitivamente encorporada a companhia *Reformadora*, que tem por fim realisar a abertura e alargamento da rua do Cano, e edificação de novos predios na mesma. O fundo capital he de 10,000:000$ divididos em 50,000 acções de 200$ cada uma. Foram distribuidas por 750 e tantas pessoas 25,000 dessas acções, ficando as outras para serem repartidas pelos proprietarios da sobredita rua, como manda a lei.

Le-se no *Correio Mercantil*:

« Segundo o quadro estatistico, que temos em mão, dos trabalhos do anno lectivo, que está a findar, da escola de direito de S. Paulo, matricularam-se este anno naquella escola 254 estudantes: no primeiro anno 96, no segundo 51, no terceiro 46, no quarto 32 e no quinto 39; sendo 2 do Pará, 3 do Maranhão, 2 do Ceará, 1 de Pernambuco, 3 de Sergipe, 7 da Bahia, 82 do Rio de Janeiro, 83 de S. Paulo, 3 do Paraná, 3 de Santa Catharina, 57 de Minas, 2 de Goyaz, 3 de Matto-Grosso, 8 de S. Pedro do Sul, 3 do Estado Oriental e 1 de Portugal.

Foram approvados plenamente 243: no primeiro anno 88, no segundo 51, no terceiro 34, no quarto 32, no quinto 38; sendo 2 do Pará, 3 do Maranhão, 2 do Ceará, 1 de Pernambuco, 3 de Sergipe, 4 da Bahia, 73 do Rio de Janeiro, 80 de S. Paulo, 3 do Paraná, 3 de Santa Catharina, 52 de Minas, 2 de Goyaz, 3 de Matto-Grosso, 8 de S. Pedro do Sul, 3 do Estado Oriental e 1 de Portugal.

« Foram approvados simpliciter 12: no primeiro anno 4 e no terceiro 8; sendo 5 do Rio de Janeiro, 3 de S. Paulo, 3 de Minas e 1 de San-Pedro do Sul.

« Foram reprovados no primeiro anno 2, no terceiro 3, no quinto 1. Total 6; sendo 5 da Bahia e 1 de Minas.

« Não fez exame um estudante do 3º anno, natural do Rio de Janeiro.

« Perderam o anno 4 do primeiro; sendo 3 do Rio de Janeiro e 1 de Minas.

« Tiraram carta 35; 1 do Pará, 1 do Maranhão, 1 de Pernambuco, 7 do Rio de Janeiro, 11 de S. Paulo, 1 do Paraná, 1 de Santa Catharina, 9 de Minas, 1 de S. Pedro do Sul e 2 do Estado Oriental.

« Segundo o quadro estatistico do resultado dos trabalhos da faculdade de medicina do Rio de Janeiro no anno lectivo de 1854, frequentaram as diversas aulas 283 estudantes, sendo 253 alumnos do curso medico e 30 do curso pharmaceutico. Dos primeiros foram approvados *optime cum laude* 38, *nemine discrepante* 129, *simpliciter* 63; foram reprovados 3, perderam o anno 12, deixaram de fazer acto 2, foram para a faculdade da Bahia 5, falleceu 1, e doutoraram-se 31.

« Dos pharmaceuticos foram approvados *optime cum laude* 4, *nemine discrepante* 27, *simpliciter* 6, foi reprovado 1, perderam o anno 12, e concluiram o curso 8.

« Dos 283 alumnos, 184 são do Rio de Janeiro, 7 de S. Paulo, 1 de Santa Catharina, 17 do Rio Grande do Sul, 5 de Matto-Grosso, 34 de Minas-Geraes, 5 do Pará, 2 do Maranhão, 1 do Piauhy, 13 do Ceará, 1 do Rio Grande do Norte, 6 de Pernambuco, 3 das Alagoas, 16 da Bahia, 1 do Espirito Santo, 4 Francezes, 2 Portuguezes e 1 Hespanhol.

« No curso medico frequentaram o 1.º anno 38 alumnos; o 2.º 56; o 3.º 37; o 4.º 33; o 5º 53; o 6.º 36. No curso pharmaceutico matricularam-se no 1.º anno, 22; no 2.º 13; e no 3.º, 15. »

Lê-se no *Correio Paulistano*.

« Parece que o projecto de estabelecer uma linha ferrea entre a cidade de Santos e villa de S. João do Rio Claro não está abandonado. Consta-nos que os Exms. Srs. marquez de Monte-Alegre e barão de Mauá pediram a S. Ex. o Sr. presidente da provincia informações sobre o numero de animaes e valor dos generos que passam annualmente pela barreira do Cubatão. »

« A mesma folha noticia que no dia 9 se haviam reunido em casa do Sr. senador Francisco Antonio de Souza Queiroz, em S. Paulo, varios capitalistas com o fim de crearem um banco hypothecario nesta cidade. Foi nomeada uma commissão composta dos Srs.: barão do Tieté, commendador Ribeiro da Silva e senador Souza Queiroz, para organisarem os estatutos. A mesma commissão se acha encarregada, por deliberação dessa associação, de aceitar a assignatura das pessoas que quizerem tomar acções, no prazo de 15 dias a contar do dia 12, findo o qual não serão aceitas mais assignaturas. O banco entrará em exercicio logo que seus estatutos tenham sido approvados pelo governo imperial; o seu capital he de 2,000 contos, e as acções são de 200$; este fundo social porém poderá ser elevado até o dobro, quando a assembléa geral dos accionistas o julgar necessario.

« — Desnecessario he, accrescenta o *Correio Paulistano*, demonstrar aqui as vantagens que a nossa provincia vai colher deste estabelecimento; ellas estão ao alcance de todas as intelligencias. Abrio-se, pois, uma nova éra á industria, em todos os seus ramos. Bem hajam os benemeritos cidadãos que para isso concorreram. »

— Lê-se no *Dezenove de Dezembro* do Paraná:

« Consta-nos, e com toda a certeza, que na bahia de Paranaguá naufragára a canôa em que vinha a correspondencia da côrte, perdendo-se tres saccos de cartas, e sómente se salvando um outro em que se suppõe que vinha a correspondencia de S. Paulo. Deste modo ficamos privados por mais um mez de saber qualquer noticia da côrte.

« Nossa boa fé nos faz acreditar que com effeito foi isso uma calamidade, que frequentemente acontece entre os homens; mas muita gente verá nisso uma perfida maneira de subtrahir, ou ler as cartas e officios do correio, inutilisando-os depois. Já he a segunda vez que se perde a mala, e quando se espera correspondencia importante. E mais razão terá essa gente no seu modo de pensar, se se attender que não ha exemplo ainda de se ter virado canôa na bahia de Paranaguá havendo viração, principalmente ainda se se considerar que os saccos vinham amarrados no banco da canôa, e que era preciso mais do que a força do mar para desamarra-los, ao mesmo tempo que não houve perigo algum de vida, nem perda de qualquer outro objecto.

« Deos se amercie de nós, e o governo attenda a estes abusos, se em sua sabedoria entender que não foi isto um acto casual, mas sim effeito da vontade dos homens. »

— A presidencia da provincia da Bahia tinha nomeado uma commissão composta do commandante superior Antonio Mariani (da villa da Barra do Rio de S. Francisco) e de Antonio Marques de Almeida, para se encarregar da abertura de uma estrada, que passando pela serra Olho d'Agua, vá ter á fazenda da Boa-Vista, onde encontra a estrada que communica com a comarca de Paranaguá da provincia do Piauhy.

O major de engenheiros Innocencio Velloso Pederneiras, foi incumbido de mandar construir uma atalaia na barra das Canavieiras, para signal as embarcações que demandarem aquelle porto, onde muitas se tem perdido por falta de semelhante providencia.

No dia 20 do passado amanheceu enforcado na capital, em casa do Sr. Dr. Souto, um preto escravo do Sr. visconde da Pedra Branca, o qual tendo de soffrer uma operação perigosa, declarou na vespera a alguns companheiros que preferia a morte aos soffrimentos porque ia passar.

Le-se no *Jornal da Bahia*:

« Ha um mez pouco mais ou menos, por haver falta de farinha de trigo nos depositos, os padeiros passaram á vender por 80 rs. o pão que antes vendiam por 40 e por 40 o que antes vendiam por 20 etc. Essa falta, porém desappareceu, e se não ha abundancia de farinha, ou se está ella ainda cara, sem duvida por que tem faltado aos mercados da Europa os trigos da Russia, nem por isso ha motivo para se conservar o pão tão caro como n'aquelles dias de grande falta. Infelizmente temos tido frequentes exemplos do máo costume dos padeiros a este respeito. Quando uma vez encareceram o pão com justo motivo, embora este cesse, a carestia continua sempre.

Os biscoitos e a bolacha são feitos com farinha misturada e azeda, que deve causar grandes males.

Não queremos nomear as padarias que o tem feito, mas chamamos sobre este segundo ponto a attenção da zelosa commissão de hygiene, e sobre o primeiro a da policia, porque, he geral e muito justo o clamor da população.

« Espalhou-se o boato de uma reunião de cerca de mil africanos, que devia haver na noite de 24 para 25 do corrente lá para a Cruz do Cosme: dadas as providencias necessarias, reconheceu-se ser elle falso.

« O Sr. Dr. chefe de policia embarcou no domingo para Santo Amaro a tratar de sua saude: ficou em seu lugar o Dr. delegado do 1º districto.

« Na noite de natal tentaram arrombar uma porta que tem para o becco do Gaspar o armazem de café dos senhores Gomes & C. da rua da Enrola. A porta fechada por dentro com boa parede ainda apresenta vestigios da alavanca. Alguns moradores de cima, ouvindo o barulho que faziam no arrombamento, atiraram garrafas e pedras, e conseguiram afugentar os ladrões. Notou-se que nessa occasião estavam encostados no caes do Trapiche Novo dous barcos, que talvez la estivessem innocentemente, mas que não deixam pensar-se em seu favor, pois nos parece que não lhes he permittido atracar á noite, e que para isso devem andar rondas no caes. »

— O Exm. presidente da provincia de Alagoas tinha partido no dia 19 a bordo do vapor *Santa Cruz*, para a cidade do Penedo.

O Sr. João Severiano Ribeiro entrou no exercicio do lugar de inspector da thesouraria geral da mesma provincia no dia 11 do passado.

Fomos obzequiados com o *Times* de 24 de novembro e com o supplemento ao *Northern Daily Times* de 23, as quaes gazetas, confirmando a noticia da batalha de Inkerman dão mais algumas particularidades a este respeito, e outros factos que não haviamos encontrado no *Courier de Liverpool* de 22.

O *Invalide*, jornal russo annuncia officialmente que a perda russa em 5 de novembro era de 42 officiaes e 2,969 homens mortos, e 206 officiaes e 5,791 homens feridos, vindo a sommar tudo 9,008 mortos e feridos.

Os generaes Torrens e Bentink e outros officiaes feridos tinham chegado a Malta a 17 de novembro.

Um despacho de Marselha da manhãa de 23, annunciava a chegada das divisões do exercito francez e dos generaes respectivos á Toulon, onde deviam embarcar a bordo de uma flotilha de vapores, com destino á Criméa.

O *Moniteur* publicou um relatorio official do general Canrobert acerca da batalha de Inkerman. O general elogia altamente o valor dos alliados, e da muitos promenores sobre a victoria. Diz que os Russos montam a 100,000 homens.

Segundo o *Times* morreram 2,200 Inglezes e 1,700 Francezes. O ferimento do general Canrobert foi leve. Continuava o bombardeamento, e a perda dos Russos era calculada diariamente em 150 homens.

Sabia-se por Vienna que segundo o relatorio do principe Menschikoff a perda russa na batalha de Inkerman era de 3,500 soldados e 109 officiaes feridos; mas não diz nada relativamente ao numero dos mortos.

Um despacho de S. Petersburgo refere, que para substituir os artilheiros destruidos em Sebastopol pelos alliados, o ministro russo da marinha tirou os artilheiros da esquadra do Baltico e os mandou para o Sul. Um especial e rapido serviço de waggons foi preparado para conduzi-los.

Dizia-se que o assalto da cidade fora adiado até a chegada dos reforços que os alliados esperavam.

O *Times* falla em um recontro que teve lugar entre a divisão naval ingleza no Pacifico e as fragatas russas, que estavam no porto de Petropaolowsk no Kamstchacka, protegidas por duas baterias de terra de grande força.

« Todos os que se lembram da ultima guerra, diz a referida gazeta, conhecem os seus triumphos e revezes. Nunca tivemos uma guerra sem elles, e fora loucura contar com isto. Seria inutil desfarçar o verdadeiro caracter do ataque de Petropaolowski, lugar de que a maior parte dos nossos leitores talvez nunca ouvisse fallar, mas de que agora se ha de lembrar como um porto fortificado na longinqua região do Kamstchatka. O ataque se explica por si proprio. Uma esquadra fraca tentou praticar aquillo a que não nos tinhamos aventurado, nem no Baltico nem no Mar Negro; isto he, tomar duas fragatas russas que estavam fundeadas no porto sob a protecção de fortes baterias. Não pode consegui-lo. Parece que a esquadra, acreditando nas informações de alguns Americanos, que sem excepção de um só, são amigos dos Russos naquella parte do mundo, ao menos pelo que toca á luta actual, enviou parte consideravel da sua marinhagem a uma posição onde foi assassinada pelos Russos. He evidente que temos ainda que aprender não só quanto á arte da guerra, se não quanto á experiencia, que he proverbialmente cara.

« Devemos depositar pouca confiança na supposta sympathia de raça, de religião e de constituição entre nós e os Americanos do Norte. Elles não teem nada a receiar dos Russos, ao passo que nos temem, ou antes teem ciumes de nós. Por tanto devemos ter a certeza de que somente se hão de lembrar do seu interesse como o entendem, e que quando for necessario, porão de parte as sympathias. Como devemos suppor, não podem ver com grande prazer que os nossos navios sulquem o Pacifico, visitem as suas ilhas, entrem em negociação com os seus chefes, percorram as costas, entrem nos portos e se considerem como em sua propria casa. Neste ataque he claro que o almirante Price não era senhor das suas acções, e talvez nem mesmo da sua razão. Desesperando do triumpho parece que se suicidou depois dessa tentativa fatal. Este incidente tinha de acontecer, e a circumstancia de ter succedido n'uma parte do mundo tão distante, serve somente para nos recordar quanto esta guerra se parecerá com a ultima, até que ponto se estenderá a sua influencia, quão grandes serão as suas vicissitudes, e quão grandes devem ser os nossos esforços. »

As noticias que temos sobre a Hespanha chegam a 21 de novembro. Espartero annunciou que o ministerio apresentaria a sua demissão á rainha, segundo o uso parlamentar, na abertura das cortes constituintes, de sorte que as cortes devem escolher os conselheiros da rainha. A tranquillidade publica não tinha sido perturbada.

LITTERATURA.

RUBENS A SUA VIDA E AS SUAS OBRAS.

(*Conclusão.*)

Os trabalhos de Rubens foram muitas vezes interrompidos por missões diplomaticas. Não tenho nada a dizer ácerca da missão que lhe foi confiada por Vicente de Gonzaga, duque de Mantua, seu primeiro protector na Italia, porque he de tal sorte insignificante, que não merece ser mencionada. Rubens, segundo a opinião dos seus biographos, foi encarregado de levar á Hespanha magnificos presentes que o duque destinava a el-rei, isto he, uma mui bella carruagem e sete cavallos de raça. Em verdade, para cumprir semelhante missão, todos os dous que possuia o protegido de Vicente de Gonzaga eram perfeitamente inuteis; não ha nisto nada que illustre uma carreira diplomatica. Com tudo quero crer que as funcções do embaixador fossem um pouco além, e que elle tivesse alguma cousa a dizer a el-rei de Hespanha; mas os biographos não se dignaram noticiar-nos de que natureza eram as negociações que elle devia encetar ou concluir. Aquellas que emprehendeu para o archiduque Alberto ou para Filippe IV teem uma importancia mui real, e a historia deve dar conta dellas. Nove annos antes do nascimento de Rubens, o sangue dos condes d'Egmont e de Horn tingira o cadafalco da praça da municipalidade de Bruxellas. O inexoravel dominio do duque d'Alva deixára em todos os corações uma indelevel lembrança. Rubens não parece ter-se associado aos legitimos resentimentos de seus compatriotas, pois que elle submetteu sem escrupulo o seu talento ao serviço da monarchia hespanhola. Fez varias viagens a Madrid, a Haya e a Londres, ora para instruir el-rei de Hespanha ácerca do estado dos espiritos nos Paizes Baixos, ora para sondar as disposições da Inglaterra, enterrogando Gerbier, seu agente diplomatico na Hollanda, ora em fim para lançar as bases de uma alliança offensiva e deffensiva entre as côrtes de Londres e Madrid. Não se pode negar que elle desenvolvesse nestas diversas missões verdadeira habilidade, pois que conseguio realisar os votos do soberano que o empregava. Entretanto não se pode ver sem tristeza um homem de talento votar-se ao serviço dos oppressores da sua patria. Os resultados que obteve nestas funcções delicadas, que exigem sempre flexibilidade, destreza, perseverança, e especialmente penetração, não nos poderiam fascinar ácerca do caracter deploravel do seu papel diplomatico. Verdade he que João Rubens, que se condemnara voluntariamente ao exilio como suspeito de adhesão ás doutrinas protestantes, abraçára publicamente a fé catholica para tornar a entrar nas graças do archiduque, e que a dedicação ao dominio hespanhol era para o filho uma herança de familia; mas Pedro-Paulo possuia uma intelligencia mui ampla, por isso não podia deixar de comprehender toda a humiliação que havia neste dominio, e os seus mais sinceros admiradores, ao passo que lhe reconhecera aptidão singular para as funcções diplomaticas, não podem eximir-se de deplorar que elle se deixasse distrahir dos seus trabalhos de predilecção, daquelles que lhe fundaram reputação, para servir a um governo que tratava de uma maneira tão cruel a seu paiz.

Na sua missão a Madrid, foi accumulado de honras e attenções, e o embaixador, festejado por toda a côrte, empregava as horas de descanço que lhe deixavam as suas funcções em pintar el-rei, a rainha e os principaes fidalgos, que se apinhoavam todos os dias na sua officina. Um dia, João de Bragança, depois que foi rei de Portugal, convidou Rubens a fazer-lhe uma visita na sua casa de recreio em Villa-Viciosa. Rubens partio com uma numerosa comitiva de fidalgos hespanhóes e flamengos. O futuro rei, tendo noticia da numerosa escolta que o acompanhava, enviou-lhe um dos seus cortesãos para testemunhar-lhe o pezar que tinha de não poder espera-lo; segundo dizia, fora chamado a Lisboa por negocios da ultima importancia. Em verdade, só a avareza dictara estas desculpas mentirosas; receava ter de sustentar muita gente. Como o mensageiro de João de Bragança offerecesse a Rubens uma bolsa com cincoenta piastras para as despezas da sua viagem: « Agradeça a sua alteza, respondeu o embaixador rindo-se, metti mil pistolas nas algibeiras antes de por-me a caminho. »

A sua ultima missão em Haya foi assignalada por um episodio desagradavel em que o seu orgulho soffreu cruelmente. Como elle partia para seu posto com as instrucções escriptas que a archiduqueza lhe confiéra, a nobreza flamenga reclamou energicamente contra a sua nomeação, e o duque d'Arschot foi encarregado de substitui-lo. Rubens devia entregar-lhe as instrucções. Nesta occasião, o duque escreveu-lhe uma carta que nos foi conservada, e que he um verdadeiro modelo de impertinencia, senão de bello estylo: « Espanta-me, lhe diz elle, que tomasse a liberdade de escrever-me, em vez de vir procurar-me em pessoa na tasca onde foi duas vezes espera-lo. Não se esqueça para o futuro da distancia que separa as pessoas da sua cathegoria e as pessoas da minha. » Rubens devorou esta affronta e entregou as instrucções. Tinha sido enobrecido por Filippe IV, e possuimos os seus brasões d'armas; mas era apenas cavalleiro, e o duque d'Arschot não ignorava que todos os antepassados de Rubens, desde 1350 até seu avô, tinham sido cortidores, que seu avô era taberneiro, que seu pai, João Rubens, era o primeiro que tinha exercido uma profissão liberal. Podia exercer funcções diplomaticas um plebeu de plebe tão averiguada? O duque d'Arschot era de uma casa muito boa, e não podia acredita-lo. No dia em que recebeu esta carta impertinente, Rubens comprehendeu, mas muito tarde, que, para sua gloria e dignidade, devia ficar pintor, e não importar-se com diplomacia, pois que a sua capacidade reconhecida e os titulos de nobreza que recebera de el-rei de Hespanha não apagavam para o duque d'Arschot a sua qualidade de intruso. A embaixada em Inglaterra foi coroada com um pleno triumpho: conseguio estabelecer uma alliança entre as côrtes de Londres e de Madrid; mas, nesta mesma occasião, apezar das honras com que foi accumulado, deveu comprehender que o não reputavam de muito boa casa, pois que, quando lançou as bases da alliança, outro embaixador, um diplomata de velha nobreza, foi encarregado de assignar o tratado. O seu proprio talento para a pintura, se devemos a este respeito dar credito aos seus biographos, era considerado pelos cortesãos de Carlos I como derogação ás suas funcções diplomaticas. Um bello espirito da côrte, mui encasquetado da sua raça, achando-se um dia na sua officina, lhe teria dito: « Pelo que vejo, o senhor embaixador se distrahe algumas vezes das suas graves funcções, fazendo-se pintor, não he assim? Não, teria respondido Rubens, distrahio-me da pintura, fazendo-me embaixador. Digam lá o que quizerem ácerca desta replica, he de crer que o pintor não ficasse mui lisongeado ao ver-se tratado desta maneira.

Voltemos aos trabalhos que elle nunca devera ter deixado. Os biographos nos communicam como elle dividia o tempo. Levantava-se muito cedo e ia sempre ouvir a primeira missa. Era isto da sua parte piedade sincera ou acto de cortesão? A ultima hypothese he a que offerece mais verosimilhança. Ouvida a missa, punha-se a trabalhar até meio dia. Ao meio dia, jantava, segundo o uso do seu tempo; ao deixar a mesa, tornava a tomar a palheta, sem sentir necesidade de descançar depois da comida, pois que era mui sobrio por temperamento e por calculo: sabia que uma nutrição mui abundante difficulta o exercicio da intelligencia. Trabalhava habitualmente até cinco horas, depois escolhia na sua estribaria um dos numerosos cavallos que tinha comprado com o fructo do seu trabalho ou recebido como presente, e ia passear fora da cidade durante uma ou duas horas. Nos seus passeios solitarios, meditava com descanço nas suas obras futuras ou contemplava a paisagem e observava todos os accidentes da luz decrescente. Foi durante uma destas curtas ausencias que os seus discipulos, tendo obtido, á custa de supplicas, do guarda da sua officina a permissão de verem uma obra não concluida, apagaram, com os seus brinquedos estouvados, a cabeça e a roupagem de uma Virgem. Consternados por esta falta, consultavam entre si ácerca dos meios de repara-la. Então cobraram animo, e com voz unanime decidiram que Van Dyck era o unico capaz de tornar a pintar a cabeça e a roupagem apagadas. Van Dyck submetteu-se aos votos dos camaradas e justificou-lhes plenamente a confiança. No dia seguinte Rubens tornou a occupar-se com a obra não concluida sem pensar que Antonio lhe houvesse posto mãos, e depois quando soube da occurrencia, deixou de reprehender os discipulos.

Entre os biographos de Rubens, varios, em vez de attribuir-lhe a prodigiosa fecundidade ao irresistivel impulso do seu talento, pretenderam explicar pela avareza, pela cubiça, o numero incrivel da suas obras. Toda a sua vida me parece *desmentir* semelhante accusação ou pelo menos refuta-la: elle vivia esplendidamente, tratava-se como principe, e a sua bolsa nunca esteve fechada para os seus amigos. Os seus numerosos rasgos de generosidade para com seus discipulos e até para com seus rivaes não permittem que se acredite na justiça destas censuras. Quando Van Dyck, ao voltar da Italia, se queixava da indifferença dos seus compatriotas e confiava a seu mestre o seu profundo desanimo, Rubens comprava-lhe no mesmo instante todas as suas obras concluidas e não concluidas. A cubiça que se revela por semelhante comportamento he certamente uma cobiça mui innocente. Disseram que elle avaliava em florins o trabalho de cada dia, e fixava o preço dos seus quadros segundo este calculo. Custa-me a crer que esta noticia seja perfeitamente authentica. Se lançam-lhe em rosto algumas cartas que nos tem sido conservadas, ver-se-ha que isto não se accomoda com o bom senso. Assim a *Descida da Cruz*, pintada para a companhia dos arcabuseiros, custou somente dous mil e quatro centos florins, mais um par de luvas de oito florins para Isabel Brandt. Se Rubens avaliava o dia de trabalho em cem florins, devera ter concluido em vinte quatro dias esta obra capital. Fosse qual fosse a sua presteza, a sua dexteridade, a cousa não he crivel. Semelhante prodigio só pode figurar nos contos de fadas. Os seus biographos não receiam affirmar que elle pintou em um só dia a *Kermesse* (feira annual na Hollanda), que possuimos no Louvre. Taes *dizem* não merecem um só momento de attenção. Pela decoração de White-Hall recebeu elle trez mil libras esterlinas; por tanto teria acabado esta obra immensa no espaço de um anno. Não ha um juizo esclarecido que se digne acreditar nisto.

Vemos n'uma carta de Rubens dirigida a Peiresc, celebre antiquario da Provença, que elle se queixa de ainda não ter recebido a paga dos seus trabalhos do Luxembourg, executados para Maria de Medicis, e que compara o procedimento da rainha mãi para com sigo com a generosidade de Buckingham. Todavia reconhece que o casamento de Henriqueta de França occasiona á mãi grandes despezas, e que a demora em pagar-lhe não lhe deve attrahir a censura de avareza. Se he nesta carta que se beberam os elementos da accusação dirigida contra Rubens, se he ahi que pretendem encontrar as provas da sua cubiça, elle não tem necessidade de ser defendido. Por outro lado, posto que soubesse administrar com ordem o seu patrimonio e o fructo dos seus trabalhos, elle não enthesourava. Tinha vendido ao duque de Buckingham a collecção que trouxera da Italia por dez mil libras esterlinas, reservando todavia para si os moldes das estatuas, dos camafeus e das pedras gravadas, e por sua morte os herdeiros encontraram em casa delle uma collecção nova cuja venda excedeu a quinhentos mil francos. Um avarento que dispende para seus estudos, para o prazer dos seus olhos, para a alegria da sua intelligencia, tres quartos de um milhão, he um avarento de nova especie; em todo o caso, não pertence certamente á familia d'Harpagon.

Rubens morreu na idade de sessenta e tres annos, de um accesso de gotta recolhida. Poucos dias antes da sua morte, sentindo o seu fim aproximar-se, escrevia ao seu compatriota Duquesnoy, que fez para S. Pedro de Roma a estatua de Santo André: « Senhor, a sua gloria e celebridade reflectem sobre toda a nossa nação. Se a minha idade e o gosto funesto que me devora não me detivessem aqui, partiria agora mesmo e iria admirar com os meus proprios olhos cousas tão dignas de elogios; mas, visto que não posso conseguir esta satisfação, pelo menos espero ter a satisfação de o tornar a ver incessantemente entre nós, e estou certo que um dia a nossa chara patria se glorificará das obras com que o seu talento a tem enriquecido. Praza aos céos que isto aconteça antes que a morte, que em breve me fechará os olhos para sempre, me prive do prazer inexprimivel de contemplar as maravilhas que executa essa mão habil, que beijo do intimo do meu coração! (Antuerpia, 17 de abril de 1640.) » O receio manifestado nesta carta foi em breve justificado. Rubens expirava a 30 da maio de 1640; fizeram-se-lhe magnificas exequias; magistrados, clero, nobreza, burguezia, toda a população seguio o seu feretro até a igreja de S. Thiago, onde foi collocado no carneiro da familia Fourment, e tres dias depois celebrou-se em sua honra um serviço cuja pompa lisongeára o orgulho das mais soberbas familias.

He esta certamente uma vida mui completa. Este homem prodigioso não esteve um só dia inactivo. Entretinha uma correspondencia com os homens mais eminentes da Europa. Como se tivesse tomado por guia a phrase de Carlos Quinto sobre os homens que conhecem a fundo varias linguas, tinha aprendido cedo e fallava familiarmente flamengo, inglez, allemão, francez, italiano, hespanhol e latim. Estudara quasi com igual ardor quasi todas as partes da sciencia humana; era pintor primeiro que tudo, mas fallava como homem esclarecido sobre as questões mais diversas. Apezar do immenso numero das suas obras, não he verdade que se houvesse abandonado aos azares do improviso, como se comprazem em repetir tantos espiritos frivolos. A meditação não lhe era desconhecida, e se saboriou todas as delicias do poder creador, preparara-se para esta formidavel actividade por longos estudos, pela solidão e pela reflexão. Produzir era para elle uma felicidade de todos os instantes; mas comprara esta felicidade, e não a tinha achado na estrada. Se elle recebeu do ceo o genio, fecundou-o por um trabalho obstinado. Interrogara com olhos avidos todos os mestres da escola italiana. Não poupara nada para roubar-lhes o segredo, e abraçava com o pensamento a historia inteira da arte, desde Phidias até Miguel Angelo. Entretanto não nos devemos illudir ácerca dos limites da sua fecundidade. Por maior que fosse o poder do seu talento, nunca teria tempo para pintar todos os quadros que tem o seu nome. Quando traçava uma composição, confiava-a aos discipulos que a esboçavam, que muitas vezes até a executavam quasi toda, e como sabia escolher a proposito os seu auxiliares, podia acaba-la em alguns dias. Este methodo, que he o unico que pode explicar o numero das suas obras, tem por mais de uma vez despertado a desconfiança dos ignorantes. Um conego que lhe havia encommendado um quadro de igreja, vendo tres quartos da obra feitos sem que o mestre apparecesse, escreveu-lhe para queixar-se: « He um quadro da sua mão que quero, dizia-lhe elle; o nosso ajuste fica sem effeito: se o senhor abandonar a obra aos seus discipulos. » Rubens teve grande difficuldade em tranquillisar o conego. O comprador só comprehendeu a injustiça dos seus receios, vendo a obra terminada em sua presença pela mão do mestre.

Enumerar os quadros a que elle deu o seu nome, e que hoje ornam as principaes galerias da Europa, fora um trabalho sem proveito para o leitor. O catalogo de Smith, que servio de base a todas as publicações deste genero, eleva-os acima de mil e trezentos. Ser-nos-ha sufficiente para avaliar-lhe o talento, para apanhar-lhe o caracter, para determinar-lhe o alcance, escolher neste catalogo immenso as composições que revelam de uma maneira brilhante as diversas faces desta vasta intelligencia, que abraçára com igual felicidade todas as partes da pintura.

A primeira que se apresenta ao pensamento, a mais celebre na historia, esta hoje collocada na cathedral de Antuerpia; quero fallar da *Descida da*

MUTILADO

Cruz. He de ordinario a esta composição que os admiradores e adversarios de Rubens pedem os seus argumentos. Esta obra he certamente uma das mais importantes, uma das mais preciosas que elle produzio. Para nos servir de uma locução familiar aos escriptores italianos, a *Descida da Cruz* he por si só uma escola de pintura. Se lhe não contem todo o genio, pelo menos nos mostra a melhor parte delle; ainda quando só tivesse produzido esta obra, seria contado entre os maiores mestres da sua arte. A composição he cheia de grandeza e de simplicidade. Dous operarios collocados no vertice da cruz, sustentam nos dentes a mortalha de Christo, e com as mãos livres acompanham o corpo do crucificado. José de Arimathea e Nicodemos sustentam-o nos braços. S. João em pé junto a cruz, defronte da Virgem Mãi, coadjuva-os no complemento deste pio dever. Um dos pes de Christo descança sobre o hombro de Magdalena ajoelhada. Salomé, acocorado por traz de Magdalena, contempla com olhos espavoridos este doloroso espectaculo. Fora difficil imaginar uma scena mais pathetica e mais simplesmente traduzida. O corpo de Christo, modelada com rara elegancia, não tem nada theatral. A cabeça se inclina sobre o peito, todo o corpo se abate, e todos os membros estão inteiriçados pela morte.

A consultar-se somente a realidade, abstrahindo de qualquer doutrina, releva confessar que Rubens, nesta obra, se collocou ao lado dos pintores mais habeis. Seja qual for a predilecção que nos arraste, quer a nossa sympathia pertença á Florença ou Roma, a Veneza, a Parma ou a Milão, ficamos deslumbrados pela audacia das attitudes, pela sciencia profunda que se manifesta em todas as partes deste quadro; mas não he este o unico merito que a recommenda. Distinguir somente na *Descida da Cruz* a expressão da realidade, he não comprehende-la. Ha nesta composição alguma cousa mais do que uma exacta imitação da forma humana. A dor da Virgem he uma dor verdadeira, dor que rasga as entranhas. Pode-se discutir com descanço a elegancia do vestuario, nunca se poderá negar com boa fé o caracter pathetico da cabeça. A dor de Magdalena, tão verdadeira como a dor da Virgem, he marcada com outro caracter; ha na peccadora convertida uma tristeza apaixonada. O hombro que recebe o pé do Christo suscitou iras que custa-me a comprehender. Os puristas julgavam-na vulgar. Por mais que medite nesta censura inconcebivel, não posso atinar o modo porque poderiam justifica-la. Vejo neste movimento uma faisca de genio. A piedade de Magdalena não pode assemelhar-se á de Maria; a sua dor ainda não conhece a resignação. De joelhos aos pés do Cruxificado, com os cabellos esparsos, indigna-se tanto quanto se afflige com a morte do Christo; nas suas lagrimas ha quasi tanta colera quanta desolação. Quer tocar no corpo do Christo; será um movimento que offende o gosto e revolta a piedade? Não levem a mal os espiritos impertinentes o que digo, nem nisto vejam cousa que se pareça com uma profanação. Accusam S. João, o discipulo querido, collocado diante do espectador em uma attitude theatral. Esquecem-se ou fingem esquecer que a sua attitude se explica e justifica pela acção que elle realisa. Não se curva para ostentar a elegancia das formas, inclina-se para traz para sustentar com mais firmeza as pernas do Christo. O olhar, fixado sobre a Virgem, exprime ao mesmo tempo a afflicção e a esperança. Parece que diz á Mãi lacrimosa: « O teu filho não morreu inteiramente; resigna-te, um dia ser-te-ha restituido. » José d'Arimathea e Nicodemus preenchem o seu piedoso dever com tal gravidade, que revela fé profunda. O cadaver que sustentam nos braços, não he para elles um cadaver que a terra deva guardar, uma presa entregue á corrupção. Crêem firmemente na resurreição do Cruxificado; seu mestre não está perdido para sempre. A expressão dos seus semblantes nada apresenta que deva espantar-nos; a gravidade não he a indifferença; esperam, e, se ainda não estão consolados não desanimaram. Quanto aos operarios, collocados sobre vertice da cruz, deveremos admirar-nos que os semblantes não respirem a dor? Para estes, o Christo não he mais que um fardo que sustentam, só vêem neste cadaver um salario a ganhar. A sua total indifferença, que não pretendo contestar, não precisa de justificação.

Assim, entre as nove figuras de que se compõe este quadro, não ha uma que se não recommende pela verdade: movimento de corpos, expressão de cabeças, tudo he concebido com sciencia, traduzido com fidelidade. Deixemos em paz os declamadores que só querem ver na *Descida da Cruz* uma scena pagã. Não perturbemos o triumpho pueril que parece torna-los tão soberbos. A ouvi-los, lamentam não descobrir no corpo do Christo os signaes evidentes de proxima resurreição. O que significa essa engenhosa censura, se não que desejariam um cadaver de natureza até aqui desconhecido, um cadaver que não fosse totalmente invadido pela morte? Rubens seria um pagão, porque o corpo do Christo se abate entre os braços de Nicodemus e de José, por que as pernas já não podem sustenta-lo, por que o sangue já não circula sob essa carne inanimada? O sangue recolhido n'um vaso, o qual já está coalhado, revolta a piedade delles. Eu não tentaria applacar-lhes a colera. Applaudam-se muito embora por essa maravilhosa descoberta, glorifiquem-se da sua sagacidade: o paganismo de Rubens não chega até minha intelligencia; para penetrar esse mysterio de iniquidade, he mister sem duvida possuir um sentido que me falta. Se pretendem dizer que o *Stabat Mater* do convento de S. Marcos em Florença respira uma piedade mais fervorosa que a *Descida da Cruz*, concederei voluntariamente; mas entre esta concessão, que o bom senso, que a evidencia me ordena, e a accusação que acabo de enunciar, o intervallo he demasiado grande para que seja possivel enche-lo. Quer Rubens seja constantemente preoccupado da sua arte, quer, na propria representação de uma scena consagrada pela fé christãa, nunca se esqueça de seduzir, de fascinar os olhos, reconheço-o sem hesitar; mas sou forçado a affirmar ao mesmo tempo que na *Descida da Cruz* não violou conveniencia alguma, que comprendeu todas as condições do objecto, que interpretou com eloquencia a dor de Maria, de Magdalena e de S. João. Se a *Descida da Cruz* da cathedral de Antuerpia não commove tão profundamente como o *Stabat Mater* do convento de S. Marcos, não he culpa de Rubens, he culpa do seu tempo. Filippe II contára com o carrasco para firmar com o mesmo golpe a autoridade da igreja e a sua autoridade. A historia demonstra mui claramente que elle se enganava. A sua inexoravel crueldade, que custou tanto sangue aos Paizes Baixos, digna da reprovação de todos os corações generosos, espanta com razão a todos os espiritos esclarecidos com um grosseiro desprezo: o terror não desperta a fé. A piedade de Rubens não era a piedade de um anachoreta ou de um cruzado; mas não ha na *Descida da Cruz* nada que possa assustar ou espantar a piedade mais sincera.

A *Crucificação de S. Pedro*, collocada hoje em Colonha, não na cathedral, como disse recentemente um escriptor mal informado, mas na modesta igreja de S. Pedro, não offerece um exame menos interessante que a *Descida da Cruz*. Foi uma das ultimas obras, talvez a ultima, do mestre flamengo; mas como occupa um lugar separado entre as suas composições religiosas, como não tem menos importancia que a tela de que se glorifica a cathedral de Antuerpia, e que se recommenda á attenção dos conhecedores por uma execução inteiramente differente, não creio dever levar em conta a chronologia, e desde já vou tentar caracterisa-la. A fabrica de S. Pedro de Colonha comprehende o immenso valor deste quadro, fez delle um objecto de especulação. Os visitadores que entram na igreja só observam no altar mór uma copia da composição de Rubens; um annuncio escripto em tres linguas adverte aos curiosos que elles tem de pagar meio thaler para ver o original. M. Gachet publicou recentemente duas cartas de Rubens que se referem á historia deste quadro e lhe expliram o caracter especial. Quatro annos antes da sua morte, recebia elle uma carta assignada com o nome de George van Geldorp, pintor flamengo, estabelecido em Inglaterra havia alguns annos. Tratava se de um quadro de altar tirado em vida de S. Pedro. Rubens sobrecarregado de encommendas, nem sempre podia responder immediatamente aos seus numerosos correspondentes. Só respondeu a George van Geldorp no anno seguinte, e propoz-lhe a *Crucificação de S. Pedro*. Esperava encontrar no supplicio desusado do martyr novos effeitos. Todavia, antes de tomar uma resolução, perguntava quaes seriam as dimensões da tela, julgando com razão que esta condição, inteiramente material, devia determinar a escolha do assumpto. Ao principio se espantára de ver chegar-lhe de Londres semelhante encommenda. Não comprehendia que uma cidade protestante quizesse ter um quadro de altar. Quando soube que George van Geldorp lhe escrevera por parte de Jabach, celebre amador de Colonha, resolveu exceder-se. A *Crucificação de S. Pedro* lhe tinha seduzido a imaginação; pretendia trata-la com descanço e dar nesta obra a medida completa do seu saber, e por isso não se dava pressa em conclui-la. Apesar da prodigiosa rapidez que lhe era familiar, ainda não a terminou em 1638. George van Geldorp convidou a um dos seus amigos de Antuerpia, Lemens, para ver em que estado estava o quadro promettido a Jabach. Rubens desta vez se deu pressa em responder. Estava satisfeito com a sua nova composição; julgava ter conseguido um bom resultado, e pensava que ella seria contada entre as suas mais bellas obras; mas não queria que lhe dessem pressa, e pedia tempo para acaba-la a seu modo. Depois da sua morte, os herdeiros encontraram a obra concluida na sua officina, e a *Crucificação de S. Pedro* foi comprada por conta de Jabach.

Não pretendo concluir das cartas publicadas por M. Gachet que Rubens tivesse trabalhado quatro annos neste quadro: seria desnaturar o sentido destes documentos. Não era certamente a unica composição que o occupasse; mas como elle tinha de contentar-se, e como as necessidades da vida material não o obrigavam a separar-se da obra antes de ter realisado toda a sua vontade, tomava-a, deixava-a e tornava a tomar, esquecia-a durante algumas semanas para preoccupar-se della com mais interesse e liberdade. He um methodo excellente; infelizmente não he dado a todos os artistas segui-lo; a liberdade no trabalho he um privilegio que só pertence ao pequeno numero. Rubens aproveitou-se delle dignamente. Todas as partes do seu quadro são tratadas com um cuidado escrupuloso, com tal exactidão, com tal precisão que espanta os seus mais fervorosos admiradores. Sem que pretenda collocar a *Crucificação de S. Pedro* acima da *Descida da Cruz*, penso que he preciso ter visto o primeiro destes dous pedaços para apreciar justamente o saber deste poderoso mestre. A considerar somente a invenção, elle produzio muitas obras da mesma ordem; mas se quizermos fallar da execução, a mór parte das suas obras, comparadas com a *Crucificação de S. Pedro*, parecerão não acabadas. Pureza dos contornos, delicadeza do modelo, conveniencia dos movimentos, tudo se acha reunido nesta admiravel composição. Não fallo do esplendor do colorido. Seria fora de proposito comparar, sob esta relação, a *Crucificação* e a *Descida da Cruz*, porque este quadro já não he hoje o que era ao sahir das mãos do autor. Oh! elle soffreu como muitas outras obras primas os ultrages de uma mão inhabil que pretendia remoça-lo e restituir-lhe o primitivo brilho. Foi *reparado* como entre nós Sesueur, Nicoláo Poussin e André del Sarto. Portanto não he permittido hoje fallar do colorido da *Descida da Cruz*; ficariamos expostos a pôr na conta de Rubens os estranhos caprichos dos reparadores.

He escusado recordar que S. Pedro foi crucificado de cabeça para baixo. Eis-aqui como são dispostas as personagens no quadro de Colonha: á esquerda do martyr, um algoz de joelhos finca a cruz no chão; outro á direita, sustenta a mão esquerda do supliciado; outros tres atam-lhe os pés e os pregam á cruz. Como se vê, este dado apresenta numerosas difficuldades. Para que ninguem commetta falta alguma quando o analysa, deve possuir uma sciencia profunda, não ignorar nenhum dos segredos da anatomia, e se previnir muito contra a exageração. Ora Rubens não desprezou nada para satisfazer a todas estas condições. Não só soube communicar aos algozes a selvagem energia que lhes pertence, não só escreveu no rosto do martyr a resignação e a fé, mas traduzio com maravilhosa fidelidade o entumecimento das veias e o movimento da luz sobre o corpo de S. Pedro. Não ha signal de exageração; toda a figura se distingue pela simplicidade. He evidente para todos aquelles que tem estudado com attenção este quadro que Rubens conservou até os ultimos momentos todo o poder das suas faculdades; Ticiano, que tratou do mesmo assumpto na sua velhice, nem sempre se mostra igual a si mesmo; verdade he que elle ainda pintava na idade de noventa e nove annos, quando foi roubado pela peste. N'uma idade tão avançada, he mui difficil manejar o pincel com mão segura; a composição que vi ha poucos annos na academia de Veneza, e que está hoje collocada n'uma igreja, revela mui claramente a mão já enfraquecida. Entre a *Crucificação* de Colonha e a *Descida da Cruz* de Antuerpia, não ha differença alguma para a riqueza da invenção; a mão do mestre sexagenario he tão segura, tão firme como a mão do joven mestre ao voltar de Italia; o seu saber cresceu sem arrefecer-lhe a imaginação.

Deveremos nós lamentar que Rubens não houvesse tratado todas as suas obras com o mesmo cuidado que a *Crucificação de S. Pedro*? Deveremos nós deplorar a rapidez com que elle executava os seus trabalhos? Estou longe de pensa-lo. Affligir-se alguem com esta rapidez tão prodigiosa, que varios biographos ainda teem exagerado, he não comprehender a verdadeira natureza deste feliz engenho. Para se revelar plenamente, tinha necessidade de multiplicar as suas obras, de exprimir o seu poder sob formas incessantemente renovadas. Para certos espiritos, ainda de ordem mais elevada, a lentidão he uma necessidade; para outros espiritos de ordem igual, a lentidão não seria as mais das vezes se não um soffrimento sem proveito, e Rubens era destes ultimos, pois que não nos devemos illudir sobre a verdadeira duração do seu ultimo trabalho: posto que se passasem quatro annos inteiros entre o começo e o fim deste quadro, não he provavel que o autor houvesse renunciado, ao executa-lo, os seus processos ordinarios. Cada uma das figuras de que se compõe foi sem duvida modelada rapidamente, se levarmos somente em conta o tempo empregado com cada pedaço; mas o pintor os abandonava e os tornava a tomar mais de uma vez antes de acaba-los, e trabalhando depressa, elle parece ter trabalhado de vagar.

Se fosse permittido tomar em consideração a eterna censura feita a Rubens pelos seus detractores, se fosse necessario provar por um argumento peremptorio a extensão e profundeza do seu saber, se encontraria na *Crucificação de S. Pedro* uma resposta victoriosa. Tem-se dito muitas vezes e ouço dizer todos os dias que o maior dos mestres flamengos não sabe dezenhar. Esta accusação trivial seria facilmente refutada pela *Descida da Cruz*; mas o quadro de Colonha demonstra ainda melhor que o quadro de Antuerpia que em caso de necessidade o autor sabia sorprender o contorno das suas figuras, modelar com mimo as partes mais delicadas sem nada perder do seu esplendor habitual. A *Crucificação de S. Pedro* he de um dezenho energico, elegante e puro; para nega-lo, he mister renunciar a boa fé. Comprehendo sem difficuldade que as formas escolhidas pelo autor não agradam a todos; he uma verdade reconhecida ha muito tempo que a força se manifesta nas suas composições mais vezes que a graça; nem he permettido negar que mais de uma vez sacrificára o contorno ao colorido, mas não obrava assim por ignorancia. Se preferia o esplendor á precisão, não tinha para com a escolha das linhas o desprezo que se lhe attribue as mais das vezes; conhecia toda a importancia do desenho e o estudara com ardor; somente tinha uma maneira de ver e traduzir a natureza que lhe pertencia e que dava a todas as suas personagens um caracter especial. Entre os seus numerosos detractores, ha mais de um que toma a sua originalidade por prova de ignorancia. Rubens provou muitas vezes que conhecia todos os segredos da forma humana, mas nunca provou tão claramente como na *Crucificação de S. Pedro*. A elegancia de S. João e de Salomé, o tronco inteiro do Christo na *Descida da Cruz*, podem ser invocados como testemunhos brilhantes do seu saber. Ha nesta obra immortal uma escolha de linhas cujo gosto mais severo não poderia offender-se; as proprias pernas do Christo, cujo movimento agitou tanta colera entre aquelles que somente pretendem possuir o segredo da harmonia linear, não parecem merecer a reprovação que as fulminou, porque são verdadeiras no sentido dramatico e no sentido anatomico. Todavia a *Crucificação de S. Pedro*, prova ainda melhor a injustiça da accusação que recordei.

A galeria do Louvre edificaria os adversarios de Rubens, se se dignassem contemplar, em vez de declamar, desviando os olhos com desprezo; Antuerpia e Colonha acabariam a sua conversão, se não estivessem resolvidos a negar systematicamente o saber deste mestre illustre. A analyse dos dous quadros de que acabo de fallar não pode deixar duvida alguma aos espiritos sinceros que se dão ao trabalho de esclarecer-se antes de affirmar ou negar; mas este methodo, ensinado pelo bom senso, não convem aos detractores de Rubens; acham mais commodo condemna-lo como ignorante, amaldiçoa-lo como um flegelo, sem ir visitar Antuerpia e Colonha. Não querem expor a pureza das doutrinas que professam aos perigos de tal exame; verdade he que a logica mais vulgar reprova semelhante obstinação. Declaram venenoso o fructo que recusam provar; mas porque razão provariam elles visto que sabem de antemão que he um veneno? E nem temem as nossas palavras por um brinco de imaginação: se dou a discussão a forma da zombaria, he porque he difficil que a gente fique serio quando ouve dizer que Rubens não sabe desenhar.

Em 1620, Maria de Medicis, se tendo reconciliado com seu filho Luiz XIII em Angoulême, quiz consagrar este feliz acontecimento n'uma serie de quadros destinados a decorar o seu novo palacio do Luxemburg. Pela recommendação do barão de Vicq, embaixador dos Paizes-Baixos em Paris, ella fez escolha de Rubens. Esta preciosa collecção está hoje collocada na galeria do Louvre. Certamente não se pode louvar tudo nesta serie de composições; ha mais de um episodio que o gosto não poderia a aprovar. A mistura das idéas christãs e das idéas pagãs he pelo menos um capricho singular. Com tudo estou longe de partilhar a colera dos historiadores que censuram de uma maneira absoluta o emprego da allegoria. Duvido muito que a representação litteraria dos factos tivesse ministrado ao pintor vinte composições de grande interesse. Se a allegoria considerada de uma forma geral offerece ao pincel numerosos perigos, ao espectador mais de um enigma a adevinhar, todavia ninguem pode negar que ella não serve para poetisar factos as vezes mui prosaicos. Maria de Medicis encontrava na sua vida o assumpto de uma epopea, Rubens não era totalmente da mesma opinião. Não julgava poder realisar o voto da rainha-mãi sem o soccorro da allegoria. Se algumas vezes se deixou arrastar por invenções extravagantes, que se não comprehendem facilmente sem a leitura do programma, com tudo releva confessar que a biographia de Maria de Medicis, tomada no seu complexo, se recommenda pela grandeza, pelo esplendor e pela novidade. Não tentarei justificar a presença de Neptuno em Marselha defronte do bispo; mas as admiraveis sereias, que brincavam no meio das ondas cujos hombros e cujas ancas revelam tanta força e mocidade, o peito palpitante onde a luz scintilla, os olhos ardentes, as ventas dilatadas e voluptuosas que convidam o desejo, os tritões que lhes servem de comitiva, serão sempre um objecto de espanto e analyse para aquelles que gostam da pintura. Não contesto que Neptuno e o bispo de Marselha se achem um pouco espantados de se encontrar mas como teria eu animo de condemnar o capricho a que devemos estas encantadoras sereias, estes maravilhosos tritões? Rubens nunca creou nada mais bello; nunca a pintura exprimio a carne palpitante e o esplendor da luz. Muito embora se affligam os puristas por causa dessa monstruosa alliança, muito embora accusem a obra de profanação, não temerei tranquillisa-los, porque o mais simples bom senso obriga-me a dar-lhes razão no dominio das idéas. Certamente, Neptuno, os tritões e as sereias que cercam a galera que conduz para França Maria de Medicis serão sempre para os homens de gosto uma phantasia singular, e com tudo a *chegada da rainha* he um dos mais admiraveis quadros de que a historia faz menção. Pode-se condemna-lo em nome das conveniencias que a pintura deve respeitar, assim como a poesia: se attendermos somente a belleza das figuras devemos absolve-lo a glorifica-lo.

Não serei mais indulgente para com a maneira porque Rubens representou a *Cidade de Lyão indo ao encontro de el-rei e da rainha*. Dous leões jungidos e conduzidos por amores são certamente um emblema singular, o bom senso e o gosto poderiam desejar alguma cousa melhor; mas Henrique IV e Maria de Medicis, sob a figura de Jupiter e de Juno, desarmam sem esforço os mais severos juizes. Que graça e magestade! Não se devera perdoar este emprestimo tomado ao Olympo, ao ver-se o prodigioso partido que o autor soube tirar da falta que commettera? Por ventura não convirá ao Bearnais a expressão marcial de Jupiter? Não traduzirá magnificamente a alegria da nova esposa, o altivo semblante de Juno? Supprima-se pelo pensamento o emprego da allegoria, e ver-se-ha a que elementos se reduz o facto consignado pela historia. Sem duvida Rubens usou da allegoria com uma liberdade que degenera ás mais das vezes em licença; mas quanto he habil em remir a sua culpa! Como ordena, como impõe o perdão pela audacia do desenho, pelo esplendor do colorido!

Não levarei mais longe esta apologia da allegoria, porque o leitor acabará sem difficuldade o que comecei. Em todas as composições em que o autor violou as leis do gosto, tratou de justificar-se pela energia da expressão, pelo encanto da cor. Resolvido a poetisar todos os assumptos que lhe ministrou a vida de Maria de Medicis, não recua ante temeridade alguma: emblemas pagãos, emblemas christãos, tudo he bom para elle, com tanto que ache para mostrar o poder do seu pincel: Nicoláo Poussin nunca houvera commettido semelhantes desprezos; mas se Rubens cede o passo a Nicoláo Poussin no dominio da philosophia, como elle o excede no dominio da pintura! Em balde se illude, multiplica as faltas, ultraja o gosto: ha nas suas figuras de mulher tanta flexibilidade e graça, nas suas figuras de homem tanta energia e altivez, que a gente he forçada a admira-lo, condemnando-lhe ao mesmo tempo os caprichos.

Ha na *Vida de Maria de Medicis* varios episodios em que o gosto não encontra nada que censure. Ser-me-ha sufficiente citar *Henrique IV, confiando á rainha o governo do reino*. Que terna e pathetica magestade no semblante, na attitude da rainha! Que açodamento e confiança no movimento e na physionomia de el-rei! Deposita nas mãos da rainha o globo, symbolo do poder; abandonando-lhe os destinos da França sem inquietação, sem hesitação, persuadido de que este precioso deposito será fielmente guardado. Dar-se-ha que se possa desejar, que se possa sonhar dous mais bellos retratos? Será possivel dar mais verdade a expressão dos sentimentos, mais natureza e vivacidade aos movimentos? E como se poderá louvar dignamente a figura de mulher collocada a esquerda da rainha? A belleza dos hombros, a transparencia das faces, a frescura dos labios, a serenidade do olhar, deslumbram todas as vistas. Em presença de taes maravilhas, como não poderemos esquecer as faltas que o bom senso revela na *Vida de Maria de Medicis*?

Esta serie de composições biographicas foi concluida, segundo o testemunho de Michel em dous annos, segundo Walpole em tres annos. Já disse o que se deve pensar desta prodigiosa fecundidade, a que limites convém reduzi-la. Os esboços feitos em Paris por Rubens, sob os olhos da rainha mãi, que ia muitas vezes visita-lo na officina, foram executados em Antuerpia pelos discipulos. Basta citar-lhes os nomes para reduzir o prodigio ás proporções da verosimilhança: Van Dyck, Jordaens, Gaspard, de Crayer, van Egmont, Diepenbeck, Corneille Schut, Erasmo Guellyn, Momper, Vilders, Lucas van Uden, Francisco Sneyders, traduziam fielmente o pensamento do mestre. Com taes auxiliares, Rubens podia contentar a todos os soberanos da Europa e decorar em poucos annos os palacios de Luxembourg, do Escurial e de White-Hall.

Entre as oitenta e seis cartas de Rubens publicadas em Bruxellas por M. Gachet, encontram-se varias que se referem á galeria de Medicis, e que são dirigidas ou a Peiresc, ou a Valavés. O casamento de Henriqueta de França com Carlos I.º occupava então todos os pensamentos da rainha mãi, e o protegido do barão de Vicq esperava a paga dos seus trabalhos. Pergunta aos seus correspondentes se lhe podem dar noticias do abbade de S. Ambrosio, personagem acreditada perante a rainha mai, que devia apressar o pagamento dos seus quadros. He certo que estas cartas testemunham alguma impaciencia, mas não provam a cubiça de que fallam alguns biographos. He desagradavel que estes novos documentos, por outro lado tão interessantes, pois que nos mostram a errudição encyclopedica de Rubens, não nos communique nada acerca da composição da galeria do Luxembourg. Ao lado de uma dissertação sobre os trabalhos numismaticos de Goltzio, desejaramos encontrar algumas particularidades sobre a vida de Rubens em Paris, sobre as suas conversas coma rainha mãi com as damas da corte. Fora curioso saber se a allegaria entrava nos gostos pessoaes de Maria de Medicis, se o pintor seguio ou combateu lhe os conselhos, porque uma rainha quasi que não póde entrar n'uma officina sem dar a sua opinião. Semelhante noticia teria para nós mais interesse do que a anecdota acerca da duqueza de Guéménée referida por um dos biographos de Rubens. Que M. de Bautru tenha apresentado Rubens ao circulo da corte, que a rainha mãi lhe tenha perguntado o nome da mais formosa, e que elle tenha respondido: « Se eu fosse Pâris, daria o pomo á duqueza de Guéménée, » esta narração prova que Rubens, posto que habil cortesão, não se julgava obrigado a preferir a formosura da rainha á formosura das suas damas d'honor. Preferiramos ouvi-lo fallar da sua arte, e dizer-nos porque razão, ao retratar-nos a vida de Maria de Medicis, não se limitou á historia. Posto que não seja difficil adevinhar o motivo que o decidio a tomar este partido, a explicação dada por um homem de semelhante tempera, iniciado havia muito tempo no conhecimento da antiguidade, teria para nós um interesse singular. Rubens, tentando justificar a mistura das idéas pagãs e das idéas christãs n'um assumpto inteiramente moderno, nos interessaria um pouco mais do que um madrigal sobre Pâris e a duqueza de Guéménée.

Certamente, a *vida de Maria de Medicis* seria uma escola perigosa para os jovens pintores que ainda não tivessem estudado outros modelos: não he ahi com effeito que elles poderiam beber os principios de um gosto puro; mas digam lá o que quizerem os partidarios exclusivos da Italia, ha nesta biographia, que suscitou iras, que merece tantas censuras, se se considera somente o lado philosophico da arte, lições sem numero para a juventude e para idade madura. Os discipulos que ainda não deixaram os bancos, os pintores que ja tem envelhecido na pratica da sua profissão nunca consultaram sem proveito a *chegada da rainha á Marselha* e *Henrique IV, entregando-lhe o governo do reino*. Ha nestas duas composições, para um homem verdadeiramente apaixonado da belleza, uma fonte inexgotavel de emulação; mas, para que o estudo ácerca de Rubens deite fructos, he mister que seja começado de boa fé e continuado com sinceridade; he mister interrogar a sua pintura e copia-la, como se interroga, como se copia o modelo vivo, sem accepção de systema ou de escola. Se alguem se collocar diante destas obras com a resolução antecipada de escapar ao perigo que ellas apresentam, fora o mesmo que não contempla-las, porque um estudo dest'arte contemplado, dest'arte continuado, nunca passará de um esteril. O pintor que quizer aprender a sua profissão, possuir-lhe todos os segredos, deve esquecer-se por alguns dias da mistura das idéas christãs e das ideas pagãs, e procure imitar os tritões e as sereias de Rubens: se conseguir reproduzi-las, terá dado um passo immenso, porque saberá exprimir a vida. Senhor de semelhante segredo, poderá livremente executar os mais difficeis programmas. Emprehenda uma luta corajosa, faça esforços para transcrever os retratos de Henrique IV e de Maria de Medicis, e se não omittir nada, se não transtornar nada nestas duas admiraveis figuras, pode ter confiança em si mesmo e occupar-se sem medo das mais delicadas tarefas. Infelizmente, entre os jovens pintores, uns condemnam Rubens sob palavra para agradar a seus mestres, para se mostrarem doceis; outros estudam-no como o rei da pintura, como homem sem avós e sem descendentes, como a expressão completa e suprema da belleza; não soffrem que se discuta uma so das suas obras; a admiração delles chega até a idolatria. Aquelles que o estudam e permittem com tudo a discussão são em pequeno numero. Fora para desejar que esta ultima cathegoria fosse crescendo todos os dias, porque he a ella que pertence o verdadeiro sentimento da arte.

Para mostrar toda a variedade deste feliz genio, convem chamar a attenção sobre os dous quadros collocados na galeria do Louvre, quero fallar da *Kermesse* e do *Arco-Iris*. Comparados com a *Descida da Cruz* e com a *Crucificação de S. Pedro*, estes dous quadros provam de uma maneira victoriosa que Rubens abraçára todos os generos, que estudara com o mesmo ardor todos os aspectos da natureza. Nunca a alegria popular foi representada com mais esplendor e mais enleve do que na *Kermesse*. O tumulto e a confusão desta festa são traduzidos com um enthusiasmo que nunca foi excedido. Todos os grupos desta composição exprimem a ebriedade da alegria, o phrenesi do prazer. Todos perguntam com espanto como he que a mão á que devemos a *Descida da Cruz* póde exeutar essas dansas jocosas, tumultuosas, licenciosas. Não ha uma figura inutil, nemuma personagem que não tome parte na festa. Que immenso intervallo entre esta *Kermesse* e as composições de David Teniers filho, sobre o mesmo assumpto! Nestas ultimas, aliás tão dignas de estudo, so temos a realidade, a imagem fiel, mas prosaica, da alegria popular. Rubens, como brincando, sabe achar neste dado um poema admiravel. Não se contenta com pintar o que vio, não se limita ás suas recordações, eleva-se acima da realidade; augmenta, transforma, enobrece a scena que lhe encantou os olhos. O espectaculo desta festa daria vigor ao velho paralitico; dissereis que os dansarinos estão attacados de vertigem. As mulheres, com fortes apertos de mão, se deixam levar pelo turbilhão. Quanto mais se estuda este quadro, tanto mais se admira a prodigiosa variedade dos episodios. A juventude e a idade madura estão confundidas n'uma ebriedade commum. Se me fosse necessario designar na obra de Rubens uma composição que se possa comparar com a *Kermesse*, eu denominaria os *Demonios precipitados no inferno por S. Miguel*. Com effeito, este ultimo quadro, que se vê em Gand, na galeria de M. de Scamps, e que chamam vulgarmente o *Caixo de uvas*, he o unico que revela o mesmo ardor de imaginação. Com tudo fora pueril estabelecer um parallelo entre a *Kermesse* e o *Caixo de uvas*. A diversidade dos assumptos não permitte pensar nisto. Se os comparo, he unicamente porque nos dão cada um a seu modo, o sentimento do infinito: condemnados e dansarinos abundam, e o olho melhor exercido não poderia conta-los.

A passagem conhecida sob o nome do *Arco-Iris* nos espanta primeiramente pela sua profundeza; abraçamos com os olhos um espaço immenso. A harmonia linear que liga entre si todas as partes deste quadro não he menor objecto de admiração. A forma elegante das arvores collocadas á direita do espectador, os movimentos ondulados do terreno, a tenuidade dos fundos e a transparencia do céo serão o desespero eterno dos paisagistas. Entre os escriptores que consagraram a vida inteira a este genero unico, não ha um que se tenha elevado mais alto. As personagens e os animaes do primeiro plano são habilmente distribuidos e repousam a vista. Reina em em toda esta composição uma placidez, uma serenidade que transportam o pensamento á idade d'ouro. O homem que pôde conceber a *Kermesse* e o *Arco-Iris*, ainda que tivesse somente executado estes dous quadros, seria contado entre os mestres mais sabios. Assim, o que se deverá pensar da flexibilidade e da fecundidade do seu talento, quando se examinam todos os assumptos que elle tratou, todos os episodios do Antigo e do Novo Testamento, da historia antiga e da moderna, que successivamente exerceram-lhe a imaginação, e que o seu pincel soube traduzir com igual felicidade?

Rubens, para encher com seu nome a Europa inteira, formara na sua officina uma escola de gravadores que trabalhavam debaixo dos seus olhos, que dirigia, que animava com os seus conselhos. Entre estes interpretes habeis e devotados que lhe vulgarisavam o pensamento, existem tres cujos nomes são associados á gloria do mestre: Paulo Dupont, Bolswert e Vostermann. Encontra-se nas suas estampas todo o talento de Rubens. Nunca pintor encontrou buril mais obediente e mais fiel. Paulo Dupont, Bolswert e Vostermann não se importavam com a regularidade symetrica dos cortes, que excita entre os ignorantes tão energica admiração; procuravam em primeiro lugar traduzir a maneira e o estylo do mestre. Nelles, não havia ostentação alguma no manejo do instrumento. Não procuravam brilhar, nem abrir no cobre lisonjas irreprehensiveis; so teem um desejo, uma unica ambição,—a interpretação do modelo; vivem a vida do mestre; não teem outro pensamento, outra vontade senão a delle; não discutem o que fez, copiam-no. Carnações e roupagens, traduzem tudo o que veem, sem que omittam nada. Não tentam abrandar o que lhes parece demasiado aspero, nem firmar o que lhes parece privado de solidez. Seja o que for o que possam pensar ácerca da obra confiada ao seu buril, so se esforçam para deixar ver a propria obra. Esta abnegação constante não he um signal de mediocridade; longe disto, he a prova mais insigne de intelligencia que um gravador possa dar porque he encarregado de traduzir e não de corrigir o modelo. O methodo seguido por Bolswert, Paulo Dupont e Vostermann cahio hoje em descredito. A mor parte dos gravadores se julgam obrigados a modificar o modelo que são encarregados a traduzir; a infidelidade he para elles um ponto de honra. Henriquel Dupont, Calamatta e Mercuri quasi que são hoje os unicos que comprehendem o merito da fidelidade, e a esta convicção he que devem a melhor parte do seu talento. Fazem consistir o orgulho em não exprimir nada que não esteja no texto original, e os verdadeiros conhecedores applaudem-lhes a modestia. Elles tem aproveitado o exemplo de Bolswert sem que tentem seguir-lhe servilmente os vestigios, porque sabem que ha para cada mestre um genero de gravura especial. O buril de Bolswert, que convem a Rubens, não conviria a Raphael; o buril de Marco Antonio Raimondi, que convem a Raphael, não conviria a Rubens. Igualmente fieis, igualmente doceis, estes dous interpretes não fallam a mesma lingua, não tem o mesmo accento, e a diversidade de estylo he uma prova da sua sinceridade.

Ha tres cousas que se devem considerar em Rubens: as origens do talento, a acção que desenvolveu da pintura, as vantagens e os perigos que apresenta o estudo das suas obras. He a unica maneira de determinar com precisão, com justiça, a cathegoria que lhe pertence, o lugar que occupa na historia. Ora, apezar das denegações obstinadas da maior parte dos seus compatriotas, he certo que elle deve muito á Italia. Os oito annos que elle passou alem dos Alpes modificaram-lhe profundamente, não digo a natureza do engenho, mas a forma do pensamento. Não he seguramente nem na officina de Adam van Noort, nem na d'Otto Venio que elle bebera os elementos do seu estylo; o quadro deste ultimo que possuimos no Louvre dispensa-me de qualquer demonstração. O pintor eminente que Antuerpia e Colonha disputavam entre si havia dous seculos, e que Siegen acaba de conquistar pelas indagações pacientes de M. Bakhuisen, deve á Italia a melhor parte do seu poder. Não precisa voltar a Mantua: não he a Julio Romano que Rubens póde tomar o seu estylo. Roma e Veneza são as unicas que nos podem explicar a audacia, a abundancia e o esplendor das suas concepções. Fallando assim, não pretendo riscar do problema um dado capital, as suas faculdades primitivas, quero concentrar a attenção sobre o desenvolvimento destas faculdades e sobre os mestres que as engrandeceram. Pela minha parte, e julgo não ser o unico da minha opinião, Rubens procede de Roma e de Veneza. Florença e Milão excitaram-lhe a curiosidade sem que lhe emprestassem ao pensamento novas fórmas. Conheceu as obras de Leonardo, até copiou a *Cea* de Santa Maria das Graças, e esta copia, vulgarisada pela gravura, nos espanta com razão, porque seria difficil imaginar uma imitação mais infiel. Conheceu os frescos de Raphael, mas não parece ter tirado dahi grande vantagem, ou pelo menos o Sanzio não deixou vestigio algum nas suas obras. Paulo Veronese e Miguel Angelo são os verdadeiros mestres, os avós directos de Rubens. Consultou, estudou Ticiano e Giorgione; mas deve a Paulo Veronese o gosto das grandes machinas, das immensas decorações. Quanto á audacia do seu desenho, não recordará a audacia do *Juizo final*? Não será o *Caixo de Ucas* uma recordação da capella Sixtina? Sem querer contestar a independencia, a originalidade do mestre flamengo, creio poder affirmar que elle procede de Paulo Veronese e de Miguel Angelo. Menos elegante que o primeiro, menos sabio que o segundo, tirou das lições de ambos um lucro prodigioso. Para aquelles que conhecem a Italia, para aquelles especialmente que tem estudado a capella Sixtina e visitado repetidas vezes a academia das Boas-Artes de Veneza, penso que esta affirmação não precisa ser demonstrada. Quanto aquelles, para quem a Italia he desconhecida ou que apenas possuem acerca de Paulo Veronese e Miguel Angelo noções incompletas, não he facil convence-los, porque os argumentos que se podem invocar repousam sobre factos que elles ignoram. Entretanto, as *Bodas de Canãa*, que temos no Louvre, e a copia do *Juizo final* collocada na escola das Boas-Artes de Paris serão um começo de prova para todos os homens de boa fé. Posto que as *Bodas de Canãa* tenham soffrido o ultrage de uma restauração, posto que Sigalon, desesperando de decifrar as figuras enegrecidas pela fumaça das velas, tenha executado o terço inferior do *Juizo final* antes segundo o modelo vivo do que segundo a parede da Sixtina, estas duas telas ministram preciosas lições ácerca do estylo de Rubens. Elle roubou a Paulo Veronese e a Miguel Angelo o que convinha á natureza do seu engenho, e assimilou de tal maneira que o fez seu. No momento que os imita, guarda sempre um accento que lhe pertence. Se não sabe fazer da architectura um emprego tão feliz como o autor das *Bodas de Canãa*, se não escreve a forma com tanta precisão como o autor do *Juizo final*, ha nas suas mais bellas obras, nas suas composições mais brilhantes, alguma cousa que recorda successivamente Roma e Veneza.

Para assignar ao talento de Rubens esta duplice origem, não he necessario possuir uma penetração mui viva; basta examinar a questão com boa fé, não aceitar sob palavra uma opinião totalmente feita e transmittida de mão em mão como moeda de bom quilate. Não permitta Deos que eu contradiga o sentimento recebido pelo prazer pueril de exprimir um sentimento novo: o paradoxo he apenas para mim um prazer de criança; mas a historia da pintura nos mostra em Rubens um discipulo de Roma e de Veneza e não permitte ver nelle um engenho sem avós e sem mestre. Pouco importa que a opinião vulgar lhe attribua uma originalidade absoluta, pois que he peior para a opinião vulgar se ella não concorda com a historia. Por outro lado, quanto aos homens de bom senso, a opinião que enuncio não he uma offensa á gloria de Rubens. Se o mestre flamengo procede de Paulo Veronese e de Miguel Angelo, as gerações vindas depois delle procedem tambem do seu potente engenho. Se o conhecimento do passado nos prohibe de ver nelle um homem inteiramente novo no sentido radical do vocabulo, a sua parte ainda he bastante bella, bastante grande, bastante gloriosa, bastante digna de inveja. Entrar n'uma familia em que figuram Miguel Angelo e Paulo Veronese, fora por ventura desdourar-se? Instruido por Veneza, pela capella Sixtina, fecundado por este duplice ensino, o engenho de Rubens creou obras immortaes. Querer que tenha tirado tudo de si proprio he pretenção que a razão repudia.

A acção de Rubens sobre o desenvolvimento da pintura não he difficil de determinar. Imprimio em todas as representações da natureza humana um caracter de vida e de realidade que a pintura não conhecia antes delle. Encaradas sob este aspecto exclusivo, as suas obras nos offerecem um caracter inteiramente novo. Não ha em toda a historia da arte antes do seculo XVII um só quadro que se possa comparar com os seus, quanto á verdade tomada no sentido prosaico do vocabulo. Rubens, aproveitando-se das lições dos seus predecessores, se esforçou para nos mostrar a carne tal como elle a via, e, seja qual for a doutrina que se pretenda deffender, he força reconhecer que tocou o alvo. Para marcar-lhe o lugar na historia, para mostrar os novos elementos que elle introduzio na pintura, he assim que deve ser considerado. Como pintor da carne, como interprete da vida, não tem rival. Seja o que for o que se possa pensar das formas que escolheu e reproduzio, a evidencia ordena que se confesse que antes delle ninguem exprimira a vida com tanta energia. Não he porque transcreva a realidade tal qual a percebe, pelo contrario elle se acautela disto; sabe que o mais habil pincel não dispõe dos mesmos recursos que a natureza. Assim não tenta empenhar uma luta em que seria vencido; mas, desesperando de attingir á belleza harmoniosa e pura cujo mais perfeito modelo os mestres da Italia lhe offereceram, ou tal vez arrastrado por sua propria natureza, liga-se resolutamente á expressão da vida. Os seus dous mais celebres discipulos, Van Dyck e Jordaens, cederam ao ascendente do seu engenho e seguiram a mesma estrada segundo a medida e o caracter das suas faculdades pessoaes. Van Dyck, applicando as lições do mestre, se mostrou muitas vezes mais elegante, mais nobre do que elle. Se não possue a mesma abundancia, se não apresenta na invenção tanto vigor e espontaneidade, para dizer tudo n'uma palavra, se lhe cede o passo no dominio poetico, acontece-lhe imitar a natureza com mais mimo. Jordaens trava com a realidade uma luta mais obstinada, mas ao mesmo tempo mais imprudente. Algumas vezes naufraga, algumas vezes he feliz, e quando o triumpho lhe corôa os esforços, fica ainda muito abaixo do mestre. Mais real, mais exacto, mais litteral, nunca encontra o esplendor harmonioso de Rubens. Com tudo, alguns ignorantes o proclamam superior ao mestre. Estes dous exemplos são sufficientes para marcar a acção exercida sobre o desenvolvimento da pintura pelo chefe da escola flamenga. Todos os nomes que eu podéra citarme obrigariam a repetir o que eu acabo de dizer. Por tanto, limitemo-nos a Van Dyck e a Jordaens.

Dar-se-ha caso que a acção de Rubens tenha sido salutar? Terá ella augmentado, terá diminuido o dominio da arte? Van Dyck e Jordaens se encarregam de responder a esta pergunta. Os espiritos mimosos e delicados usaram utilmente dos novos elementos. Os espiritos de natureza vulgar os empregaram sem conhecer o perigo e exageraram o que o mestre havia dito; he esta a sorte commum de todas as doutrinas. Encontram-se para recolher as palavras, para ouvir o ensino dos homens illustres, ora ouvintes penetrantes, ora discipulos doceis, mas incapazes de interpretar as lições que ouviram. Van Dyck representa o lado salutar, o lado fecundo exercido pelo mestre; Jordaens representa-lhe o lado perigoso. Não concebo outra maneira de exprimir o sentido historico de Rubens.

Chego agora a cathegoria que convem assignar-lhe. Depois dos cinco grandes mestres da Italia, depois de Leonardo de Vinci, Miguel Angelo, Raphael, Ticiano e Corregio, o nome de Rubens he o primeiro que se apresenta ao pensamento de todos os homens esclarecidos. Se nomeio Ticiano com preferencia a Paulo Veronese, porque este ultimo se ache ligado ao nome flamengo por um parentesco mais estreito, he porque os precedentes technicos de Ticiano possuem alguma cousa mais pessoal, e por consequencia offerecem um valor historico que he mais facil de determinar. Rubens pertence a grande familia que vai crescendo vagarosamente, cujos membros todos servem para marcar épocas memoraveis no desenvolvimento do engenho humano. Não o colloco na linha dos grandes mestres italianos, colloco-o immediatamente após elles. Posto que houvesse passado oito annos na Italia, não he duvidoso que Antuerpia não tenha representado grande papel na escolha dos seus modelos. Tinha trazido numerosos desenhos de que podia usar; mas como pertencia primeiro que tudo á expressão da vida, consultando ao mesmo tempo os seus desenhos da Italia, pintava segundo os modelos que tinha debaixo dos olhos. Ora, posto que seja facil encontrar em Antuerpia e especialmente em Bruges modelos admiraveis, posto que a mistura do sangue hespanhol e do sangue flamengo offereça nestas duas cidades typos perfeitos de vigor e juventude, he força reconhecer que as filhas d'Albano, de Frascati, da Aricia, de Tivoli, de Genazzano são mui superiores as filhas de Bruges e de Antuerpia. Pela belleza das linhas, pela nobreza da expressão, pela altivez do olhar, dominam de mui alto os modellos que Rubens tinha hebaixo dos olhos depois da sua volta de Italia. Empenhado n'uma luta de todos os dias com a natureza, obrigado a consulta-la a todos os instantes, operou prodigios. Ninguem o excedeu, ninguem se elevou tanto como elle na expressão da vida. Se os grandes mestres da Italia se collocam á cima delle pela expressão da belleza, a sua parte ainda he mui rica para assegurar a immortalidade do seu nome.

(*Gustave Planche.*)
(*Revue de deux mondes.*)

COMMERCIO.

PRAÇA DO RECIFE 2 DE JANEIRO AS 3 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes.

Cambio sobre Londres—28 d. 60 e 90 d|v.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 2 . . . . 8:698$953

Descarregam hoje 3 de janeiro.

Barca ingleza—*Norcal*—bacalhao.
Brigue inglez—*Enthusiast*—cemento.
Brigue portuguez—*Laia II*—diversos generos.
Brigue hamburguez—*Otavo*—cemento.
Brigue brasileiro—*Duque da Terceira*—farinha de trigo.
Hiate brasileiro—*Capibaribe*—generos do paiz.
Hiate brasileiro—*Duvidoso*—idem.

CONSULADO GERAL.

Rendimento do dia 2. . . . . . . 537$593

DIVERSAS PROVINCIAS.

Rendimento do dia 2 . . . . . . 265$758

RECEBEDORIA DE RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO.

Rendimento do dia 2. . . . . . . 271$927

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 2 . . . . . . 1:461$035

PAUTA

dos preços correntes do assucar, algodão, e mais generos do paiz, que se despacham na mesa do consulado de Pernambuco, na semana de 2 a 5 de janeiro de 1855.

Assucar em caixas branco 1.ª qualidade	@	2$700
» » » » 2.ª »	»	2$300
» » » masc.	»	1$900
» bar. e sac. branco.	»	2$500
» » » mascavado	»	1$600
» refinado	»	3$200
Algodão em pluma de 1.ª qualidade	»	5$800
» » » 2.ª »	»	5$400
» » » 3.ª »	»	5$000
» em caroço	»	1$425
Espirito de aguardente	canada	$600
Aguardente cachaça	»	$340
» de canna	»	$500
» restilada	»	$450
Genebra	»	$480
»	botija	$220
Licor	canada	$480
»	garrafa	$220
Arroz pilado— duas arrobas, um alqueire		3$200
» em casca	»	1$200
Azeite de mamona	canada	$560
» » mendobim e de coco	»	2$200
» » de peixe	»	1$280
Cacau	@	5$000
Aves — araras —	uma	10$000
» — papagaios	um	3$000
Bolachas	@	5$120
Biscoitos	»	7$680
Café bom	»	4$100
» restolho	»	2$800
» com casta	»	4$500
» muido	»	6$400
Carne secca	»	5$100
Cocos com casca	cento	3$000
Charutos bons	»	1$200
» ordinarios	»	$600
» regalia e primor	»	2$200
Cera de carnauba	@	8$500
» em velas	»	10$000
Cobre novo mão d'obra	@	$160
Couros de boi salgados	»	$160
» expixados	»	$180
» verdes	»	$090
» de onça	»	15$000
» » cabra cortidos	»	$200
Doce de calda	»	$200
» » goiaba	»	$160
» secco	»	$400
» jaléa	»	$320
Estôpa nacional	@	1$280
» estrangeira, mão d'obra	»	1$000
Espanadores grandes	um	2$000
» pequenos	»	1$000
Farinha de mandioca	alqueire	2$560
» » milho	@	2$000
» » araruta	»	5$500
Feijão	alqueire	3$200
Fumo bom	@	8$000
» ordinario	»	3$000
» em folha bom.	»	8$000
» » » ordinario.	»	4$000
» » » restolho	»	3$000
Ipecacuanha	»	32$000
Gomma	alq.	3$000
Gengibre.	@	1$500
Lenha de achas grandes	cento	2$400
» » » pequenas	»	$800
» » » tôros	»	10$000
Pranchas de amarello de 2 costados	uma	16$000
» » louro	»	7$000
Costado de amarello de 35 a 40 p. de c. e 2 ½ a 3 de l.	»	25$000
» de dito usuaes	»	10$000
Costadinho de dito	»	9$000
Soalho de dito	»	6$500
Ferro de dito	»	4$000
Costado de louro	»	6$000
Costadinho de dito	»	5$200
Soalho de dito	»	3$200
Forro de dito	»	2$200
» » cedro	»	3$000
Tôros de tatajuba	quintal	1$280
Varas de parreira	duzia	1$280
» » aguilhadas	»	1$600
» » quiris	»	$960
Em obras rodas de sicupira para c.	par	40$000
» » eixos » » » »	»	16$000
Melaço	canada	$160
Milho	alqueire	1$600
Pedra de amolar	uma	$640
» » filtrar	»	6$000
» » rebolos	»	$800
Pontas de boi	cento	4$000
Piassava	molho	$320
Sola ou vaqueta	meio	2$100
Sebo em rama	@	5$200
Pelles de carneiro	uma	$200
Salsa parrilha	@	18$000
Tapioca	»	2$500
Unhas de boi	cento	$210
Sabão	@	$095
Esteiras de perperi	uma	$160
Vinagre pipa	»	30$000
Cabeças de cachimbe de barro	milheiro	5$000

Rio de Janeiro.

PRAÇA, 23 DE DEZEMBRO, A'S 5 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes.

Acções—Banco do Brasil: 115$000 de premio.

As transacções em café foram de pouca importancia.

Fretou-se um navio inglez de lotação pequena a 65| para o Canal.

Foram importantes as negociações em acções do Banco do Brasil ás cotações.

BUENOS-AYRES 12 DE DEZEMBRO.

Temos algumas partidas de vinho tinto em ser que não acham compradores por serem de qualidade inferior. As cargas vendidas ultimamente a chegar foram rejeitadas pela mesma razão. Causa isto grande prejuizo ao mercado, que fica conseguintemente suprido, sem com tudo baixarem os preços, por estar este genero em mão de especuladores que sustentam os preços altos, á vista das noticias de uma má vindima na Europa.

Os carregamentos sortidos do Mediterraneo continuam a ser procurados, e particularmente os de Malaga e de Genova, cujos preços sustentam-se.

O mercado continua paralysado a respeito dos generos do Brasil, com excepção do mate, que realisou os preços das chegadas anteriores. As ultimas vendas foram do brigue brasileiro *Maria Rosa* 1,010 sorrões, e do brigue hespanhol *Pompeyo* 1,156 a 34 $ por arroba.

125 pipas vinho tinto (pela barca hespanhola *Union de Cadiz*) alcançaram 1,730 $; 450 quartolas vinho doce e secco 2,220 $ a pipa; 1,300 botijas azeite 35 $, e 150 caixas de massas 64 $; 115 balas papel de embrulho, pelo mesmo navio, 45 $.

Nos generos de exportação houve esta semana pouca animação; effectuaram-se algumas vendas de carne a preços um pouco mais moderados, mas acredita-se que tem de subir de novo por serem favoraveis a este artigo as noticias trazidas pelo *Plata*.

As onças cotam-se a 334 $.

Cambio: 65 ¼ a 65 ½ sobre Londres.

CAMBIOS.

Londres 27 3|4 a 28 a 60 e 90 dias nominal.
Paris 346 e 348 a 60 dias nominaes.
Lisboa nominal.
Hamburgo 645 a 650 a 90 dias nominal,

METAES E FUNDOS PUBLICOS.

METAES. Onças hespanholas	29$000	a 29$500
» » da patria	28$700	a 28$800
» Peças de 6$400 velhas	16$000	
» Moedas de 4$	9$000	
» Soberanos	8$800	a 8$900
» Pesos hespanhóes	1$920	a 1$960n.
» » da patria	1$880	a 1$900
» Patacões	1$920	
Apolices de 6 %	110 %	a 112 %.
» provinciaes	103 %	a 104 %.

FRETES.

Antuerpia	60 a 62|6	Liverpool	45| 50|.
Canal	60|.	Londres	40|.
Estados-Unidos	75 a 85 c.	Marcelha	70 f. e 10 % n.
Hamburgo	60|.	Mediterraneo	60| 75|
Havre	80 fr.	Trieste	65|.

(*Jornal do Commercio* do Rio.)

MOVIMENTO DO PORTO.

Navios entrados nos dia 2.

Rio de Janeiro e portos intermedios—6 ½ dias, vapor brasileiro *Tocantins*, commandante o capitão de fragata Gervasio Mancebo. Passageiros para esta provincia, capitão Leopoldo Augusto Ferreira e sua familia, capitão Bento Ferreira Marques Brasil e sua familia, José da Rocha Pinto, D. Clara Magdalena de Albuquerque Noronha e 2 filhos, Hermenegildo Antonio Nunes Vianna, José Pires de Carvalho Albuquerque, Antonio Maria do Carmo, Joaquim Mancio Maciel, Dr. Charles Gordon, Joaquim Gomes de Souza, 1 recruta, 1 ex-praça de marinha e 1 do exercito, e 11 naufragados do brigue sueco «Astréa.» Seguem para o norte: capitão-tenente Achiles Lacombe, capitão Benedicto José de Barros e sua familia, Francisco Coelho da Costa, Manoel José Pereira Tavares e sua familia, 14 praças de pret e 2 ex-praças de marinha.

Terra Nova—60 dias, brigue americano *Francis Jame*, de 168 toneladas, capitão J. H. Kirch, equipagem 10, carga 1,631 barricas com bacalhão; a Schramm Whately & Companhia.

Navios sahidos no mesmo dia.

Maranhão e Pará—Brigue de guerra brasileiro *Caliope*, commandante o capitão-tenente José Maria Rodrigues.

Bahia—Galera ingleza *Dolphim*, em lastro. Suspendeu do lameirão.

DECLARAÇO'ES.

— As malas que tem de conduzir o vapor *Tocantins*, para os portos do norte, serão fechadas hoje (3) a uma hora da tarde, e as correspondencias que vierem depois dessa hora, pagarão o porte duplo, os jornaes devem achar-se no correio 4 horas antes.

— Cartas seguras para os Srs.: Antonio Baptista Ribeiro de Faria, Antonio José Leal Reis, Ferreira & Araujo, Gaspar Menezes Vasconcellos Drummond, Henrique E. de Bithencourt T., Julio Augusto da Cunha Guimarães, Joaquim Pereira de Castro Coelho, José Avelino Souza Jaques, Leonardo Antunes Meira Henriques, Luiz Gomes Ferreira, Manoel Antonio Gonçalves, Manoel Buarque M. Lima, Manoel José Gonçalves, Perseverana Maria Wanderley.

— Pela mesa do consulado provincial se faz publico, que os 30 dias uteis para o pagamento a bocca do cofre, da decima urbana das freguezias desta cidade e da dos Afogados, findam-se no dia 10 de janeiro proximo vindouro.

— Da casa do subdelegado em exercicio, da freguezia da Boa-Vista, desappareceu o menor Alexandrino alli recolhido por ser encontrado ao desamparo, conforme foi annunciado pelo *Diario* n. 291 de 20 do corrente e seguintes; o que se faz publico para que as pessoas que delle tiverem noticia communiquem aquella subdelegacia, e para sciencia das pessoas a quem o mesmo menor pertença. Subdelegacia da freguezia da Boa-Vista 29 de dezembro de 1854.—O subdelegado supplente em exercicio,

A. F. Martins Ribeiro.

COMPANHIA DE SEGUROS.
EQUIDADE.
ESTABELECIDA NA CIDADE DO PORTO.
AGENCIA EM PERNAMBUCO, RUA DO TRAPICHE N. 26.

O abaixo assignado, agente nomeado desta companhia, e formalmente autorisado pela direcção, aceitará seguros maritimos em qualquer bandeira, e para todos os portos conhecidos, em vasos ou mercadorias, e sob suas respectivas condições; o elevado credito de que tem gosado esta companhia e as vantagens que offerece, fará convencer aos concurrentes da sua utilidade, o seu fundo responsavel he de mil contos de reis fortes: a quem interessar ou convier effectuar ditos seguros, poderá dirigir-se á rua ácima citada, a *Manoel Duarte Rodrigues.*

— Pela delegacia do 1. districto do Recife foram apprehendidos e logo depositados, dous cavallos furtados na povoação de Maraú, provincia da Parahiba: quem fôr seus donos compareça com documentos legaes, que lhe serão entregues. Delegacia deste 1 districto do Recife aos 29 de dezembro de 1854.—O delegado, *F. B. Carvalho.*

CONSELHO ADMINISTRATIVO.

O conselho administrativo, em virtude de autorisação do Exm. presidente da provincia, tem de comprar os objectos seguinte:

Para o 4.º batalhão de artilharia a pé.

Bonetes, 351; panno carmesim para vivos e vistas, covados 150; caldeira de ferro fundido para 50 praças, 1; copo de vidro, 1.

Companhia fixa de cavallaria da provincia.

Bonetes redondos, 11; luvas de camurça, pares 11; mantas de lãa, 11.

Arsenal de guerra.

Oleo de linhaça, arrobas 6; veltas de carnaúba, libras 142.

Colonia de Pimenteiras.

Limas meia cana muças de 8 polegadas, 3; ditas triangulares de 8 ditas, 3; ditas ditas de 4 ditas, 3; limatões de 8, 3; ditos de 4, 3; esquadros de ferro com folha de 12 polegadas de comprimento, 2; ditos pequenos, 4; facões com bainha e cinturões, 40; parafusos de madeira para prensa de bancos, 4.

Botica do hospital Regimental.

Apparelho a deslocamento, 1; balões de differentes capacidades, 5; capsulas de porcelana de 4 libras, 2; ditas de dita de 3 ditas, 2; ditas de dita de 2 ditas 2; ditas de dita de 1 dita, 2; ditas de dita de 1 dita, 2; ditas de dita de 8|0, 2; ditas de vidro de differentes tamanhos, 6; cadinhos de 1 a 10, 12; copos graduados de 2 libras, 2; ditos ditos de 1 dita, 2; ditos dito de 8|0, 2; ditos de 4|0, 2; caixas de pinho forradas de folha para guardar medicamentos de palmo e meio em quadro, e 2 e duas polegadas de altura com as suas competentes tampas, 26; flanela fina, covados 12; garrafas pretas de 24|0, 100; ditas brancas francezas, 50; ditas pretas de 12|0, 100; madapolão, peças 12; machina para aguas mineraes, 1; marmita de papim, 1; dita de pressão para agua, 4; machineta com os seus pertences, 1; matrazos, 4; pastilhador completo, 1; retortas de differentes capacidades, 4; vasos de 4 libras, 24; ditos de 2 libras, 24; vidro a esmeril de 4 libras, 12.

Quem quizer vender estes objectos, apresente as suas propostas em cartas fechadas, na secretaria do conselho, ás 10 horas do dia 4 de janeiro de 1855.

Secretaria do conselho administrativo para fornecimento do arsenal de guerra 29 de dezembro de 1854.—*Jose de Brito Inglez*, coronel presidente.—*Bernardo Pereira do Carmo Junior*, vogal e secretario.

AVISOS MARITIMOS.

— Para Lisboa pretende seguir com toda a brevidade a barca portugueza «Gratidão»: para carga e passageiros, trata-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ou com o capitão na praça.

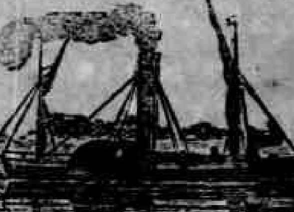
— Para o Rio de Janeiro pretende sahir com a possivel brevidade o patacho nacional «D. Pedro V»: para carga e escravos a frete, trata-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar.

— Para Lisboa pretende seguir com brevidade o brigue portuguez «Ribeiro» de primeira marcha: quem nelle quizer carregar ou ir de passagem, entenda-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ou com o capitão na praça.

PARA A BAHIA.

Sae nestes dias, por ter parte do carregamento prompto, o conhecido hiate «Novo Olinda», mestre Custodio José Vianna: a tratar com Tasso Irmãos.

Companhia de navegação a' vapor, luso-brasileira.



O vapor desta companhia *D. Maria Segunda* commandante o primeiro tenente Guimarães, devendo aqui chegar dos portos do sul no dia 3 de janeiro, seguirá depois da competente demora, para S. Vicente, Madeira e Lisboa, recebe passageiros e encommendas, devendo estas estar despachadas e depositadas no Trapiche Nôvo até o dia 2: os interessados dirijam-se a rua do Trapiche n. 24 á tratar com Manoel Duarte Rodrigues.

Para o Rio de Janeiro

Sahe impreterivelmente no dia 5 de janeiro o brigue «Hebe», capitão André Antonio da Fonseca, quem quizer carregar o resto a frete ou embarcar escravos trate na rua do Trapiche n. 14, com o consignatario Manoel Alves Guerra Junior.

PARA O CEARA'

seguirá nestes dias o hiate «Correio do Norte»; para o resto da carga e passageiros, trata-se com Caetano Cyriaco da C. M. ao lado do Corpo Santo n. 25.

PARA O RIO DE JANEIRO,

segue com brevidade, por ter parte da carga prompta, o hiate *Venus*: para o resto, passageiros e escravos a frete, trata-se com Caetano Cyriaco da C. M., ao lado do Corpo Santo loja de massames n. 25.

PARA O RIO DE JANEIRO.

O bem conhecido e veleiro patacho nacional «Valente» segue impreterivelmente no dia 5 de janeiro: para escravos a frete trata-se com Novaes & Companhia na rua do Trapiche n. 34.

— Para a Bahia segue em poucos dias, por ter parte de sua carga prompta, a veleira sumaca «Hortencia», da qual he capitão Sebastião Lopes da Costa; para o resto da carga, trata-se com seu consignatario Domingos Alves Matheus, na rua da Cruz n. 54.

PARA O RIO DE JANEIRO

segue na presente semana o brigue nacional «Damão»; para o resto da carga, passageiros e escravos a frete, trata-se com Machado & Pinheiro, rua do Vigario n. 19, segundo andar.

LEILO'ES.

— O agente Borja, de ordem do Illm. Sr. Dr. juiz de direito do civel e commercio, Custodio Manoel da Silva Guimarães, a requerimento do Curador fiscal da massa fallida de Victorino & Moreira, fara' leilão da muito conhecida loja de miudezas, que foi daquelles senhores, sita na rua dos Quarteis n. 22, consistindo em uma excellente armação e todas as miudezas existentes na mesma loja, as quaes são muito modernas, e estão em muito bom estado: quinta-feira, 4 de janeiro as 10 horas em ponto.

— O agente Victor fará leilão no seu armazem, rua da Cruz n. 25, de grande sortimento de obras de marceneria, novas e usadas, excellentes chapeus do Chile, e outros muitos objectos que estarão á mostra no dia do leilão, quinta-feira 4 de janeiro de 1855.

— O agente Victor fará leilão por autorisação dos Srs. Guimarães & Alcanforado de todos os generos e armação pertencentes a taberna de José Manoel de Araujo, sita na rua do Aragão n. 16, sexta feira 5 do corrente as 10 e ½ horas da manhãa na indicada taberna, para pagamento dos credores do mesmo Araujo, em um só lote ou a contento dos licitantes.

AVISOS DIVERSOS.

—Tendo-se reconhecido que a despeza de escripta e cobrança do importe dos annuncios he superior ao valor delles, previne-se aos senhores assignantes deste «Diario» que quando os mandarem, remettam igualmente a sua importancia; alias não serão publicados.

José Ignacio de Loyolla tendo vendido o seu estabelecimento, pede as pessoas que lhe ficaram a dever de lhe pagarem nestes oito dias, antes da sua retirada para fora do imperio, podendo dirigirem-se a' mesma loja.

— D. Bernarda Maria dos Prazeres, legalmente autorisada, com aula particular na rua do Sebo, n. 13, participa aos pais de suas alumnas, que tem de reabrir a sua aula no dia 15 de janeiro corrente, e que continuará a fazer todos os esforços para bem corresponder á confiança que nella depositam; assim como faz sciente aquellas pessoas que lhe quizerem encarregar o ensino de suas meninas, que estas serão tratadas com todo o esmero e melindre, e aprenderão a ler, escrever, contar, doutrina chistãa, coser, labyrintar, marcar, bordar de matiz, ouro, prata, e todas as demais minuciosidades propriasda da idade e sexo.

— Aluga-se a sala da frente do primeiro andar do sobrado n. 17 da rua da Cruz, com commodos para escriptorio: a tratar no armazem n. 25 na mesma rua.

FESTA NA CAPELLA DOS MILAGRES EM OLINDA.

O abaixo assignado faz publico, que domingo 7 do corrente tem de celebrar-se á fest ade N. S. da Conceição na capella dos milagres em Olinda, com ladainha a noite, fogo de vista, machina, etc.: os devotos e devotas que quizerem levar as suas esmolas dirijam-se no mesmo lugar a entregar ao encarregado da mesma festa.—*Januario Antonio Costa.*

— Precisa-se de uma mulher forra ou captiva, para cozinhar e engommar n'uma casa de familia: a tratar na loja de ferragens n. 56 A, da rua da Cadeia do Recife.

— No dia 31 do passado, voou do sobrado n. 6, de Mathias Ferreira em Olinda, um papagaio fallador, levando uma corrente de prata no pé: quem o achar, leve-o a dita casa que será gratificado.

— D. Umbelina Wanderley Peixoto, directora do collegio particular Pernambucano, avisa aos pais de suas alumnas e a quem mais convier, que no dia 2 de janeiro principiaram os trabalhos do collegio. No dia 20 de dezembro de 1854, fizeram exames 20 alumnos do mesmo collegio; as materias dos exames foram leitura, escripta, doutrina christãa, arithmetica e grammatica portugueza, sendo examinadores os Srs. professores publico Salvador Henriques de Albuquerque e Simplicio da Cruz Ribeiro; foram todas approvadas plenamente. E para constar mandou a directora passar um termo, em que assignou com os examinadores.

— O Sr. José Irineo da Silva Santos, morador na cidade de Olinda, queira apparecer no Recife, rua da Cruz n. 60, que muito se lhe deseja fallar.

— Precisa-se de uma ama com bom e bastante leite, e seja forra: na rua larga do Rosario n. 16, sobrado de um andar, junto a padaria do Sr. Manoel Antonio de Jesus.

O CRAVO.

Sahio o primeiro numero do segundo trimestre do *Cravo*, e acha-se á venda na rua Nova n. 52, loja do Sr. Boaventura José de Castro Azevedo. Advertem-se aos senhores assignantes que estão a dever o importe de suas assignaturas e que quizerem continuar, que lhes não será entregue o primeiro numero do segundo trimestre, sem que tenham pago o primeiro; assim como que as assignaturas para o segundo trimestre, serão pagas á recepção do primeiro numero. Os numeros avulsos vendem-se a 80 rs.

PERDA.

No dia 31 de dezembro do Varadouro a rua do Coxo, perdeu-se uma ataca de ouro com cravação, esmaltada de azul e diamante: quem a achou, caso queira entrega-la, dirija-se a Olinda, rua do Coxo, a entregar a Miguel Venceslao, ou na rua da Roda n. 4, que será recompensado.

— Precisa-se alugar uma escrava de meia idade, que sirva para o serviço interno e externo de uma casa de pouca familia, tratar-se-ha bem, mesmo em alguma molestia passageira, com tanto que não exceda o aluguel de 8$000 mensaes: na praça da Independencia n. 33.

— Diz o abaixo assignado, que tendo comprado a casa de pasto da rua larga do Rosario n. 34, sendo a dita casa comprada no dia 14 de dezembro de 1854 de sociedade com o Sr. Jorge Augusto da Silveira, entrando o dito Sr. Jorge com os fundos em dinheiro 200$000, e o abaixo assignado com 345$000, gyrando a firma e papel da compra da casa em Jorge Augusto da Silveira & Companhia, portanto faz sciente ao respeitavel publico que ninguem poderá fazer negocio algum com o Sr. Jorge a respeito da casa sem o abaixo assignado ser ouvido, e se fizer nada valera, por que o Sr. Jorge escondeu o papel da compra da casa e outro que fizemos no dia 27 de dezembro de 1854, e pedindo-lhe o abaixo assignado para fazer um papel de trato, o dito acima disse que não assignava papel algum, portanto he isto com algum dolo. Recife 2 de janeiro de 1855.

João Manoel Rodrigues.

— O tintureiro da rua da Cadeia de Santo Antonio offerece-se aos lojistas que vão dar balanço e quizerem tingir luvas mofadas, meias, fitas, retroz, fazenda tanto de seda como de algodão, e não só aos lojistas como a qualquer outra pessoa que do seu prestimo se quizerem aproveitar. O mesmo tintureiro adverte que tinge de todas as cores com perfeição.

— O Sr. João Cancio, morador na cidade de Olinda, queira apparecer no Recife, rua da Cruz n. 60, para negocio que lhe diz respeito.

— Quem precisar de uma ama escrava, para todo serviço de uma casa, dirija-se á rua do Queimado, loja n. 14.

— Aluga-se uma excellente casa de sobrado á margem do rio Capibaribe, na Ponte de Uchôa, confronte ao sitio do Sr. Barão de Beberibe; a tratar na rua do Collegio n. 15, ou na Ponte de Uchôa, casa do proprietario Francisco Antonio de Oliveira.

— Aluga-se um bom armazem, na rua da Praia n. 76: a tratar na rua do Collegio n. 15, ou com o proprietario, no sitio do Manguinho.

— Precisa-se de uma ama que saiba bem cozinhar e engommar: na rua da Guia n. 9 se dirá quem precisa.

— Para mais commodidade dos devotos que concorrem para a festividade do glorioso Santo Amaro em Jaboatão, tem-se resolvido transferir a festa, que devia ser feita no dia 15 de janeiro, para o dia 28; para sciencia de todos faz-se este aviso.

MUTILADO

LOTERIA DO RIO DE JANEIRO.

Resumo dos maiores premios da loteria 3. do conservatorio de musica, extrahida em 22 de dezembro de 1854.

1 N.	4867	20:000$
1 »	5354	10:000$
1 »	916	4:000$
1 »	51	2:000$
6 »	645, 831, 1293, 3096, 3338, 4387	1:000$
10 »	180, 1007, 1950, 2527, 2521, 2562, 2619, 4462, 5126, 5595	400$
20 »	812, 922, 1205, 2186, 2196, 2540, 2887, 2942, 3061, 4179, 4301, 4552, 4824, 5228, 5308, 5492, 5645, 5779, 5794, 5853	200$
60 »	26, 39, 317, 404, 633, 644, 741, 755, 840, 843, 905, 939, 955, 1002, 1017, 1625, 2022, 2069, 2139, 2162, 2203, 2226, 2330, 2566, 2507, 2513, 2607, 2667, 2759, 2941, 3113, 3273, 3433, 3494, 3574, 3704, 3899, 3925, 4072, 4146, 4267, 4290, 4574, 4607, 4825, 4970, 5021, 5065, 5090, 5177, 5196, 5223, 5355, 5461, 5619, 5670, 5757, 5778, 5830, 5945	100$
100 premios de	. . . . . .	40$
1800 ditos de	. . . .	20$

Foram vendidos nesta provincia os dous meios numeros 831 e 1293, premiados com 1:000$, os possuidores queiram vir receber o competente premio que he pago sem desconto.

Temos exposto a' venda os novos bilhetes da 1. loteria de Iguassu, que ficava a correr na casa da camara municipal da imperial cidade de Nictheroy no dia sexta-feira 29 de dezembro.

O vapor «La Plata, que sahia do Rio de Janeiro a 31 de dezembro sera' o portador das listas e não podera' tardar, rogamos, pois, as pessoas que teem bilhetes encommendados queiram vir busca-los hoje.

O pagamento dos premios sera' effectuado logo que se fizer a distribuição das listas sem desconto algum.

—Antonio José Bitancourt julga-se obrigado á dizer ainda alguma cousa em sustentação do que expôz em seu annuncio publicado no *Diario* de 23 do mez passado, em deferencia unicamente ao publico, a quem se dirige, e não a sua mulher a Sra. D. Luiza Thereza de Jesus, que conscia da sua sem-razão se quer sobtrahir á discussão, visto como em sua resposta ao mesmo annuncio (em o *Diario* de sabbado) protestou não voltar mais á materia. Sua mulher obriga-o a fazer uma exposição, que talvez a incommode; nesse caso queixe-se de si mesma, e carregue com as consequencias de suas provocações. Ratificando todo seu annuncio, elle observa em primeiro lugar, que todos que conhecem sua mulher sabem perfeitamente que os bens trazidos por ella quando casou, foram apenas uma casa terrea em que tem sempre morado, um caixão para outra, no qual existe a serraria, e 3 escravos, sendo que destes falleceu logo um e vendeu-se outro por 159$000; pelo que sabem tambem que os haveres que apparecem de mais foram adqueridos com o trabalho e suor do annunciante, por quanto aquelles nada podiam render, é nem sua mulher possuia dinheiro algum como adiante se dirá. Observa em segundo lugar que se nenhum direito tem a meiação daquelles bens, (na opinião de sua mulher, que dá a escriptura antenupcial o sentido que lhe convém e se diz *injuriada e maltratada* por elle) não deve ella tambem perceber a dos que elle por si só tem adquerido. Se estes excederem a aquelles, talvez que sua mulher, arrependida de ter feito valer a mesma escriptura no sentido de seus annuncios, negue te-los feito e publicado! Nunca maltratou a sua mulher, sendo que ao contrario fez-lhe sempre as vontades. Nunca teve em vista prejudica-la, tanto que era ella quem guardava todo o seu dinheiro e titulos. Observa em terceiro lugar que he uma revoltante mentira dizer-se *que elle por occasião de seu casamento não trouxe para o casal mais do que meia duzia de pás de tirar aréa*; por quanto muito tempo antes de effectua-lo, já comprava madeiras, e as fazia serrar por sua conta, notando-se que na serraria dessa mesma senhora elle fizera serrar não pequena porção, e que talvez concorresse para ella ter a lembrança de querer casar com elle, visto como durante um anno, pouco mais ou menos, que ahi o vira, não descubrio nelle defeito algum, e sim muito amor ao trabalho. Existem o Sr. Lourenço José das Neves e outras pessoas com quem elle teve transacções, provenientes de compras e vendas de madeiras. Foi elle quem deu a sua mulher a roupa precisa para o casamento, porque ella não tinha dinheiro. He exacto que elle pagára as dividas de sua mulher que as havia contrahido quando viuva. Ao Sr. Manoel Joaquim da Silva Figueiredo pagou 600$000 que elle tomou-lhe a juros; ao Sr. Vicente Alves Machado 300$000 pela factura do caes, bem como a outros diversas quantias. Os recibos existiam no bahú que ella carregou quando ausentou-se de casa. Observa em quarto lugar que para adquerir os bens que apparecem de mais não era preciso que tivesse cavado algum thesouro, bastou o seu assiduo trabalho. Muitas viagens para compra de madeiras em Camaragibe, na provincia das Alagoas, mesmo em tempo de rigoroso inverno, passando rios a nado, as boas vendas que fazia dessas madeiras depois de serradas, e sua constante economia, o habilitaram a comprar 6 escravos, a dar dinheiro a premio etc. etc. Não trabalha ha pouco tempo e sim ha annos, sem ainda haver descançado. Quererá sua mulher negar ou pôr em duvida a existencia das lettras, hypothecas e obrigações passadas a favor delle, e existentes no bahú que ella levou? Não conseguirá seu fim, porque ella tem mandado até protestar algumas lettras em que alias não figura seu nome; existem os registros das hypothecas aqui e no Rio-Formoso, e elle invoca o testemunho do Sr. tenente-coronel Franca, em cuja casa está sua mulher, o qual provavelmente terá visto estes titulos. Não he imaginaria a quantia de 5:500$ rs. que ella levou dentro do bahú. Se não existia moéda, qual a razão por que logo que pretendeu sahir de casa com o bahu' tratou de mandar fazer uma chave falsa? O artista desconfiou, tanto pela reserva com que se lhe pedio essa encommenda que foi participar ao Illm. Sr. Dr. delegado. Este artista faltou-lhe, mas talvez que outro lhe não faltasse! A encommenda da chave e a declaração de que não havia dinheiro no bahu', prova muito contra sua mulher. Tem elle muitos meios para provar que existia esse dinheiro, sendo que, além desses meios, ahi existe uma pessoa mui fidedigna a quem ella dava notas de grande valor para trocar em ouro, o que fazia a mandado delle. Continuarei se fôr preciso.

Antonio José Bitancourt.

LOTERIAS DA PROVINCIA.

No dia 13 do corrente mez de janeiro pelas 10 horas do dia andam impreterivelmente as rodas da primeira parte da primeira loteria a beneficio da cultura da Amoreira: os poucos bilhetes que existem acham-se a' venda nos lugares do costume. Praça da Independencia loja do Sr. Fortunato n. 4, Botica do Sr. Chagas rua do Livramento, rua Nova n. 4, Boa Vista loja n. 48 e na loja de cera do Sr. Pedro Ignacio Baptista. Nesses lugares os Srs. compradores acharão os bilhetes sem cambio. Thesouraria das Loterias, 2 de janeiro de 1855.—O thesoureiro, Francisco Antonio de Oliveira.

—Precisa-se de uma ama para casa de pouca familia, que saiba cozinhar, lavar e engomar: a tratar na rua das Cruzes, na Typographia do Diario segundo andar.

LEITURA REPENTINA.
METHODO CASTILHO.

A escola se acha transferida para a rua larga do Rosario n. 48, principia a leccionar no dia 8 de janeiro. As lições para as pessoas occupadas de dia serão das 7 a's 9 da noite.

— Arrenda-se por preço commodo o engenho Roncador, na freguezia de Barreiros, na beira do rio de Una, em frente ao engenho Sauê, tambem na freguezia de Una, convenientemente obrado, com bom cercado, e optimo terreno tanto para cannas como para mandioca; quem o pretender, dirija-se a seu proprietario José Luiz Salgado de Vasconcellos, no engenho Saltinho da freguezia de Una.

CONSULTORIO DOS POBRES
25 RUA DO COLLEGIO 1 ANDAR 25.

O Dr. P. A. Lobo Moscozo dá consultas homeopathicas todos os dias aos pobres, desde 9 horas da manhãa até o meio dia, e em casos extraordinarios a qualquer hora do dia ou noite.

Offerece-se igualmente para praticar qualquer operação de cirurgia, e acudir promptamente a qualquer mulher que esteja mal de parto, e cujas circumstancias não permittam pagar ao medico.

NO CONSULTORIO DO DR. P. A. LOBO MOSCOZO.
25 RUA DO COLLEGIO 25
VENDE-SE O SEGUINTE:

Manual completo de medicina homeopathica do Dr. G. H. Jahr, traduzido em portuguez pelo Dr. Moscozo, quatro volumes encadernados em dous e acompanhado de um diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, etc., etc. . . . . . 20$000

Esta obra, a mais importante de todas as que tratam do estudo e pratica da homeopathia, por ser a unica que contém a base fundamental d'esta doutrina—A PATHOGENESIA OU EFFEITOS DOS MEDICAMENTOS NO ORGANISMO EM ESTADO DE SAUDE—conhecimentos que não podem dispensar as pessoas que se querem dedicar á pratica da verdadeira medicina, interessa a todos os medicos que quizerem experimentar a doutrina de Hahnemann, e por si mesmos se convencerem da verdade d'ella: a todos os fazendeiros e senhores de engenho que estão longe dos recursos dos medicos: a todos os capitães de navio, que uma ou outra vez não podem deixar de acudir a qualquer incommodo seu ou de seus tripulantes: a todos os pais de familia que por circumstancias, que nem sempre podem ser prevenidas, são obrigados a prestar *in continenti* os primeiros soccorros em suas enfermidades.

O vade-mecum do homeopatha ou traducção da medicina domestica do Dr. Hering, obra tambem util ás pessoas que se dedicam ao estudo da homeopathia, um volume grande, acompanhado do diccionario dos termos de medicina . . . . . 10$000

O diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, etc., etc., encardenado. . . 3$000

Sem verdadeiros e bem preparados medicamentos não se pode dar um passo seguro na pratica da homeopathia, e o proprietario deste estabelecimento se lisongeia de te-lo o mais bem montado possivel e ninguem duvida hoje da grande superioridade dos seus medicamentos.

Boticas de 24 medicamentos em globulos, a 10$, 12$ e 15$000 rs.

Ditas 36	ditos	a	20$000
Ditas 48	ditos	a	25$000
Ditas 60	ditos	a	30$000
Ditas 144	ditos	a	60$000
Tubos avulsos		. . . . . .	1$000
Frascos de meia onça de tinctura		. . . . . .	2$000

Na mesma casa ha sempre á venda grande numero de tubos de crystal de diversos tamanhos, vidros para medicamentos, e apromptа-se qualquer encommenda de medicamentos com toda a brevidade e por preços muito commodos.

— Novos livros de homeopathia em francez, obras todas de summa importancia:

Hahnemann, tratado das molestias chronicas, 4 volumes	20$000
Teste, molestias dos meninos . . .	6$000
Hering, homeopathia domestica. . . .	7$000
Jahr, pharmacopéa homeopathica. . . .	6$000
Jahr, novo manual, 4 volumes	16$000
Jahr, molestias nervosas.	6$000
Jahr, molestias da pelle.	8$000
Rapou, historia da homeopathia, 2 volumes	16$000
Harthmann, tratado completo das molestias dos meninos.	10$000
A Teste, materia medica homeopathica. .	8$000
De Fayolle, doutrina medica homeopathica	7$000
Clinica de Staoneli	6$000
Casting, verdade da homeopathia. . . .	4$000
Diccionario de Nysten	10$000
Atlas completo de anatomia com bellas estampas coloridas, contendo a descripção de todas as partes do corpo humano . .	30$000

vendem-se todos estes livros no consultorio homeopathico do Dr. Lobo Moscoso, rua do Collegio n. 25, primeiro andar.

PUBLICAÇAO' DO INSTITUTO HOMEOPATHICO DO BRASIL.
THESOURO HOMEOPATHICO
OU
VADE-MECUM DO HOMEOPATHA.

Methodo conciso, claro e seguro de curar homeopathicamente todas as molestias que affligem a especie humana, e particularmente aquellas que reinam no Brasil, redigido segundo os melhores tratados de homeopathia, tanto europeos como americanos, e segundo a propria experiencia, pelo Dr. Sabino Olegario Ludgero Pinho. Esta obra he hoje reconhecida como a melhor de todas que tratam da applicação homeopathica no curativo das molestias. Os curiosos, principalmente, não podem dar um passo seguro sem possui-la e consulta-la. Os pais de familias, os senhores de engenho, sacerdotes, viajantes, capitães de navios, sertanejos etc. etc., devem te-la á mão para occorrer promptamente a qualquer caso de molestia.

Dous volumes em brochura por . . . 10$000
» » encadernados . . . 11$000

vende-se unicamente em casa do autor, no palacete da rua de S. Francisco (Mundo Novo) n. 68 A.

J. JANE, DENTISTA,
continúa a residir na rua Nova n. 19, primeiro andar.

AULA DE LATIM.

O padre Vicente Ferrer de Albuquerque, professor jubilado de grammatica latina, tem estabelecido sua aula particular na rua Direita sobrado n. 27, segundo andar, onde recebe todos os alumnos, quer externos ou internos, tanto desta praça como do mato, mediante a razoavel convenção que pessoalmente offerecera'.

DENTISTA FRANCEZ.

Paulo Gaignoux, estabelecido na rua larga do Rosario n. 36, segundo andar, colloca dentes com gengivas artificiaes, e dentadura completa, ou parte della, com a pressão do ar. Tambem tem para vender agua dentifrice do Dr. Pierre, e pó para dentes. Rua larga do Rosario n. 36 segundo andar.

— O Sr. procurador da camara municipal do Limoeiro, haja de mandar pagar a assignatura do «Diario de Pernambuco», para a mesma camara, que se acha em grande atrazo de pagamento.

— O Sr. Antonio Ferreira da Costa Braga tem uma carta na livraria ns. 6 e 8 da praça da Independencia.

— Aluga-se para o serviço de bolieiro um escravo mulato com muita pratica desse officio. Na rua da Saudade fronteira á do Hospicio, casa da residencia do Dr. Lourenço Trigo de Loureiro.

— O Sr. Joaquim Ferreira que teve loja na pracinha do Livramento tem uma carta na livraria ns. 6 e 8 da praça da Independencia.

—Aluga-se uma casa terrea na povoação do Monteiro, com a frente para a igreja de S. Pantaleão, muito limpa, fresca, com commodos para familia regular, tendo uma porta e duas janellas na frente: a tratar com Antonio José Rodrigues de Souza Junior, na mesma povoação, ou na rua do Collegio n. 21, segundo andar.

— L'iride Italiana, revista artistica, scientifica e litteraria, debaixo do immediato patrocinio de S. M. o Imperador, redigida em duas linguas pelas mais conhecidas capacidades do imperio, e dirigida pelo professor A. Galeano-Ravara. Subscreve-se em Pernambuco, na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

Loteria da Provincia.

O cautelista Antonio Ferreira de Lima e Mello, avisa ao publico que tem as suas cautellas da loteria da amoreira e criação do bicho da seda, que corre no dia 13 de janeiro, no Recife loja n. 11, rua do Rosario n. 26, dita Direita n. 62, aterro da Boa-Vista n. 58, na povoação do Monteiro em casa do Sr. Nicolão, e em sua loja rua Nova n. 4, pelos preços abaixo declarados.

Bilhetes	5$000
Meios	2$800
Quartos	1$500
Decimos	700
Vigesimos	400

— Precisa-se alugar uma preta que seja fiel e diligente: na rua Direita, botica n. 118.

— Precisa-se alugar uma ama forra ou captiva para todo serviço de uma casa de pouca familia: na rua larga do Rosario n. 33, segundo andar.

COMPANHIA PERNAMBUCANA DE VAPORES.

O conselho da direcção, de conformidade com o art. 4.º, tit. 1.º dos estatutos da companhia, convida aos senhores accionistas a realisarem mais 15 % sobre o numero de acções que subscreveram até 15 de janeiro de 1855, afim de serem feitas com regularidade para Inglaterra as remessas de fundos com que tem de attender os prazos do pagamento do primeiro vapor em construcção; os pagamentos devem ser feitos em casa do Sr. F. Coulon, rua da Cruz n. 26.

— No dia 27 do presente mez de dezembro, no sitio do cemiterio publico, desappareceu do pescoço do um menino uma vara de cordão grosso de ouro, em duas voltas, com uma meia dobla encastoada, cravada de um diamante, e suppõe-se que em alguns brinquedos que o dito menino tivesse com outros que com elle foram acompanhar o enterro de um anginho, se quebrasse o cordão e o perdesse com a meia dobla: roga-se pois a quem tiver achado taes objectos ou delles tiver noticia, dirija-se á loja de chapéos da rua da Madre de Deos, que será recompensado.

— Dá-se 1:500$000 a juros sobre penhores de ouro e prata: no deposito de pão da rua Nova se dirá quem dá.

AVISO AOS SENHORES CAPITA'ES DE CAMPO.

Fugio sabbado 30 de dezembro um cabra escuro por nome Felippe, com muitas marcas de bexigas, gordo e de semblante carregado, representa ter 25 annos de idade, cabello cortado rente: quem o pegar leve-o a rua do Trapiche n. 9, no Hotel Francisco, que recebera' uma boa gratificação.

— O Dr. Carolino Francisco de Lima Santos mora na rua das Cruzes n. 18, primeiro andar, onde continúa no exercicio de sua profissão de medico; e utilisa-se da occasião para de novo ao publico offerecer seu prestimo como medico parteiro, e habilitado as operações das vias ourinarias, por se ter a ellas dado com especialidade em França.

— Os abaixo assignados declaram que teem dissolvido a sociedade que tinham na loja da rua da Cadeia do Recife n. 47, que girava sob a firma de Flores & Sa', ficando inteiramente desligado da mesma sociedade o Sr. Manoel Antonio Flores, e todo o negocio agora corre somente a' cargo e responsabilidade de Manoel Ferreira de Sa'. A extincta firma de Flores & Sa' declara que nada deve a' praça.—Pernambuco 2 de janeiro de 1855.—Manoel Antonio Flores.—Manoel Ferreira de Sa'.

LOTERIA DA PROVINCIA.
Aos 5:000$000, 2:000$000, 1:000$000.

O cautelista Antonio Rodrigues de Souza Junior avisa ao respeitavel publico, que os seus bilhetes e cautelas não soffrem o desconto dos oito por cento nos tres premios grandes, os quaes se acham á venda nas seguintes lojas: praça da Independencia n. 4, do Sr. Fortunato, 13 e 15 do Sr. Arantes, e 40 do Sr. Faria Machado; rua do Queimado n. 37 A, do Sr. Freire; rua da Praia, loja de fazendas do Sr. Santos; rua larga do Rosario n. 40, do Sr. Manoel José Lopes; e praça da Boa-Vista, loja de cera do Sr. Pedro Ignacio Baptista, cuja loteria tem o seu andamento infallivel em 13 do futuro janeiro.

Bilhetes	5$500	recebe por inteiro	5:000$000
Meios	2$800	»	2:500$000
Quartos	1$500	»	1:250$000
Oitavos	800	»	625$000
Decimos	700	»	500$000
Vigesimos	400	»	250$000

— Perdeu-se um conhecimento de n. 90 da quantia de 400$000, recebido na thesouraria da fazenda desta provincia: quem o tiver achado, ou por qualquer modo delle esteja de posse, dirija-se a rua da praia de Santa Rita n. 42, que será generosamente gratificado, além do agradecimento.

LOTERIA DO RIO DE JANEIRO.

Acham-se a venda nas lojas do costume os bilhetes da 3.ª loteria do conservatorio de musica, a qual correu em 22 do presente, as listas se esperam de 2 a 5 de janeiro pelo «Tocantins» ou «San-Salvador.» Os premios são pagos a vista e sem desconto algum.

— Bernardo Fernandes Vianna continúa com sua aula particular de primeiras lettras, do dia 8 de janeiro proximo futuro, não havendo feriados senão dias santos de guarda ou molestia; autorisado pelo Exm. Sr. Victor de Oliveira ex-presidente que foi desta provincia; aquelles senhores que lhe quizerem confiar o ensino de seus filhos, podem vir matricula-los e verem o programma do ensino. Tambem dará lições áquellas pessoas grandes que não poderem vir de dia das 6 as 9 horas da noite, sem isenção de côr; podem vir matricular-se na rua da Cadeia do Recife n. 47, a qualquer hora.

— Precisa-se de um ou dous canoeiros forros ou captivos, por mez ou por viagem, para conduzir tijolo em uma canoa de 1,000 a 1,500: quem pretender empregar-se neste serviço, póde dirigir-se a rua larga do Rosario, padaria n. 18, junto ao quartel que foi de policia, que achará com quem tratar.

— Precisa-se de 2 officiaes de charuteiro; na rua da Guia n. 36, taberna, se dirá quem precisa.

— Offerece-se um rapaz brasileiro, que da conhecimento de sua pessoa, para caixeiro de qualquer estabelecimento nesta praça ou fóra della, ou mesmo para cobrar dividas: a tratar na rua Direita n. 52.

— José Teixeira Bastos avisa ao commercio desta praça, que tendo admittido em sua casa commercial, na qualidade de seu socio, o Sr. Camillo Pinto de Lemos, continuara' suas transacções commerciaes do primeiro de janeiro em diante, sob a firma social de Basto & Lemos. Recife 30 de dezembro de 1854.

— Lava-se e engomma-se com toda a perfeição e aceio: no largo da ribeira de S. José, na loja do sobrado n. 15.

— O abaixo assignado declara que se lhe acha hypothecada a escrava Gertrudes, crioula, pertencente ao Sr. Augusto Candido de Athaide Seixas, e para que ninguem a compre na boa fé, faz o presente annuncio. Recife 29 de dezembro de 1854.

Francisco da Costa Amaral.

— Precisa-se de uma ama para casa de pouca familia, que saiba cozinhar e engommar: a tratar no pateo do Terço, sobrado de um andar n. 11.

—A directora do collegio da Conceição annuncia aos pais das meninas que lhe foram confiadas, e aquellas pessoas que trataram de mandar meninas para o mesmo collegio, que elle se torna a abrir a 8 de janeiro de 1855, por se findarem nessa data as ferias dadas.

— Na rua das Cruzes n. 40, taberna do Campos, ha das melhores e mais modernas bichas hamburguezas para vender-se em grandes porções e a retalho, e tambem se aluga.

NO CONULTORIO
DO DR. CASANOVA,
RUA DAS CRUZES N. 28.

vendem-se carteiras de homeopathia de todos os tamanhos, por preços muito em conta.

Elementos de homeopathia, 4 vols.	6$000
Tinturas a escolher, cada vidro.	1$000
Tubos avulsos a escolher a	500 e 300

Consultas gratis para os pobres.

— Francisco Lucas Ferreira, com cocheira de carros funebres no pateo do Hospital n. 10, encarrega-se de qualquer funeral, sendo padres, musica, cera, armação na igreja ou em casa, carros de passeio e tirar guia da camara, e ahi encontrarão tudo com aceio, segundo dispõe o regulamento do cemiterio.

ROB LAFFECTEUR.
O unico autorisado por decisão do conselho real e decreto imperial.

Os medicos dos hospitaes recommendam o arrobe Laffecteur, como sendo o unico autorisado pelo governo e pela Real Sociedade de Medicina. Este medicamento d'um gosto agradavel, e facil a tomar em secreto, esta em uso na marinha real desde mais de 60 annos; cura radicalmente em pouco tempo, com pouca despeza, sem mercurio, as affecções da pelle, impingens, as consequencias das sarnas, ulceras, e os accidentes dos partos, da idade critica e da acrimonia hereditaria dos humores; convém aos catharros, da bexiga, as contracções, e á fraqueza dos orgãos, precedida do abuso das ingecções ou de sondas. Como anti-syphilitico, o arrobe cura da pouco tempo os fluxos recentes ou rebeldes, que vola vem incessantes sem consequencia do emprego da copaiba, da cubeba, ou das injecções que representam o virus sem neutralisa-lo. O arrobe Laffecteur he especialmente recommendado contra as doenças inveteradas ou rebeldes ao mercurio e ao iodureto de potasio. Vende-se em Lisbôa, na botica de Barral, e de Antonio Feliciano Alves de Azevedo, praça de D. Pedro n. 88, onde acaba de chegar uma grande porção de garrafas grandes e pequenas, vindas directamente de Paris, de casa do Sr. Boyveaus Laffecteur 12, rue Richer à Paris. Os formularios dam-se gratis em casa do agente Silva, na praça de D. Pedro n. 82. No Porto, em casa de Joaquim Araujo; na Bahia, Lima & Irmãos; em Pernambuco, Soum; Rio de Janeiro, Rocha & Filhos, e Moreira, loja de drogas; Villa-Nova, João Pereira de Magates Leite; Rio-Grande, Francisco de Paula Couto & C.

— D. Luiza Annes de A. Leal e as suas manas D. Senhorinha e D. Tereza de Jesus Leal, fazem saber aos pais de suas alumnas que as ferias findam-se no dia 7 de janeiro, e principiam os trabalhos de sua aula no dia 8 do corrente: continuam receber alumnas pensionistas, meias pensionistas e externas. As materias que se ensinam são: lêr, escrever, contar, grammatica nacional, arithmetica, francez, inglez, musica, dansa, desenho, geographia, coser, bordar, cortar, labyrintar, marcar, cacundê, e outras obras de agulha. Os pais de familias ficarão satisfeitos pelo desvelo com que suas filhas serão tratadas, e pelo augmento que ellas terão em seus estudos; advertindo que as mensalidades serão pagas em quartel adiantado, findo o qual deverão adiantar outro. O preço das pensionistas são: 60$000 por quartel, das meias pensionistas 30$000, e as externas conforme o ajuste. Os pais de familias tanto da praça como fóra della, que quizerem honra-las com sua confiança, poderão dirigir-se á rua do Fagundes n. 5, quem vem da ribeira o segundo sobrado ao pé do de varanda encarnada.

— Arrenda-se uma boa casa em Apipucos: a fallar na rua Augusta n. 60.

— N. O. Bieber & Companhia participam que o Sr. F. A. Zietz, desejando retirar-se do commercio, cessa de hoje em diante de ser socio do seu estabelecimento, e que em seu lugar entra o Sr. J. H. H. Holm.

O BRASIL MARITIMO.

Até o dia 15 deste mez acha-se aberta nesta typographia a renovação de assignatura do segundo anno deste interessante periodico, dedicado unicamente á propagação dos conhecimentos maritimos, organisação e administração etc. da marinha de guerra e mercante nacional, sendo redigido pelo Sr. tenente da armada Enzebio José Antunes, auxiliado pela collaboração de algumas pessoas illustradas da mesma corporação. Publica-se duas vezes por mez em dias indeterminados, contendo 12 paginas em quarto, sendo 8 destinadas ás materias do programma, e 4 exclusivamente á publicação das regras internacionaes e diplomacia do mar de Ortolan, obra esta assás importante e necessaria á todos que sulcam es Oceanos. O custo da assignatura he de 5$000 annuaes pagos adiantado, e de 8$000 para os senhores subscriptores que quizerem possuir quasi todo o primeiro volume da obra referida, já annexa ao primeiro anno do periodico.

— Quem precisar de qualquer escripturação commercial, offerece-se para a fazer uma pessoa com a necessaria pratica e desenvolvimento; a tratar na rua do Sebo, sobrado amarello, ou na rua do Vigario n. 5, armazem.

— Precisa-se de uma ama que saiba cozinhar e engommar com perfeição, pagando-se bem: na rua da Cadeia do Recife n. 49, primeiro andar.

— No hotel da Europa da rua da Aurora dá-se comida para casas particulares mensalmente, por preço commodo.

— No hotel da Europa da rua da Aurora tem boas salas e quartos para aluguel, com comida ou sem ella.

COROADA POR SUAS VIRTUDES.
A' VERDADEIRA
AGUA DOS AMANTES.

Quem fôr *amante* não póde
Su'*agua deixar de comprar*,
Tira pannos, sardas, espinhas
Faz a pelle clarear.

Refresca, lustra e suavisa a cutis,
Tira rugas, bortoejas, que primor!
Quem com a *Agua dos Amantes*
Não gozará do amor?

As nossas bellas patricias
Desta agua devem usar,
P'ra mais bellas ficarem,
Mais bellas de fascinar.
He liquido são—especifico
Que deve ser procurado,
Pois torna o ente querido
Muito mais formoseado.
Dous mil réis a garrafinha,
Pode qualquer comprar,
Cá na rua do Queimado
Vinte e sete procurar.
He o seu unico deposito,
Deposito mui afamado
Aonde tal elixir
He por todos procurado.
O duplo de importe se devolve
Não sendo efficaz em curar,
Uma só queixa inda não houve!
O que todos podem apreciar.

Acha-se á venda na rua do Queimado n.º 27, unico deposito.

COSINHEIRO.

Dá-se muito bom ordenado por um cozinheiro francez: quem quizer annuncie para ser procurado.

— No hotel da Europa da rua da Aurora tem bons peliscos a toda a hora, pelos preços marcados na tabella, muito razoaveis.

— No sitio denominado Torre, em Belém, appareceu um cavallo; quem fôr seu dono póde alli comparecer; advertindo-se que o morador do mesmo sitio não se responsabilisa pelo desapparecimento do mesmo cavallo.

— Troca-se ou vende-se um sitio na Passagem da Magdalena ao pé do Capibaribe, em lugar muito fresco, casa nova e sitio grande, por casas na praça, de mais ou menos valor, assim como se póde incluir nesta traça até 12 escravos de ambos os sexos, todos de flor, isto he, sendo o predio ou predios de mais valor: quem lhe convier fazer este negocio annuncie para ser procurado.

— Offerece-se uma ama branca para casa de homem solteiro ou de pouca familia, mesmo ainda para algum sitio perto da praça; quem precisar procure na rua do Fogo n. 17.

— Alugam-se duas casas terreas com commodos sufficientes para pequena familia, sendo uma sita na rua do Sebo n. 52, e a outra no principio da Soledade n. 27: a tratar na rua da Aurora n. 26.

B. C. P. A.

The Half yearly meeting of the British Clerks Provident Association will be held on Friday 5 January, C. P. M., at Library Rooms, subscriptions received on same day at the usual hour & place, persons wishing new shares will please apply for them on Tuesday.—*Soares Treasurer.*

— Os credores da massa fallida de José Martins Alves da Cruz podem apresentar os documentos de seus creditos na rua da Cruz n. 27, até o dia 3 de janeiro proximo, afim de serem verificados pela commissão nomeada.

— Precisa-se alugar um sitio distante da praça de uma a quatro leguas: na rua do Crespo n. 15.

— O abaixo assignado declara e faz sciente a quem convier, que em consequencia do seu máo estado de saude, deixou desde o primeiro de janeiro de 1855 de ser socio do estabelecimento de botica, na rua Direita n. 131, ficando desde esse dia o mesmo estabelecimento pertencendo, e a cargo sómente do Sr. Manoel Antonio Torres. Recife 31 de dezembro de 1854.—*José Maria de Mendonça e Castro.*

— No dia 30 de dezembro do mez proximo passado, desappareceu um preto crioulo, bastante ladino, de nome Miguel, o qual preto foi comprado ao Sr. Luiz Cesario do Rego; levou camisa rôxa de riscado francez já velha com um remendo grande quadrado de outra chita, e calça branca com outra velha escura por baixo, será talvez da que use, e sem chapéo, tem o officio de canoeiro, he bonita figura, bem preto, faltam-lhe 3 dentes na frente do lado de cima, tem barba no buço e no queixo; este preto teu já o costume de fugir, e quando o faz conserva-se mesmo dentro da cidade occulto pelos canoeiros da rua Nova; ou então vai para os immediações desta cidade 3 a 4 leguas; e ainda ha pouco na ultima fugida que fez se conservou occulto, segundo me informaram, alguns tempos no engenho Mossambique, e por intervenção do Illm. Sr. Dr. Velloso he que foi entregue ao Sr. Luiz Cesario onde era seu senhor: quem o pegar, leve-o á seu senhor, na rua da Cadeia de Santo Antonio n. 7, em casa de I. L. B. Taborda, que será bem recompensado.

— Desappareceu no dia 28 do passado mez, do sobrado da rua da Cadeia Velha n. 52, um cão estrangeiro da raça chamado Water Spancel, he muito cabelludo, orelhas grandes escuras, cauda branca, e a côr malhado de rôxo, he muito conhecido nesta praça: a pessoa que o descubrir tenha a bondade de o levar ao sobredito lugar, que será recompensada.

— Precisa-se de um preto de meia idade, sendo fiel, para servir a um homem solteiro: na rua Velha, na Boa-Vista, n. 123 se dirá quem precisa.

— Dá-se 150$000 no Porto a quem dér aqui 300$ rs.; na rua do Vigario n. 21.

— Perdeu-se uma ataca de ouro na Passagem da Magdalena, desde o viveiro até a quina que volta para o retiro; quem a achou e quizer restituir, a entregará na padaria, na mesma Passagem, que será bem gratificado.

— Perdeu-se uma pulceira desde a rua de S. Bento até o Varadouro, ou do chafariz de Fóra de Portas até a rua do Pilar: quem a achar, querendo restituir, leve-a á casa n. 101, na rua do Pilar, ou na rua de S. Bento, em Olinda, ao pé do fiscal José Theodoro, que será gratificado.

— Lourenço Gomes da Cruz offerece-se para ser criado de uma casa ingleza ou franceza; quem quizer annuncie.

FRONTISPICIO DO CARMO.

Os meios bilhetes em quartos de n. 1095, 2254, 3585 e 3879, pertencem a sociedade do frontispicio do Carmo.

— Quem precisar de um rapaz portuguez para caixeiro de taberna, do que tem bastante pratica, ou mesmo para outro qualquer estabelecimento, dirija-se a rua Direita, taberna n. 4, que achara com quem tratar.

— Os abaixo assignados fazem sciente ao respeitavel corpo de commercio desta praça, que amigavelmente dissolveram a sociedade que tinham na padaria, sita na rua Imperial n. 173, desde o dia 30 de dezembro de 1854, a qual gyrava sob a firma de Costa & Santos por assim o querer o socio Santos, ficando o mesmo Santos com a padaria, e a cargo do mesmo todo o activo e passivo da mesma sociedade; e os senhores credores hajam de apresentar suas contas a qualquer dos socios para serem conferidas. Recife 2 de janeiro de 1855.—*Joaquim Luiz dos Santos Villa-Verde, Narciso José da Costa.*

— Offerece-se uma mulher parda para ama de homem solteiro ou de pouca familia, cozinha e compra: a tratar na rua de Santa Cecilia n. 13.

— Antonio Pereira Vianna deixou de ser caixeiro de Antonio Ferreira Lima desde o dia 2 do corrente.

— Offerece-se para ama de uma casa, para cozinhar, uma mulher muito capaz; a tratar na rua de S. Francisco, casa n. 22.

— O abaixo assignado, thesoureiro da sociedade denominada Serra-Negra, tem comprado para a mesma sociedade os bilhetes a saber: ns. 1098, 1211, 1215, 2421, 2632, 3643, da 1.a parte da 1.a loteria a beneficio da criação dos bichos da seda.

Candido Pereira Monteiro.

COMPRAS.

— Compra-se uma escrava que seja moça e bem parecida, e que saiba cozinhar bem e engommar: quem a tiver annuncie para ser procurado, ou procure ao major Antonio da Silva Gusmão, no armazem de illuminação, na rua da Praia, das 9 horas da manhãa as 10.

— Compra-se uma negra de nação, de meia idade, com algumas habilidades: na rua Augusta n. 60.

— Compra-se um relogio de ouro, patente inglez: no aterro da Boa-Vista n. 47, segundo andar.

VENDAS.

ALMANAK PARA 1855.

Sahiram a' luz as folhinhas de algibeira com o almanak administrativo, mercantil, agricola e industrial desta provincia, corrigido e accrescentado, contendo 400 paginas: vende-se a 500 rs., na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

FOLHINHAS PARA 1855.

Acham-se a' venda as bem conhecidas folhinhas impressas nesta typographia, de algibeira a 320, de porta a 160. e ecclesiasticas a 480 rs., vendem-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

MELPOMENE DE LAN ESCOCEZ
A 500 RS. O COVADO.

Na loja n. 17 da rua do Queimado, ao pé da botica, vende-se alpaca de lãa escoceza, chegada pelo ultimo navio, a qual fazenda na Europa se dá o nome de Melpomene de Escocia, muito propria para roupões e vestidos de senhora e meninos por ser de muito brilho, pelo commodo preço de 500 rs. cada covado; dão-se as amostras com penhores.

— Vende-se a loja de calçados, defronte do oitão da igreja do Livramento, muito afreguezada, e com poucos fundos: a tratar na rua do Livramento n. 29.

— Vende-se uma loja de miudezas em uma das principaes ruas desta cidade, a dinheiro ou a prazo, e bem afreguezada, em consequencia do dono retirar-se desta cidade a tratar de sua saude: quem pretender, dirija-se ao aterro da Boa-Vista n. 82, que se dirá quem vende.

— Vende-se uma preta de nação, que cozinha, engomma e cose: na rua larga do Rosario n. 48, segundo andar.

— Vende-se mercurio doce, chegado recentemente de Lisboa; no armazem de Tarroso & Companhia, rua de Apollo n. 18.

— Vende-se uma bonita negra da Costa, moça, e de excellente conducta, sabendo coser bem, engommar, cozinhar, e muito boa quitandeira: na rua dos Martyrios n. 14.

—Vende-se uma casa com sitio, no lugar da Torre, a margem do rio, edificada ha pouco tempo, em chãos proprios, com bastantes commodidades, cocheira, estribaria, etc., etc.: quem pretender comprar este predio, dirija-se a rua da Cruz n. 10, que sendo possivel se fara qualquer negocio.

FRASCOS DE VIDRO DE BOCCA LARGA COM ROLHAS.

Novo sortimento do tamanho de 1 a 12 libras.

Vendem-se na botica de Bartholomeu Francisco de Souza, rua larga do Rosario n. 36, por menor preço que em outra qualquer parte.

—Vende-se cognac em caixas de duzia: no armazem de Brunn Praeger & C., rua da Cruz n. 10.

Marmelada

a mais fina e melhor do mercado, vem caixinhas de uma libra: vende-se na rua do Collegio n. 12.

Massa de tomates.

Em latas de 4 libras, excellente para tempero, vinda recentemente de Lisboa: vende-se na rua do Collegio n. 12.

Attenção.

Vendem-se 102 traves, no caes do Ramos: a tratar na rua do Passeio, loja n. 13.

— Vende-se um negro bastante moço, o qual tem officio de carreiro, he serrador, e muito proprio para o campo por ter sido do matto, e entende de plantações: quem o pretender, dirija-se a qualquer hora do dia, na rua dos Prazeres, no bairro da Boa-Vista, a ultima casa terrea pintada de rôxo.

— Vende-se sola muito boa, pelles de cabra. e gomma muito boa em saccos: na rua da Cadeia do Recife n. 49, primeiro andar.

— Vende-se no caes da alfandega, armazem n. 7, barris com potassa, vindos do Rio de Janeiro, por preço mais em conta do que em outra qualquer parte.

— Vendem-se ricos e modernos pianos, recentemente chegados, de excellentes vozes, e preços commodos: em casa de N. O. Bieber & Companhia, rua da Cruz n. 4.

— Vende-se a bem afreguezada venda na rua Nova n. 50, com dividas e generos constantes do balanço, no estado em que estiver, a praso ou a dinheiro a vista, conforme se convencionar. Os pretendentes poderão examinar e fazer suas propostas, depois das quaes nenhuma reclamação sera' attendida ao comprador: a' tratar no largo da Alfandega, com Guimarães & Alcoforado, Luiz José da Costa Amorim, Vicente Ferreira da Costa & C.

— Vendem-se relogios de ouro, prata, prata chapeada, dourada, de patente Inglez e horisontal, sabonete, tudo pelo preço o mais comodo possivel: na rua da Cruz do Recife n. 26 primeiro andar.

— Vendem-se cavalinhas em barris pequenos, trazendo cento e tantas cada um, chegadas ultimamente de Lisboa, por commodo preço: na travessa da Madre de Deos, armazem n. 4 e 6.

— Vendem-se 2 escravas de nação, com algumas habilidades; na rua da Cruz do Recife, casa n. 11, segundo andar.

— Batatas inglezas a retalho: no armazem de recolher n. 3, de Paula Lopes, no caes da alfandega, a 1$000 a arroba; a ellas, antes que se acabem.

— Vende-se gomma de engommar muito superior, da melhor que tem vindo ao mercado, a 2$400 a arroba, e a 80 rs. a libra: na taberna da rua de Hortas n. 4.

— Vendem-se no armazem n. 60, da rua da Cadeia do Recife, de Henry Gibson, os mais superiores relogios fabricados em Inglaterra, por preços modicos.

— Vende-se por commodo preço um piano em muito bom uso: no Hospicio, casa n. 8, entre as das viuva Cunha e Arcenio.

— Na loja da rua da Cadeia velha n. 27, ha para vender uma porção de sellins inglezes, tanto de burranhas como sem ellas, assim como bons sellins proprios para pagens tambem inglezes, por preços commodos.

— Vende-se um preto crioulo, official de pedreiro, de idade 22 annos, bonita figura e sem vicio, assim como tambem mais 3 pretas; na rua do Cabugá n. 3, segundo andar.

FARINHA DE MANDIOCA.

Vende-se a bordo do brigue *Conceição*, entrado de Santa Catharina, e fundeado na volta do Forte do Mattos, a mais nova farinha que existe hoje no mercado, e para porções a tratar no escriptorio de Manoel Alves Guerra Junior, na rua do Trapiche n. 14.

PARA ACABAR.

Vendem-se cassas francezas de cores fixas, e lindos padrões, pelo baratissimo preço de 140 rs. o covado: na loja da Guimarães & Henriques, rua do Crespo n. 5.

Deposito de vinho de champagne Chateau-Ay, primeira qualidade, de propriedade do conde de Marcuil, rua da Cruz do Recife n. 20: este vinho, o melhor de toda a Champagne, vende-se a 36$000 rs. cada caixa, acha-se unicamente em casa de L. Lecomte Feron & Companhia. N. B.—As caixas são marcadas a fogo—Conde de Marcuil—e os rotulos das garrafas são azues.

CEMENTO ROMANO BRANCO.

Vende-se cemento romano branco, chegado agora, de superior qualidade, muito superior ao do consumo, em barricas e as tinas: atraz do theatro, armazem de taboas de pinho.

— Vende-se um cabriolet com coberta e os competentes arreios para um cavallo, tudo quasi novo: para ver, no aterro da Boa-Vista, armazem do Sr. Miguel Segeiro, e para tratar no Recife rua do Trapiche n. 14, primeiro andar

RUA DO CRESPO N. 12.

Vende-se nesta loja superior damasco de seda de cores, sendo branco, encarnado, rôxo, por preço razoavel.

—Vendem-se lonas da Russia por preço commodo, e de superior qualidade: no armazem de N. O. Bieber & C., rua da Cruz n. 4.

OBRAS DE LABYRINTHO.

Acham-se a venda por commodos preços ricos lenços, toalhas e coeiros de labyrintho, chegados ultimamente do Aracaty: na rua da Cruz do Recife n. 34, primeiro andar.

Agencia de Edwin Maw.

Na rua de Apollo n. 6, armazem de Mc. Calmon & Companhia, acha-se constantemente bons sortimentos de taixas de ferro coado e batido, tanto rasa como fundas, moendas inteiras todas de ferro para animaes, agoa, etc., ditas para armar em madeira de todos os tamanhos e modelos os mais modernos, machina horisontal para vapor com força de 4 cavallos, cocos, passadeiras de ferro estanhado para casa de purgar, por menos preço que os de cobre, esco-vens para navios, ferro da Suecia, folhas de flandres; tudo por barato preço.

—Na rua do Vigario n. 19 primeiro andar, tem a venda a superior flanella para forro de sellins chegada recentemente da America.

Potassa.

No antigo deposito da rua da Cadeia Velha, escriptorio n. 12, vende-se muito superior potassa da Russia, americana e do Rio de Janeiro, a preços baratos que he para fechar contas.

Devoto Christão.

Sahio a luz a 2.ª edição do livrinho denominado—Devoto Christão, mais correcto e acrescentado: vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia a 640 rs. cada exemplar.

PUBLICAÇAO' RELIGIOSA.

Sahio á luz o novo Mez de Maria, adoptado pelos reverendissimos padres capuchinhos de N. S. da Penha desta cidade, augmentado com a novena da Senhora da Conceição, e da noticia historica da medalha milagrosa, e de N. S. do Bom Conselho: vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da independencia. a 1$000.

— Vende-se uma taberna na rua do Rosario da Boa-Vista n. 47, que vende muito para a terra, os seus fundos são cerca de 1:200$000 rs., vende-se porém com menos se o comprador assim lhe convier: a tratar junto á alfandega, travessa da Madre de Deos armazem n. 21.

Moinhos de vento

com bombas de repuxo para regar hortas e baixa, de capim, na fundição de D. W. Bowman: na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, tem para vender diversas musicas para piano, violão e flauta, como sejam, quadrilhas, valsas, redowas, schotickes, modinhas, tudo modernissimo, chegado do Rio de Janeiro.

AOS SENHORES DE ENGENHO.

O arcano da invenção' do Dr. Eduardo Stolle em Berlin, empregado nas colonias inglezas e hollandezas, com grande vantagem para o melhoramento do assucar, acha-se a venda; em latas de 10 libras, junto com o methodo de emprega-lo no idioma portuguez, em casa de N. O. Bieber & Companhia, na rua da Cruz. n. 4.

—Vende-se uma rica mobilia de jacaranda', com consolos e mesa de tampo de marmore branco, a dinheiro ou a prazo, conforme se ajustar: a tratar na rua do Collegio n. 25, taberna.

DEPOSITO DE CAL DE LISBOA.

Na rua da Cadeia do Recife n. 50 ha para vender barris com cal de Lisboa, recentemente chegada.

— Vende-se uma balança romana com todos os seus pertences, em bom uso e de 2,000 libras: quem a pretender, dirija-se á rua da Cruz, armazem n. 4.

— Vende-se uma boa casa terrea em Olinda, rua da bica de S. Pedro, que faz esquina com o cercado de madeira, com 2 portas e 2 janellas de frente, 3 salas, 3 quartos, cozinha grande, copiar, estribaria, grande quintal todo murado, com portão e cacimba, muito propria para se passar a festa, mesmo para morar todo o anno: a tratar no Recife, rua do Collegio n. 21, segundo andar.

FARINHA DE MANDIOCA.

Vende-se superior farinha de mandioca, em saccas que tem um alqueire, medida velha, por preço commodo: nos armazens n. 3, 5 e 7 defronte da escadinha, e no armazem defronte da porta da alfandega, ou a tratar no escriptorio de Novaes & C., na rua do Trapiche n. 34, primeiro andar.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, vende-se farelo novo, chegado de Lisboa pela barca *Gratidão*.

POTASSA BRASILEIRA.

Vende-se superior potassa, fabricada no Rio de Janeiro, chegada recentemente, recommenda-se aos senhores de engenhos os seus bons effeitos ja' experimentados: na rua da Cruz n. 20, armazem de L. Leconte Feron & Companhia.

Taixas para engenhos.

Na fundiçao' de ferro de D. W. Bowmann, na rua do Brum, passando o chafariz, continua haver um completo sortimento de taixas de ferro fundido e batido de 3 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por preço commodo e com promptidao': embarcam-se ou carregam-se em carro sem despeza ao comprador.

AGENCIA
Da Fundiçao' Low-Moor. Rua da Senzala nova n. 42.

Neste estabelecimento continúa a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor, e taixas de ferro batido e coado, de todos os tamanhos, para dito.

—Em casa de J. Keller & C., na rua da Cruz n. 55, ha para vender 3 excellentes pianos vindos ultimamente de Hamburgo.

ANTIGO DEPOSITO DE CAL E POTASSA.

No antigo deposito da rua do Trapiche n. 15, ha muito superior potassa da Russia e americana, e cal virgem, chegada ha pouco, tudo por preço commodo.

— Vende-se excellente taboado de pinho, recentemente chegado da America: na rua de Apollo, trapiche do Ferreira, a entender-se com o administrador do mesmo.

— Vende-se caldo de tomates chegado ultimamente de Genova, a 900 rs. a libra: em Fóra de Portas n. 147, junto a intendencia, terceiro andar.

SYSTEMA MEDICO DE HOLLOWAY.

PILULAS HOLLOWAY.

Este inestimavel especifico, composto inteiramente de hervas medicinaes, não contem mercurio, nem outra alguma substancia delecterea. Benigno á mais tenra infancia, e á compleição mais delicada, he igualmente prompto e seguro para desarraigar o mal na compleição mais robusta; he inteiramente innocente em suas operações e effeitos; pois busca e remove as doenças de qualquer especie e grão, por mais antigas e tenazes que sejam.

Entre milhares de pessoas curadas com este remedio, muitas que já estavam ás portas da morte, perseverando em seu uso, conseguiram recobrar a saúde e forças, depois de haver tentado inutilmente todos os outros remedios.

As mais afflictas não devem entregar-se á desesperação: façam um competente ensaio dos efficazes effeitos desta assombrosa medicina, e prestes recuperarão o beneficio da saúde.

Não se perca tempo em tomar esse remedio para qualquer das seguintes enfermidades:

Accidentes epilepticos.	« de toda especie.
Alporcas.	Gota.
Ampolas.	Hemorrhoidas.
Areias (mal d').	Hydropisia.
Asthma.	Ictericia.
Colicas.	Indigestões.
Convulsões.	Inflammações.
Debilidade ou extenuação.	Irregularidades da menstruação.
Debilidade ou falta de forças para qualquer cousa.	Lombrigas de toda especie.
	Mal-de-pedra.
Desinteria.	Manchas na cutis.
Dor de garganta.	Obstrucção de ventre.
« de barriga.	Phthisica ou consumpção pulmonar.
« nos rins.	
Dureza no ventre.	Retenção d'ourina.
Enfermidades no figado.	Rheumatismo.
« venereas.	Symptomas segundarios.
Enxaqueca.	Temores.
Herysipela.	Tico doloroso.
Febres biliosas.	Ulceras.
« intermittentes.	Venereo (mal).

Vendem-se estas pilulas no estabelecimento geral de Londres, n. 244, *Strand*, e na loja de todos os boticarios, droguistas e outras pessoas encarregadas de sua venda em toda a America do Sul, Havana e Hespanha.

Vende-se as bocetinhas a 800 réis. Cada uma dellas contém uma instrucção em portuguez para explicar o modo de se usar d'estas pilulas.

O deposito geral he em casa do Sr. Soum, pharmaceutico, na rua da Cruz n. 22, em Pernambuco

NAVALHAS A CONTENTO E TESOURAS.

Na rua da Cadeia do Recife n. 48, primeiro andar, escriptorio de Augusto C. de Abreu, continuam-se a vender a 8$000 o par (preço fixo) as ja bem conhecidas e afamadas navalhas de barba, feitas pelo habil fabricante que foi premiado na exposição de Londres, as quaes além de durarem extraordinariamente, não se sentem no rosto na acção de cortar; vendem-se com a condição de, não agradando, poderem os compradores devolve-las até 15 dias depois da compra restituindo-se o importe. Na mesma casa ha ricas tesourinhas para unhas, feitas pelo mesmo fabricante.

— Negocia-se uma casa nova e moderna na estrada da Ponte d'Uchoa, com seis salas, oito quartos e alcovas, cosinha, despensa, com um optimo sitio com toda a qualidade de fruteiras, grande jardim murado com muitas flores, cocheira, estribaria, quarto para feitor, cacimba com bomba, etc., etc.: vende-se debaixo de condições mui favoraveis para o comprador: a tratar na rua da Cruz n. 10.

—Vendem-se em casa de S. P. Johnston & C., na rua de Senzalla Nova n. 42.
Vinho do Porto superior engarrafado.
Sellins inglezes.
Relogios de ouro patente inglez.
Chicotes de carro.
Farello em saccas de 3 arrobas.
Fornos de farinha.
Candelabros e candieiros bronzeados.
Despenceira de ferro galvanisado.
Ferro galvanisado em folha para forro.
Cobre de forro.

MECHANISMO PARA ENGENHO.

NA FUNDIÇAO DE FERRO DO ENGENHEIRO DAVID W. BOWNIAN, NA RUA DO BRUM, PASSANDO O CHAFARIZ,

ha sempre um grande sortimento dos seguintes objectos de mechanismos proprios para engenhos, a saber: moendas e meias moendas da mais moderna construcção; taixas de ferro fundido e batido, de superior qualidade, e de todos os tamanhos; rodas dentadas para agua ou animaes, de todas as proporções; crivos e boccas de fornalha e registros de boeiro, aguilhões, bronzes parafusos e cavilhões, moinho de mandioca, etc. etc.

NA MESMA FUNDIÇAO

se executam todas as encommendas com a superioridade já conhecida, e com a devida presteza e commodidade em preço.

—Na livraria da rua do Collegio n. 8, vende-se uma escolhida collecção das mais brilhantes peças de musica para piano, as quaes são as melhores que se podem achar para fazer um rico presente.

RUA DO TRAPICHE N. 10.

Em casa de Paton Nash & C., ha para vender:
Sortimento variado de ferragens.
Amarras de ferro de 3 quartos até 1 polegada.
Champagne da melhor qualidade em garrafas e meias ditas.
Um piano inglez dos melhores.

CEMENTO ROMANO.

Vende-se superior cemento em barricas grandes; assim como tambem vendem-se as tinas: atraz do theatro, armazem de Joaquim Lopes de Almeida.

— Na rua das Cruzes n. 44, vende-se uma escrava de nação, de idade 30 annos, optima engommadeira e cozinheira, e lava de sabão.

— Na travessa da Madre de Deos n. 9, vende-se o seguinte: saccas com farellos novos, papel das seguintes qualidades: perlina, almaço primeira e segunda sorte, machina, florete, para chapeleiros, para botica, de embrulho de todas as qualidades e tamanhos, caixas com massas, barricas com farinha muito superior, ditas com genebra, ditas com cerveja, caixas com canella, saccas com pimenta, barricas com cravo, garrafões vasios de todos os tamanhos, caixas com licores, vinho tinto e branco, tudo chegado recentemente, e por preços commodos; assim como sabão amarello muito secco.

— Vendem-se libras de chocolate francez do melhor, que tem apparecido no mercado e por barato preço: na rua da Cruz n. 26 primeiro andar.

— Vendem-se licores de absinth e Kisch do melhor possivel e por commodo preço: na rua da Cruz n. 26 primeiro andar.

— Vende-se o verdadeiro vinho Bordeaux engarrafado, tanto tinto como branco, e por baratissimo preço: na rua da Cruz n. 26 primeiro andar.

— Vende-se um mulato e uma mulata casados: no largo da Boa-Vista n. 88, sobrado de 2 andares.

— Vende-se um grande sitio de terras no lugar da ponte dos Carvalhos, denominado Ilha do Martins, com extensão de tres quartos de legua, com casa de vivenda em mao estado, contendo dita propriedade 400 pés de coqueiros todos de fructas, e outros arvoredos, e matta sufficiente que pode-se edificar um engenho, querendo, pois dita terra he boa para plantações: quem pretender, dirija-se aos Afogados, a tratar com Claudio Pereira de Carvalho, casa n. 24.

ESCRAVOS FUGIDOS.

— Do engenho Mascatinho, sito na freguezia de Una, fugio em um dos primeiros dias de dezembro, um escravo crioulo, de nome Salvador, de idade de 20 annos pouco mais ou menos, baixo, cor preta, tem uma cicatriz no rosto proveniente de uma apostema que arrebentou: roga-se as autoridades policiaes e capitães de campo, o peguem e levem-a ao referido engenho, ou no Recife no pateo do Carmo n. 17, que se recompensara.

PERN.: TYP. DE M. F. DE FARIA. —1855

MUTILADO